

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Filipa Daniela Gomes de Carvalho

**Música no 1º ciclo na Região Autónoma da Madeira:
conceção, implementação e avaliação do ESCOL'Artes**

Dissertação de Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico,
apresentada ao Departamento de Artes e Tecnologia da Escola Superior de Educação
de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Constituição do júri:

Presidente: Prof. Doutor Carlos Santos Luís

Arguente: Prof. Doutor Filomeno Raimundo

Orientadora: Prof^a. Doutora Maria do Amparo Carvas Monteiro

Data da realização da Prova Pública: 18 de julho de 2016

Classificação: Excelente, 19 valores

Julho de 2016

AGRADECIMENTOS

À minha Orientadora, Professora Doutora Maria do Amparo Carvas, o meu mais profundo reconhecimento pelo saber transmitido, apoio, generosidade e disponibilidade incondicional demonstrada em cada fase do meu percurso e desta dissertação. O meu bem haja também pelo interesse e otimismo que me motivou e impulsionou, e também agradeço as críticas e as muitas correções que foi propondo.

Aos meus Pais, por todo o incentivo, motivação e empenho que demonstraram ao longo do meu percurso académico.

Ao Ricardo Brito, que sempre acreditou na concretização deste trabalho, e que contribuiu de alguma forma para a sua materialização.

À minha pequena Leonor, que é a minha Vida!

A todos os que contribuíram das mais diversas formas para a concretização deste projeto, o meu muito obrigada!

Música no 1º ciclo na Região Autónoma da Madeira: conceção, implementação e avaliação do ESCOL'Artes

RESUMO:

A Direção de Serviços de Educação Artística e Multimédia, criada em 1980, a partir de um projeto de implementação da expressão musical e dramática no 1.º ciclo do Ensino Básico, é uma dependência da Secretaria Regional de Educação da Região Autónoma da Madeira, doravante denominada RAM, com 35 anos de trabalho no processo de introdução das artes no ensino geral.

Com a sedimentação deste projeto, cedo se percebeu a necessidade de partilhar com o público e com a comunidade escolar as práticas letivas dos alunos finalistas do 1º ciclo, através de um espetáculo que é, hoje, intitulado *ESCOL'Artes*.

O *ESCOL'Artes* é um espetáculo que congrega cerca de 500 crianças das várias escolas da RAM numa verdadeira simbiose das várias modalidades artísticas, a saber, Expressão Dramática, Canto Coral, Instrumental Orff, Dança e Cordofones Madeirenses.

Com este trabalho de investigação-ação, procuramos evidenciar a importância deste projeto na formação artística das crianças do 1º ciclo da RAM, destacando o *ESCOL'Artes* como o culminar das aprendizagens realizadas ao longo do 1º CEB.

Deste modo, o contexto metodológico da investigação-ação centrou-se na implementação da 3ª parte do espetáculo *ESCOL'Artes* “Nos trilhos da Luz”, desenvolvido com os alunos das escolas EB1/PE da Ponta do Pargo, EB1/PE Vasco da Gama Rodrigues e EB123/PE Professor Francisco Manuel Santana Barreto, no concelho da Calheta.

Para fundamentar este projeto, numa primeira parte procedeu-se a uma revisão bibliográfica direcionada de forma a contextualizar / fundamentar o ensino da música a nível histórico, nacional e regional, e numa segunda parte tratou-se da conceção, implementação e avaliação do *ESCOL'Artes*, numa aplicação prática no funcionamento das aulas curriculares de Expressão Musical e Dramática.

Palavras-chave: Educação Artística; Expressão Musical e Dramática; DSEAM; *ESCOL'Artes*;

Music in Autonomous *Region of Madeira's* Key stage 1 (1st, 2nd, 3rd and 4th grade): ESCOL'Artes conception, accomplishment and evaluation

ABSTRACT:

The Artistic Education and multimedia management services, created in 1989, through a Musical and Dramatic Expression accomplishment project in the Key stage 1, is an Autonomous *Region of Madeira's* Regional Education Department, also known as ARM, working for along thirty five years on the process to introduce Arts in general teaching.

With this project execution, soon we understood the need to share with the public and with all the school community the 4th grade finishers' school years practices, through an exhibition that is named, in our days, ESCOL'Artes.

The ESCOL'Artes spectacle assembles around five hundred children from several ARM schools, in a wonderful symbiosis between some artistic areas: Dramatic Expression, Choral Chant, Orff Instrumental, Dance and Madeira's Chordophones.

With this action/investigation we intend to evidence this project's importance on the key stage1 children's artistic formation, highlighting ESCOL'Artes as the main learning result accomplished along this key stage in ARM.

Therefore, the action/investigation methodological context have been focused on ESCOL'Artes 3rd part implementation named "Nos trilhos da Luz" (In the path of light), which have been developed with students from Ponta do Pargo School, Vasco da Gama Rodrigues School and Professor Francisco Manuel Santana School, in Calheta council.

In order to found this project, in the first part we proceed to a bibliographic review toward to contextualize/underlie the teaching of music in an historical level, nationally and regionally, and in the second part we directed our work to the ESCOL'Artes conception, accomplishment and evaluation, in a practice application in the functioning of Musical and Dramatic Expression curricular classes.

Key words: Artistic Education; Musical and Dramatic Education; DSEAM; ESCOL'Artes.

ABREVIATURAS

ABEM - Associação Brasileira de Educação Musical
AC - Atividades Curriculares
ACCEC - Atividades do Complemento do Currículo/Extra Curriculares
AEC - Atividades de Enriquecimento Curricular
APEM - Associação Portuguesa de Educação Musical
Art.º - Artigo
CAEA - Centro de Apoio à educação Artística
CEI - Currículo Específico Individual
CMC - Câmara Municipal da Calheta
CMF - Câmara Municipal do Funchal
CNE - Conselho Nacional de Educação
CRSE - Comissão de Reforma do Sistema Educativo
DAEA - Divisão de Apoio à Educação Artística
DEA - Divisão de Educação Artística
DIM - Divisão de Investigação e Multimédia
DRE - Direção Regional de Educação
DSEAM - Divisão de Serviços e Educação Artística e Multimédia
DVD - *Digital Versatile Disc*
EB1 - Escola Básica do 1º Ciclo
EB1/PE - Escola Básica do 1º Ciclo com Pré Escolar
EFM - Expressão Físico-Motora
EM - Educação Musical
ESEC - Escola Superior de Educação de Coimbra
ETI - Escola a Tempo Inteiro
EU - União Europeia
GAEMP - Gabinete de Apoio à Expressão Musical e Dramática
GCEA - Gabinete de Coordenação de Educação Artística
LBSE - Lei de Bases do Sistema Educativo
LED - Light Emitting Diode
MCC - Modalidade de Canto Coral

MCTM - Modalidade de Cordofones Tradicionais Madeirenses

MD - Modalidade Dança

MED - Modalidade de Expressão Dramática´

MI - Modalidade Instrumental

NEE - Necessidades Educativas Especiais

OTL - Ocupação de Tempos Livres

PAA - Plano Anual de Atividades

PAA - Projeto Anual de Atividades

PAAA - Professor de Apoio às Atividades Artísticas

PAPI - Plano de Acompanhamento Pedagógico Individual

PCA - Projeto Curricular do Agrupamento

PDF - *Portable Document Format*

PEA - Perturbações do Espectro do Autismo

PEE - Plano Educativo Escolar

PEI - Programa Educativo Individual

PES - Prática de Ensino Supervisionada

Prof.^a - Professora

RAM - Região Autónoma da Madeira

Vd. - *Ver* (veja)

ÍNDICE GERAL

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 3 |
| PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONTEXTUAL | 7 |
| 1. Breve Resenha histórica | 9 |
| 2. O percurso da Música no 1º ciclo em Portugal | 21 |
| 3. Direção de Serviços de Educação Artística e Multimédia | 34 |
| 3.1 Enquadramento Histórico e Regulamentar | 34 |
| 3.2 Divisões de apoio da DSEAM | 39 |
| 4. A escola a tempo Inteiro na Região Autónoma da Madeira | 44 |
| 4.1. Funcionamento | 44 |
| 5. Expressão Artística nas Atividades Curriculares e de Enriquecimento do Curricular | 50 |
| 5.1 Atividades Curriculares (AC) | 50 |
| 5.2 Atividades de Enriquecimento Curricular..... | 57 |
| 6. ESCOL'artes | 64 |
| PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO | 67 |
| 1. Caracterização do Meio, das Escolas EB1/PE da Ponta do Pargo, EB1/PE Vasco da Gama Rodrigues e da EB1 2 3/PE Professor Francisco Manuel Santana Barreto | 70 |
| 1.1 – Concelho da Calheta | 70 |
| 1.2 Ponta do Pargo | 73 |
| 1.3 Paúl do Mar | 75 |
| 1.4 Fajã da Ovelha..... | 78 |
| 1.5 Caraterização da Escola EB1/PE da Ponta do Pargo | 81 |
| 1.5.1Caracterização da comunidade educativa | 83 |
| 1.5.2 Caracterização do contexto familiar | 84 |
| 1.6 Caraterização da EB1/PE Vasco da Gama Rodrigues | 84 |
| 1.6.1 Caracterização da comunidade educativa | 87 |
| 1.6.2 Caracterização do contexto familiar | 88 |

| | |
|---|-----|
| 1.7 Caracterização da Escola EB123/PE Professor Francisco Manuel Santana Barreto | 89 |
| 1.7.1 Caracterização da comunidade educativa | 91 |
| 1.7.2 Caracterização do contexto familiar..... | 92 |
| 1.8 Caracterização das Turmas | 93 |
| 1.8.1 Turma 3.º e 4.º anos EB1 /PE Ponta do Pargo | 93 |
| 1.8.2 Turma 3.º e 4.º anos EB1 /PE Vasco da Gama Rodrigues | 94 |
| 1.8.3 Turma 3.º e 4.º anos EB1 /PE Escola EB123/PE Professor Francisco Manuel Santana Barreto | 95 |
| 2. ESCOL'artes 2015 “Nos trilhos da Luz” | 97 |
| 2.1 Conceção | 97 |
| 2.2 Implementação | 100 |
| 2.3 Gravação..... | 114 |
| 2.4 Ensaio Geral do Concelho da Calheta..... | 117 |
| 2.5 Apresentação do <i>ESCOL'artes</i> 2015 – “Nos Trilhos da Luz” | 117 |
| 2.6. Avaliação do projeto ESCOLArtes | 120 |
| CONCLUSÃO | 127 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 131 |
| WEBGRAFIA | 139 |
| LEGISLAÇÃO..... | 140 |
| ANEXOS..... | 143 |
| Anexo I – Entrevista ao Dr. Professor Carlos Gonçalves | 145 |
| Anexo II – Guião..... | 152 |
| Anexo III – Planificações e respetivos relatórios descritivos, reflexivos e avaliativos | 158 |
| Anexo IV – Guião do Estúdio de Gravação | 191 |
| Anexo V – Solicitação da Caracterização | 191 |
| Anexo VI – Cartaz da Semana Regional das Artes..... | 193 |
| Anexo VII – Fotos do Ensaio Geral | 194 |
| Anexo VIII – Fotos do Espetáculo | 198 |

| | |
|--|-----|
| Anexo IX – Alunos caracterizados para o Quadro da Última Ceia | 203 |
| Anexo X – Fotografia do jornal D.N: da Madeira do de 20 de junho de 2015 | 204 |
| Anexo XI – Questionários aos Titulares de Turma..... | 205 |

ÍNDICE DE ANEXOS – DVD

1. Gravação Áudio ao Prof. Dr. Carlos Gonçalves
2. Gravação Áudio do *Escol'artes*
3. Gravação Vídeo do *Escol'artes*

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|-----|
| Ilustração 1 – Matriz curricular do 1.º Ciclo do Ensino Básico | 31 |
| Ilustração 2 – Organograma da Direção de Serviços de Educação Artística e Multimédia; Fonte: Relatório de Atividades DSEAM 2014..... | 38 |
| Ilustração 3 – Organograma da divisão de apoio à Educação Artística, retirado do plano de atividades de 2015 | 42 |
| Ilustração 4 – Horário Exemplo | 46 |
| Ilustração 5 – Partitura do voz do Soprano do Hino Regional da Região Autónoma da Madeira | 71 |
| Ilustração 6 – Município da Calheta | 72 |
| Ilustração 7 – Vista área da Ponta do Pargo..... | 74 |
| Ilustração 8 – Fotografia panorâmica do farol da Ponta do Pargo | 75 |
| Ilustração 9 – Fotografia panorâmica do Paul do Mar | 78 |
| Ilustração 10 – Freguesia da Fajã da Ovelha | 80 |
| Ilustração 11– Escola Básica do 1º ciclo com Pré-escolar da Ponta do Pargo | 81 |
| Ilustração 12 – EB1/PE Vasco da Gama Rodrigues | 85 |
| Ilustração 13 – EB123/PE Professor Francisco M. S. Barreto..... | 89 |
| Ilustração 14 – Excerto do Início da 5ª Sinfonia de Beethoven..... | 113 |
| Ilustração 15 – Alunos da EB123/PE Professor Francisco M. S. Barreto, em estúdio para gravação. | 115 |
| Ilustração 16 – Alunos da EB1/PE Vasco da Gama Rodrigues em gravações | 116 |

| | |
|--|-----|
| Ilustração 17 – Alunos a EB1/PE da Ponta do Pargo no estúdio de gravação | 116 |
| Ilustração 18 – Momentos antes do ensaio geral no Tecnopolo – “Ultima Ceia” .. | 118 |
| Ilustração 19 – Coro no ensaio geral | 118 |
| Ilustração 20 – Alunos sendo caracterizados pela Equipa de Animação | 119 |
| Ilustração 21 – Entrada do Coro | 119 |
| Ilustração 22 – Preparação do Coro | 119 |
| Ilustração 23 – Entrada dos Figurantes para a cena final | 120 |
| Ilustração 24 – Cena Final – Coro falado | 120 |

ÍNDICE DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 – Exemplo de tabela de 1º ano | 55 |
| Tabela 2 – Corpo Docente | 83 |
| Tabela 3 – Corpo não Docente | 83 |
| Tabela 4 – Corpo Discente | 83 |
| Tabela 5 – Corpo Docente | 87 |
| Tabela 6 – Corpo não Docente | 88 |
| Tabela 7 – Corpo Discente | 88 |
| Tabela 8 – Corpo Docente | 91 |
| Tabela 9 – Corpo não Docente do 1º ciclo | 91 |
| Tabela 10 – Corpo Discente | 92 |

ÍNDICE DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| Gráfico 1 – Habilitações Literárias dos Pais | 93 |
| Gráfico 2 – Habilitações Literárias dos Pais | 95 |
| Gráfico 3 – Habilitações Literárias dos Pais | 96 |

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

“A educação musical é a suprema, visto que, mais que qualquer outra coisa, o ritmo e a harmonia conseguem penetrar os mais secretos recantos da alma.” (Platão)

A música, desde sempre, tem revelado um papel fundamental no desenvolvimento da criança favorecendo e estimulando capacidades de expressão e comunicação, de imaginação criativa e atividade lúdica, favorecendo o sentido de participação e integração e contribuindo para o desenvolvimento de capacidades como a atenção, a memória e a coordenação.

No entanto, verificamos que a sua relevância, nos currículos nacionais, tem sido posta em causa estando, neste momento, confinada ao 2º ciclo, sendo este o único período curricular do Ensino Básico em que a Educação Musical existe de facto, com carácter obrigatório e lecionada por professores profissionalmente habilitados para o efeito.

Apesar de encontrarmos a Educação Artística, nomeadamente a Educação Musical, como parte integrante do currículo nacional do EB, regulamentada pelo Decreto-Lei n.º 344 de 1990, e definida no documento orientador "Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais", de 2001, tem-se gerado uma situação curricular confusa, uma vez que a Expressão Musical surge como disciplina a ser trabalhada pelo professor titular e como atividade de enriquecimento curricular a ser lecionada por um professor especialista. Segundo alguns autores (Mota, 2001, 2007; Boal-Palheiros & Encarnação, 2008), a Expressão Musical não tem sido implementada com sucesso pelos professores do 1.º CEB. Vejamos o que refere, seguidamente, Graça Mota (2014: p. 44), embora no ponto 5.1 deste trabalho a mesma autora se contradiga, quando alude à Madeira:

Os professores generalistas têm todas as matérias curriculares a seu cargo, incluindo a música. Contudo, a sua própria formação inicial em Educação musical é demasiado precária para que possam adequadamente preencher também a função de abordar a música em paridade com as outras matérias curriculares. (Mota 2014, p.44)

Efetivamente, contrastando com a realidade vivida em Portugal Continental, na RAM a Educação Artística tem vindo a receber atenção considerável por parte do Governo Regional, através da Direção de Serviços de Educação Artística e Multimédia (DSEAM), tendo esta implementado, ao longo dos últimos 35 anos, um projeto de Educação Musical e Dramática direcionado a todas as crianças do 1.º CEB.

Atualmente, todas as crianças que frequentam o 1º CEB na RAM recebem aulas de Expressão Artística – Expressão Musical e Dramática, em regime de monodocência coadjuvada, assegurada essencialmente por professores especializados.

O interesse pela temática da Expressão Musical e Dramática no 1º CEB, mais concretamente o *ESCOL'Artes*, deve-se ao facto de aquela ser a nossa área de trabalho dos últimos quatro anos. Após alguns anos de experiência a lecionar as disciplinas de Educação Musical e de Música nos 2.º e 3.º ciclos em Portugal Continental, foi com espanto e admiração que nos deparámos com um projeto inovador a ser executado com mérito na RAM.

Com o nosso trabalho, procuraremos destacar a importância deste projeto na formação artística das crianças do 1º CEB da RAM, salientando o *ESCOLArtes* como o culminar das aprendizagens realizadas ao longo daquela fase de ensino.

Assim sendo, levantámos a questão primordial deste trabalho: *qual a importância do ESCOL'Artes, enquanto pretexto para colocar em prática, de uma forma lúdica, as aprendizagens realizadas ao longo de 4 anos?*

Na prática, o *ESCOL'Artes* consiste num espetáculo de simbiose que integra várias modalidades artísticas aplicadas em contexto de enriquecimento curricular, sendo

elas, a Expressão Dramática, Dança, Canto Coral, Instrumental Orff e Cordofones Madeirenses. Todas estas modalidades são lecionadas igualmente pelo docente especializado, designado por Professor de Apoio, nas escolas onde exerce a sua atividade. Estas modalidades são escolhidas por esse mesmo professor tendo sempre em conta os alunos e o material disponível nas escolas. Este espetáculo foi dinamizado em parceria com outros docentes pertencentes às concelhias da Calheta, Ribeira Brava, Funchal e Santana.

O *ESCOL'Artes* 2015, intitulado “Nos Trilhos da Luz”, foi concebido no âmbito do *Ano Internacional da Luz*, assim proclamado pela Assembleia Geral da Nações Unidas, em dezembro de 2013, debruçando-se sobre a história e evolução da luz. A conceção deste espetáculo foi dividida pelos 4 concelhos supracitados, tendo o concelho da Calheta criado a terceira parte que, historicamente, compreendia o período temporal desde a invenção do candelabro ao surgimento do LED.

A conceção desta terceira parte foi implementada em todas as escolas de 1º CEB do concelho da Calheta, sendo apenas destacado nesta dissertação o trabalho realizado pelos alunos das Escolas Básicas do 1º CEB e do ensino Pré-escolar, EB1/PE da Ponta do Pargo, EB1/PE Vasco da Gama Rodrigues, no Paul do Mar e EB123/PE Professor Francisco Manuel Santana Barreto, na Fajã da Ovelha, abrangendo um total de 33 crianças.

Com este projeto de investigação assente na metodologia da investigação-ação pretendemos refletir sobre a conceção, implementação, desenvolvimento e avaliação do *ESCOL'Artes*, verificando a motivação, as competências adquiridas e a vivência das crianças que nele participaram e o interesse despertado na comunidade envolvente. Tudo isto será tratado na segunda parte da dissertação.

Em primeiro lugar, pretendemos apresentar sucintamente os caminhos que o ensino da Música tem percorrido desde os primórdios civilizacionais até à atualidade, dando, posteriormente, maior enfoque à situação nacional e regional madeirense. Iremos destacar todo o processo de criação da DSEAM e a implementação da Escola

a Tempo Inteira (ETI) na RAM, na qual se inserem as áreas artísticas presentes na componente curricular e de enriquecimento curricular.

Em síntese, o trabalho está dividido em duas partes. O enquadramento teórico e contextual, e uma segunda parte o *ESCOL'artes*. Encerra com as considerações finais, seguidas das referências bibliográficas e anexos

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONTEXTUAL

*Para se ser instruído em todas as coisas, há que estudar
com cuidado a música nos seus princípios naturais.*

Confúcio.

1. BREVE RESENHA HISTÓRICA

O que é, afinal, a Música?

Se é difícil definir a música, igualmente é difícil explicar a sua função social e descobrir o seu *modus operandi*. Para Ulrich Michels (2003: p. 11), a noção de música “provém do termo grego *musiké* (que contém o de musa), através do qual a Antiguidade Grega designava as artes das musas, *poesia*, *música* e *dança*, como uma unidade e, mais tarde, a arte dos sons”. Acrescenta este autor ser possível «identificar a abordagem teórica da música até à mais remota Antiguidade» (p. 13).

Na Antiguidade e até aos nossos dias (em algumas civilizações), a música constitui a sabedoria suprema, pois é considerada a chave de todos os outros saberes.

Na «*polis* grega, a arte (e desde logo a música e a poesia) tinha uma grande importância na educação e formação dos jovens, cuidando de toda a espécie de manifestações artísticas», sendo a «cultura geral do período helenístico [...] constituída pelas matérias tradicionais do período clássico: desporto, música e literatura, tanto no ensino privado como no público» (Carvas Monteiro, 2014: p. 178).

Pitágoras (571- 497 a. C.) «fundou a Irmandade Pitagórica com a sua Escola de Filosofia, baseada no culto órfico, então em voga», por ser considerado dever-se-lhe «o estabelecimento das bases matemáticas em que assenta a produção musical, pois acreditava que na base da criação do universo está o ‘número’» (Carvas Monteiro, 2015: p. 16). Mais adiante é referido que para Platão (428-348 a. C.) «a música era arte, ciência, técnica e ciência prática, atividade voltada para um fim produtivo, embora também, do conhecimento ou ciência teórica» (*Ibidem*, p. 16). Aquele filósofo, diz a autora, pensava a «educação musical como um elemento político e uma pedagogia moral e social, a partir de matizes éticos e ínsitos à música, fenómeno de profunda repercussão subjetiva, capaz de consequências práticas da realização da

virtude» (p. 16), tendo também sido na Grécia que se descobriram as «primeiras manifestações de um público socialmente consciente». Bastará, para o efeito, recordarmos os espetáculos-concursos de Delfos e de Atenas. Dá-nos conta também de que, por exemplo, «através de inscrições onde figuram os vencedores de concursos escolares, verifica-se que o desporto se relacionava com os exercícios militares e a música prática se ligava à educação literária» (*Ibidem*, 2014: p. 178).

A palavra grega *música* significava as artes na sua generalidade e estas incluíam a literatura, a dança e a música, sendo esta última a componente crucial do plano de educação para a cidadania (Platão, referido in Mark, 2009)

Platão e Aristóteles acreditavam que «era possível produzir pessoas “boas” mediante um sistema público de educação cujos dois elementos fundamentais eram a ginástica e a música, visando a primeira a disciplina do corpo e a segunda a do espírito». Grout & Palisca, apoiados na *Republica* (380 a. C.) de Platão, reiteram ser primordial o equilíbrio dos dois elementos na educação, quando dizem:

O excesso de música tornará o homem efeminado ou neurótico; o excesso de ginástica torná-lo-á incivilizado, violento e ignorante. “Aquele que combina a música com a ginástica na proporção certa e que melhor as afeiçoa à sua alma bem poderá chamar-se um verdadeiro músico”. (Grout & Palisca, 1997: p. 21)

No Império Romano, por influência da cultura e pensamento gregos, também a música tinha particular importância na educação para a formação do jovem culto. Segundo Vásquez & Niño (2000), o ofício de músico já era reconhecido, dada a importância das *Irmandades de músicos* existentes em Roma. Contudo, com o declínio do referido império e o início da Idade Média, as bases musicais passaram a desenvolver-se no seio da Igreja Cristã, ficando a música culta pertença exclusiva do clero, continuando a acreditar-se «que o valor da música residia no seu poder de elevar a alma à contemplação das coisas divinas» (Grout & Palisca, 1997: p. 42).

Em todas as civilizações o desenvolvimento da música esteve ligado à sua função na sociedade. Foi, pois, esta função um dos fatores da sua evolução, certamente. Os mais antigos testemunhos de civilizações esmeradas remontam a mais de seis mil anos e existem fundamentos para pensarmos poder recuar ainda mais no tempo. Através da iconografia, das narrativas legadas ou pela tradição filosófica podemos saber mais sobre as funções e as condições do seu desenvolvimento.

Efetivamente, desde tempos antiquíssimos, a Música foi detendo uma grande relevância no desenvolvimento do Ser Humano. A sua importância e poder é também referida pelos Padres da Igreja, em escritos, como o *Antigo Testamento*, de que destacamos o relato que atribui à música poderes curativos, por exemplo no caso da cura de Saul (I *Samuel*, 16, 14-23), ou também sendo-lhe atribuída a proveniência da força para derrubar as muralhas de Jericó (Josué, 6, 12-20).

Santo Agostinho (354-430 d. C.), «bispo de Hipona, compreendia a música como uma ciência (*scientia*) e fenómeno a ser estudado filosoficamente e teologicamente e com acentuada diferença da música vulgar» (Carvas Monteiro, 2015: p. 17). De entre vários trabalhos por si feitos, escreveu o tratado que ficou conhecido sob a denominação o *De Música*, cujo «tema principal deste tratado ‘é a palavra transformada em ritmo, num movimento ordenado, definida por Aristoxeno, discípulo de Aristóteles e criador da ciência musical’» (*Ibidem*).

Este tratado composto por seis livros — os cinco primeiros abordam os princípios da métrica do ritmo, e «o sexto, revisto por volta de 409, aborda a psicologia, a ética e a estética da música e do ritmo» (Grout & Palisca, 1997: p. 43).

Um dos autores mais respeitados e influentes neste domínio na Idade Média foi Boécio, autor do tratado *De institutione música*.

Segundo Carvas Monteiro (2015: p. 19),

A influência da obra boeciana na vida humana bem como do seu conhecimento, através dos números, é tema central do seu livro 1, onde o autor nega a possibilidade do conhecimento se alicerçar na *performance* musical, afirmando não ser músico aquele que toca um instrumento ou escreve canções, mas aquele que domina e aplica os princípios especulativos da disciplina, isto é, o estudo baseado na razão e na lógica é considerado mais importante do que a *performance*, não sendo desta dependente.

Acrescenta a autora que o «tratado de Boécio foi responsável por fornecer toda a base matemática para a teoria musical do Ocidente» (p. 20). Para Boécio,

O verdadeiro músico não é o cantor ou aquele que faz canções por instinto sem conhecer o sentido daquilo que faz, mas o filósofo, o crítico, aquele que apresenta a faculdade de formular juízos (...) acerca dos modos e dos ritmos, do género das canções, das consonâncias, de todas as coisas respeitantes ao assunto (Grout & Palisca, 1997: p. 46).

A música era uma das artes do denominado *quadrivium*, sendo este constituído pela aritmética, a geometria, a astronomia e a música.¹ No trabalho intitulado “Da Música na Educação”, Carvas Monteiro (2014: p. 179), diz-nos que «o currículo do *quadrivium*, tal como o do *trivium*, descendia diretamente da filosofia grega», e seguidamente informa-nos de que

Nos séculos VII e VIII houve um decréscimo da atividade cultural do Ocidente. Porém, a cultura europeia ocidental recomeçou a expandir-se por influência de Carlos Magno (742-814), o qual criou na sua corte a Escola Palatina ou Academia do Palácio, que se tornou o centro de reconstrução intelectual da Europa, para cuja direção chamou de Inglaterra o monge Alcuíno (781). Esta obra de reconstrução foi realizada quase exclusivamente pelo clero.

Mais adiante esclarece com detalhe a forma de fundar escolas, quem as dirigia, a quem serviam, que currículos eram trabalhados e ainda nos dá a saber a importância de cada uma e que benefícios, por isso, recebiam. Diz, então, que

As escolas foram-se constituindo junto de instituições religiosas: os mosteiros, as paróquias e as catedrais. As paróquias das cidades mais importantes ministravam a instrução elementar. Os mosteiros e as catedrais acrescentavam-lhe a instrução média e a superior. Os graus superiores eram concedidos por escolas dos mosteiros e das catedrais. As escolas monásticas foram predominantes até ao século IX, posteriormente superadas pelas escolas episcopais, submetidas à direta orientação do bispo que nomeava o seu chanceler. (*Ibidem*, 2014: p. 179).

Efetivamente, na Idade Média, os mosteiros e as catedrais, para além de serem instituições do clero eram também instituições de ensino, ensino este, principalmente as catedrais, que preparavam os alunos para ingressarem na universidade.² Na

¹ Para maior esclarecimento sobre as artes liberais, a constituição do *septivium*, o currículo do *quadrivium*, vd., por exemplo de Carvas Monteiro, *Da Música na Universidade de Coimbra (1537-2002)*. Universidade de Coimbra [s.n.], 2002, cap. 1; *Idem*, *Da Música na Universidade de Coimbra. Das Artes Liberais aos Estudos Artísticos*, 2015, cap. I; *Idem*, *op. cit.*, pp. 178-179; *Idem*, *op. cit.*, 2012, pp. 485-511.

² Sobre este assunto, consultar, por exemplo, Carvas Monteiro, *op. cit.*, 2002; *Idem*, “Da Prática Musical no Mosteiro de Santa Maria de Semide”. *Sons do Clássico no 100º Aniversário de Maria Augusta Barbosa*. Coimbra: IUC, 2012, p. 59-78; *Idem*, “Das Artes nas Universidades Hispânicas (Séc. XIII-XVI). A Universidade de Salamanca e a Universidade Portuguesa”. *Investigación en Educación y Derechos Humanos. Aportaciones de Diferentes Grupos de Investigación*. (Coord. Maria Angustias Ortiz Molina). Coimbra: Fernando Ramos Editor, 2009, Cap. 5, pp. 113-133; *Idem*, “Da Música no âmbito da Corte na Dinastia de Avis”. *Diálogo e Comunicação Intercultural. A Educação com as Artes*. (Coord. Fernando Sadio Ramos). Coimbra: Fernando Ramos Editor, 2009, Cap. 10, pp. 223-260.

maioria das catedrais, mosteiros e paróquias criam-se escolas com um objetivo de ensinar as crianças a cantar para o embelezamento dos rituais litúrgicos (Vásquez & Niño, 2000). A educação musical era essencialmente prática, combinada com algumas noções elementares de temas não musicais. Alguns dos manuais utilizados para o ensino da música eram em forma de verso, outros eram redigidos sob a forma coloquial entre mestre e aluno, no entanto, era dada ênfase à memorização. Como referem Grout & Palisca, 1997: p. 77), «Havia auxiliares de memória visuais sob a forma de tábuas e diagramas. Os estudantes aprendiam a cantar intervalos, a memorizar cânticos e, mais tarde, a ler notas a partir da pauta». Um dos daqueles auxiliares mais utilizado era a *mão guidoniana*. Dizem-nos aqueles autores que,

Os alunos aprendiam a cantar intervalos enquanto o mestre apontava com o indicador da mão direita as diversas articulações da mão esquerda aberta; cada uma das articulações representava uma das vinte notas do sistema. [...] Nenhum tratado de música da baixa Idade Média ou do Renascimento ficava completo sem um desenho desta mão. (Grout & Palisca, 1997, p. 81).

Em toda a Europa como em Portugal, o ensino da música estava confinado à Igreja ou a instituições associadas à Igreja Católica, sendo um dos seus objetivos a preparação musical de quem participava nos serviços religiosos, como referimos.

Foi no Renascimento, com o Humanismo, que se tentaram recuperar os ideais clássicos dando ênfase à razão e à liberdade humana. É também nesta altura que a religião e a ciência apreendem rumos diferentes. As artes, as letras e as ciências são, consequentemente, objeto de uma renovação, sendo a Itália o berço deste renasce da antiga cultura greco-romana.

Rapidamente se difunde pelo resto da Europa esta nova corrente. No entanto, é no seio da Igreja que surgem dois movimentos religiosos que vão influenciar o pensamento e os costumes da época: a Reforma (Lutero, Calvino e Henrique VIII) e a Contra-Reforma (o Concílio de Trento redefine normas doutrinárias e práticas rituais, onde a música é parte integrante e onde as repercussões se vão fazer sentir).

A reforma protestante pretendeu reestruturar o pensamento dando importância catequização do povo e oficializou o uso das línguas vernáculas e criou novas formas musicais, como o coral.

Lutero influenciou a cultura musical alemã e a música litúrgica. Citando Paynter,

Mark (2009: p. 35) refere ser a música para este membro da igreja «[...] um agradável, nobre presente de Deus e muito relacionado com a teologia». As escolas criadas sob a sua influência de Lutero tinham a música como disciplina obrigatória no currículo.

Na religião católica o latim se manteve como língua oficial, e o Canto Gregoriano continuou a ser o canto oficial ou em alternativa o canto polifónico. Foram criadas novas ordens religiosas, destacando-se neste período a dos Jesuítas, tendo o primeiro colégio sido criado em Portugal e em Coimbra, quando a universidade se transferira definitivamente para esta cidade, em 1537.³ Esta ordem religiosa dedicou-se à criação de escolas bastante organizadas destinadas à educação da juventude e dos seus membros. Ofereciam uma educação baseada nos princípios do homem culto, letrado onde a música, para além de disciplina integrada no currículo, enriquecia também as festas e os cultos religiosos e, ainda no século XVI, serviu para fins catequéticos na missão. Como nos diz Margarida Miranda (2012: p. 79), «veículo da pedagogia humanística e meio de propaganda dos próprios colégios, os espetáculos teatrais eram muito mais do que a ilustração cénica da palavra». Acrescenta a autora que

A intenção originária de revitalização dos modelos greco-latinos e a obrigatoriedade da língua neolatina davam ao espetáculo jesuítico uma feição marcadamente visual, que atraía não só aqueles que tinham capacidade para compreender as longas récitas, mas também os populares que, no dia das representações, enchiam o colégio (p. 80).

Mas durante o século XVI, surgem na Europa outras formas e locais para o ensino-aprendizagem musical, nomeadamente em orfanatos de raparigas em Itália. Foram designados por “Ospedales”, tendo o primeiro sido criado em Nápoles, no ano de 1537, onde eram instruídas crianças abandonadas que residiam em regime de internato. As crianças e os jovens eram educados musicalmente com a finalidade de serem músicos profissionais:

as crianças eram treinadas para a excelência musical, cantam como anjos e tocam diversos instrumentos (...). As meninas vestiam-se como freiras e, sem qualquer ajuda externa, tocam e

³ Sobre este assunto, vd. Carvas Monteiro, *op. cit*, 2002, cap. II.

controlam cada um dos seus concertos, com a máxima exactidão (Scholes, 1978, in Fonterrada, 2005, p.49).

Neste âmbito dá-se uma mudança na organização da educação a qual passa também a ser concretizada em seminários e colégios, começando a ser encarada com maior responsabilidade por parte da família e da autoridade da Igreja.

O aperfeiçoamento da prática musical nos “Ospedales” despertou o interesse pela interpretação de peças dramáticas. Alguns teóricos e músicos italianos pensaram e exploraram a ideia de que os dramas antigos eram cantados num estilo declamatório, à maneira grega, e que este estilo devia estar intimamente associado à compreensão dos textos. E foi neste sentido que se desenvolveu a prática vocal e instrumental da monodia. A monodia consistia numa música com uma só melodia com acompanhamento de um baixo contínuo. Tornou-se bastante popular no período Barroco, compreendido entre 1600 e 1750. Esta prática musical é muito rica em ornamentação, a qual é feita tanto nas vozes dos cantores como nos instrumentos musicais. A monodia acompanhada é um estilo baseado numa melodia que se acompanha, e esse acompanhamento deu origem a um outro aspecto importante da música barroca que é o baixo cifrado ou basso contínuo. A monodia propagou-se com a ópera e desenvolveu-se a par da polifonia e das suas inúmeras possibilidades. No final do século XVII, Comenius (1592-1670) fez uma proposta segundo a qual a sociedade deveria reformar-se, para que a harmonia interligasse os cristãos. Assim, nos diversos livros legados, influenciou não só a educação na Europa mas também a das novas regiões entretanto descobertas, como a Ásia e a América, o Novo Mundo.

Num dos seus tratados, a *Didáctica Magna: Tratado da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos*, onde ele apresenta quais deverão ser as competências que a criança deverá possuir entre os 6 (seis) e os 12 (doze) anos de idade. Este ensino deveria ser feito por estádios, acompanhando o desenvolvimento da criança sendo, por isso, o currículo adequado a esse mesmo desenvolvimento e a música tinha um papel fulcral contribuindo para a sua formação (Mark, 2009: p. 43).

No período barroco as concepções italianas continuam a dominar e os músicos exploravam novos campos, como o emocional (teoria dos afetos) e também ampliam a sua linguagem para acompanharem as novas necessidades expressivas (Grout &

Palisca, 1997). Com teoria dos afetos os compositores «procuravam meios para exprimir a ira, a agitação, a majestade, o heroísmo, a elevação contemplativa, o assombro ou mesmo a exaltação mística” (*Ibidem*, 1997: p. 312).

Grandes transformações abalam a Europa no século XVIII. A burguesia tivera, até então, uma posição secundária na estrutura da sociedade aristocrática, cujos privilegiados eram a nobreza e o clero. O século XVIII é conhecido como o *Século das Luzes*, do *Iluminismo* e da *Ilustração*. Luzes, significam, então, o poder da razão humana de interpretar e reorganizar o mundo.

Com a mecanização da indústria, o panorama socioeconómico vai ser alterado radicalmente (entrada da máquina a vapor nas unidades fabris), sendo inevitável a reivindicação do poder político, pela burguesia, já de si enriquecida e que não vai continuar a permitir que a nobreza a subjugue.

O Iluminismo é um período muito rico em reflexões pedagógicas. No espírito do iluminismo, os filósofos franceses Diderot, D' Alembert, Voltaire e Rousseau não são propriamente educadores, mas encaram o ensino como veículo importante das luzes da razão e no combate às superstições e ao obscurantismo religioso (Nascimento, 1993).

Com Rousseau, são estabelecidos objetivos para o ensino da música. Rousseau defendia que o início do processo educativo da criança deveria iniciar-se com o canto através da aprendizagem de melodias e canções simples e que correspondessem aos seus interesses. A aprendizagem da notação, da escrita musical era considerada por Rousseau como menos importante do que o canto, pois o educador deveria enfatizar a produção de sons pela criança, o desenvolvimento do ouvir, do senso rítmico e da criatividade em melodias simples. Esta poderia ser acrescida posteriormente⁴. Rousseau centraliza os interesses pedagógicos no aluno e não no professor. Valoriza a experiência, a educação ativa voltada para a vida, para a ação, cujo principal motor é a curiosidade. Segundo Fonterrada (2005, p. 51),

⁴ Para maior esclarecimentos, *vd.*: <https://www.passeidireto.com/arquivo/4925046/o-naturalismo-de-rousseau-e-pestalozzi-no-seculo-xviii-errata---referencia-brasi>. Consultado dia 31/05/2015.

Rousseau elaborou currículos escolares a partir de uma suposta organização do desenvolvimento psicológico, abrindo espaço para a aprendizagem e a prática da estética, para o ensino profissional, para a educação moral e a educação política, associados aos princípios revolucionários de liberdade, igualdade, e fraternidade.

A Revolução Francesa e a promulgação da *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, em 26 de Agosto de 1789, exprimiram os novos ideais de justiça social, garantindo direitos iguais aos cidadãos, e uma maior participação política para o povo.

O ensino da música foi influenciado pelas novas ideias pedagógicas do Iluminismo. A infância e a adolescência foram reconhecidas como tais. Surgiram, então, as primeiras tentativas de incorporar o ensino da música na escolaridade.

No final do séc. XVIII e início séc. XIX, também Pestalozzi, filósofo e pedagogo suíço, inspirado nas ideias de Rousseau e Comenio, defende que a educação deveria ter como base a intuição, e a procura da construção e expressão de ideias. Para isso, Pestalozzi considerava que se devia ter como objetivo principal «o desenvolvimento do intelecto das crianças por meio de perguntas e de respostas» (Mialaret & Vidal, 1978, p. 34).

A importância das suas ideias teve, naturalmente, repercussões no ensino da música, por um lado, pelas referências diretas que ele faz sobre o ensino da música, e, por outro lado, pelas novas conceções gerais que a sua pedagogia propõe. Pestalozzi, acreditava que a experiência devia preceder a teoria, que as crianças aprendiam através da auto-descoberta, iniciando-se pelo canto. Assim sendo, propôs o uso de canções infantis, assim como reconheceu a influência da música na formação do carácter. De acordo com Fonterrada (2005: p. 52), os princípios do seu sistema de educação musical são os seguidamente transcrevemos:

1. Ensinar sons antes de ensinar símbolos e fazer a criança aprender a cantar antes de aprender a escrever as notas musicais ou de pronunciar os seus nomes.
2. Levar a criança a observar auditivamente e a imitar os sons, as suas semelhanças e diferenças, o seu efeito agradável ou desagradável, em vez de se explicar as coisas aos alunos.
3. Ensinar uma coisa de cada vez: ritmo, melodia e expressão, antes de se obrigar a criança a fazer todas ao mesmo tempo.

4. Fazer a criança trabalhar cada passo até que os domine.
5. Ensinar os princípios e a teoria após a prática.
6. Analisar e praticar os elementos do som articulado para se aplicarem na música.
7. Fazer com que os nomes das notas correspondam aos da música instrumental.

Assim, no século XIX verificaram-se mudanças fundamentais nas atitudes relativamente às crianças, à natureza e finalidades do ensino em geral, e da música em particular. A educação geral passou a centrar-se na criança. A educação musical e a música passaram a ter um papel importante no sentido de proporcionarem a expansão do potencial intelectual e imaginativo da criança. O ensino da música começa a estabelecer-se como uma disciplina escolar. Estabelecem-se também os padrões modernos da organização escolar e do ensino.

Segundo Carvas Monteiro (2014: p. 182),

«O primeiro grande projeto de “instrução pública” nacional é anterior ao liberalismo. Trata-se do projeto do matemático Francisco de Borja Garção Stockler, apresentado em 1799, à Academia Real das Ciências, e que “dividia já o ensino em quatro graus: o primeiro de conhecimentos básicos, as “pedagogias; outro, de sentido eminentemente prático, destinado a agricultores, artistas e comerciantes, os “institutos”; um terceiro dedicado ao estudo das ciências e a todo o género de erudição, os “liceus”; e, por fim, o ensino superior, as “academias”, consagrado a todos os saberes, desde as ciências naturais, matemáticas e medicas, às ciências militares e náuticas, às ciências jurídico-sociais e às belas-artes”».

Nas escolas básicas, nos finais do séc. XIX e nas primeiras décadas do século XX, desenvolveu-se um vasto movimento de renovação pedagógica e, a área da Música não se excecionou, sendo oficialmente estabelecida por toda a Europa. O repertório das aulas torna-se mais abrangente. Estavam criadas as bases para as reformas que se vieram a concretizar no século seguinte.

Com o século XX, surgem várias inovações na pedagogia musical dando lugar a uma pedagogia centrada na criança. Segundo (Gainza, 1982, p.105),

[...] a pedagogia musical entrou numa reforma tal que alterou, não só os fundamentos do ensino/aprendizagem como até os materiais e as técnicas de ensino – nesta reforma pode notar-se a influência do estruturalismo, da linguística moderna e da cibernética, da teoria da

comunicação, das últimas pesquisas em matéria da psicologia do desenvolvimento, da inteligência da aprendizagem.

Nos anos que se seguiram à segunda guerra mundial, o ensino da música em muitos países da Europa foi influenciado pelos compositores e pedagogos, como Carl Orff (1895-1982), na Alemanha e Zoltan Kodály (1882-1967), na Hungria.

Carl Orff apresenta um método experimental para o ensino da música baseado no ritmo e na improvisação, construído a partir de gestos e sonoridades naturais para as crianças como, por exemplo: «os ritmos de rolar, de saltar, de correr, de balançar, e do canto com base na harmonia do intervalo de terceira menor» (Mark, 1986, p.117). Desenvolveu, igualmente, um conjunto instrumental composto 23 por instrumentos de percussão, de cordas, e de flautas de bisel. É um instrumental de grande qualidade musical, adequado às crianças permitindo o contacto com diversos timbres.

O método de Educação Musical de Zoltan Kodaly aproveitou elementos de outros métodos bem sucedidos, e incorporou-os no seu próprio programa de ensino. O método de Kodaly assenta essencialmente no canto. A relevância do método Kodaly encontra-se no facto de o ritmo não ser ensinado separadamente da melodia, mas sim, em conjunto com ela. A memória auditiva inicia-se através da prática de canções tradicionais, usando a escala pentatónica, e promove o desenvolvimento da escrita e da leitura em várias tonalidades através do canto.

O principal objetivo de Kodaly era conseguir a literacia musical para todos os húngaros. De 1906 a 1908, Kodaly e Bela Bartók⁵, percorreram o país recolhendo canções folclóricas. Os dois reuniram um conjunto de literatura musical popular, que serviu de base ao desenvolvimento da língua húngara e da própria consciência nacional. Muita dessa música foi utilizada nas escolas para ajudar a desenvolver a musicalidade nas crianças.

Nas décadas de 60 e 70 do séc. XX, um número significativo de metodólogos introduziu na Educação Musical várias formas ou estilos diferentes de ensinar a música.

⁵ Bela Bartók, (1881-1945), compositor húngaro, pianista e investigador da música popular da Europa Central e do Leste.

Edgar Willems (1880-1978) foi um dos primeiros pedagogos que permitiu um novo olhar sobre o ensino da música. Nascido na Bélgica, Willems interessou-se pela audição e não concordava com o ensino da música demasiado intelectualizado.

A sua pedagogia definiu objetivos claros, no sentido de desenvolver o gosto pela música nas crianças, com uma prática musical com alegria, o que favorecia o desenvolvimento total do ser humano, isto é, os aspectos afectivo, sensorial, mental, físico e espiritual. A sua perspetiva baseava-se nas relações psicológicas que existem entre a música, o ser humano e o meio que os envolve. Os princípios essenciais são o movimento e a voz da criança.

Edgar Willems definiu uma progressão pedagógica contínua e com coerência, desde o primeiro ano de iniciação musical, até ao solfejo avançado e à prática musical. É uma progressão que dá ênfase à reprodução do som e também à expressão do ser humano, à sua criatividade, baseada na sensibilidade auditiva. O seu método desenvolve-se ao longo de quatro graus:

- no primeiro, até aos 3 anos, as crianças desenvolvem-se auditivamente e vocalmente através de canções, de movimentos rítmicos, e de movimentos corporais naturais;
- o segundo situa-se entre os 3 e os 5 anos e compreende o conhecimento da transcrição gráfica do som, para além do canto e do movimento corporal natural, e da audição de instrumentos e entoação afinada de canções;
- o terceiro localiza-se entre os 5 os 8 anos, período em que se deve realizar a passagem do concreto para o abstrato;
- o quarto e último grau é a partir dos 8 anos e, nesta altura, deve iniciar-se a prática instrumental, desenvolver-se a improvisação e os jogos musicais.

Todos estes modelos anteriormente apresentados contribuíram para uma Educação Musical renovada preconizando o ensino/aprendizagem da música também denominado por “Métodos Ativos”, abrindo assim, caminho ao desenvolvimento musical de crianças e adultos. Desde o seu aparecimento até aos dias de hoje estes modelos foram apresentados, aprimorados e adequados a cada contexto. A voz, o movimento corporal, o instrumental e a criação continuam como as bases propostas para um desenvolvimento musical de todos os alunos.

2. O PERCURSO DA MÚSICA NO 1º CICLO EM PORTUGAL

Para que possamos compreender melhor o percurso que o ensino da música teve em Portugal, no 1º CEB, até aos dias de hoje, apresentamos uma resenha histórica sobre as reformas aplicadas, iniciando no séc. XX, com maior incidência no período do Estado Novo até à atualidade.

Com efeito, os «esforços renovadores do fim do século XIX e primeiro decénio do século XX, podem analisar-se através das políticas de intervenção cultural e sua repercussão na vida musical nacional, assumidas pelo estado português nos sucessivos regimes e no rotativismo no poder» (Carvas Monteiro, 2014: p. 182).

É no séc. XX, que se iniciam as grandes mudanças no ensino em Portugal, sendo que, até então eram as ordens religiosas que obtinham o domínio do mesmo. A escolaridade primária era regulamentada pelo Decreto de 24 de dezembro de 1901, que organizou o currículo em quatro classes, sendo as três primeiras de frequência obrigatória e gratuita (1.º grau do ensino primário) e a última (2.º grau) de frequência facultativa.

Citando Patrício (1996), Carvas Monteiro (2014: p. 183), diz-nos que

Com o advento da República foi possível concretizar a Constituição de 1911, que consagrou o laicismo (liberdade e igualdade de todas as religiões, proibição do ensino religioso nas escolas públicas, expulsão das ordens religiosas do país), combatendo sistematicamente a influência religiosa no sistema de ensino.

Acrescenta mais adiante que no ensino não superior, «houve uma ação reformadora cujo ‘pilar fundamental dessa obra foi um decreto do Ministério do Interior, datado de 29 de Março de 1911 (*Diário do Governo*, nº 73, de 30 de Março 1911), que reformava profundamente o ensino infantil, o primário e o normal primário’» (p. 183).

Relativamente ao ensino infantil, de acordo aquela disposição legal, diz-nos a autora ter este

«[...] por objetivo a educação e desenvolvimento integral físico, moral e intelectual das

crianças, desde os 4 aos 7 anos de idade, sendo comum aos dois géneros e uma preparação para o ensino primário. Este passou a ter três graus: elementar, complementar e superior. A disciplina de Canto Coral constava do *curriculum* do ensino primário elementar e do complementar, enquanto que o currículo do ensino primário superior previa a lecionação de “Música e Canto Coral”» (Carvas Monteiro, 2014: p. 183).

O ensino infantil era facultativo, enquanto que o primário elementar era obrigatório dos 7 aos 9 anos de idade, para todas as crianças de ambos os géneros.

Acrescenta aquela autora que

Através da Lei nº 12 publicada em 7 de Julho de 1913, foi criado o Ministério da Instrução Pública do qual ficavam dependentes os serviços de instrução, com um Conselho de Instrução Pública e seis “Repartições”, destinadas à instrução primária e normal, à secundária, à universitária, à industrial e comercial, à agrícola e à artística. [...] O Decreto nº 4650 de Julho de 1918 alterou a sua estrutura curricular e criou, entre outras, a disciplina de Canto Coral. No mesmo ano, o Decreto nº 4799 de 8 de setembro aprovou o “Regulamento de Instrução Secundária”, passando o Canto Coral a ser obrigatório, com algumas exceções, com uma função estética e nacionalista que havia de ser continuada em outros regulamentos posteriores. (Carvas Monteiro, 2014: p. 183-184).

O ensino primário elementar tinha a duração de três anos onde eram privilegiadas quatro áreas do saber: literárias, científicas, artísticas e técnicas. O primeiro grupo incluía a Leitura e a Escrita, Noções de Geografia e Educação Social, Económica e Civil; o segundo grupo, as quatro Operações Aritméticas, o Sistema Métrico, Geometria Elementar, notícias dos produtos comuns da natureza e conhecimentos dos fenómenos naturais mais vulgares; o terceiro grupo, Desenho e Modelação, Canto Coral e dicção de Poesias; o quarto grupo, Higiene, Ginástica, Jogos, Trabalhos Manuais e Agrícolas.

Após várias alterações nos anos seguintes, foi substituída a 10 de Maio de 1919 pelo Decreto 5787-A, que passou a organizar-se em dois ciclos: o ciclo geral, com 5 classes (de frequência universal e gratuita dos 7 aos 12 anos) e o ciclo superior, com 3 classes. O Ensino Primário superior, destinado aos alunos com mais de 12 anos, incluía as áreas curriculares de Língua Portuguesa, Língua Francesa, Língua Inglesa,

Matemática Elementar, Geometria, Ciências Físico-Químicas Naturais, Geografia, História Geral e de Portugal, Instrução Moral e Cívica, Noções de Higiene e Puericultura, Educação Física, Modelação e Desenho, Trabalhos Manuais, Música e Canto Coral.

Com o golpe militar de 28 de Maio de 1926, que deu origem à mudança de regime e ao início da ditadura, o ensino sofreu grandes alterações, sobretudo de carácter ideológico, criando-se a chamada “escola nacionalista”. Com o Decreto n.º 11730, de 15 de Junho de 1926, extingue-se todas as escolas de ciclo superior.

Apesar de João de Barros considerar que «não há sociedade democrática que possa viver, progredindo, sem o culto da arte» (João de Barros, cit. por CNE 1998, p.5), o regime ditatorial instaurado na sequência do 28 de Maio de 1926 parecia não propiciar o desenvolvimento curricular das áreas de índole artística.

Através do Decreto nº 12425 de 2 de outubro fica claro o seguinte:

Os regentes de Canto Coral são nomeados pelo governo de entre indivíduos que habilitados com o curso dos Conservatórios de Música e tenham sido aprovados no concurso de provas públicas realizado para esse efeito, naqueles estabelecimentos (art. 78º). Em cada liceu haveria apenas um regente de Canto Coral que deveria organizar o respetivo orfeão (§.único do mesmo artigo), sendo obrigado a quinze horas de serviço semanal (art. 79º), podendo ser nomeados também regentes provisórios, sempre que as necessidades do serviço o impusessem (art. 81º). As aulas deveriam decorrer no segundo período diário, sendo a hora escolar de cinquenta minutos (art. 88º, §§. 2º e 4º). (Carvas Monteiro, 2014: p. 184)

O Ministério da Educação Nacional, a 18 de Janeiro de 1936, publicou um conjunto de Leis e Decretos que originavam o Sistema Educativo na ideologia do Estado Novo, nomeadamente a obrigatoriedade de livros únicos, a revisão e simplificação do programa do Ensino Primário limitando assim as aprendizagens base. O novo currículo compreendia Língua Portuguesa (leitura, redação e feitos pátrios), Aritmética e Sistema Métrico, Moral, Educação Física e Canto Coral.

Efetivamente, no período de 1936-1939, citando Artiaga (2010), refere Carvas Monteiro (2014: p. 184-185) que, «a dimensão doutrinária ganhou uma importância quase exclusiva, pretendendo-se que o Canto Coral ‘contribuísse para a formação da

“alma colectiva”, educando os sentimentos dos alunos para a alegria, para o prazer do trabalho e enriquecimento da memória dos actos patrióticos’».

A disciplina de Canto Coral «perdeu a sua orientação pedagógico-didática do período anterior para se tornar num veículo doutrinário do regime» (*Ibidem*).

Relativamente à escolaridade obrigatória, para os alunos do género masculino e adultos, só passou a ser de quatro anos a partir do ano de 1956, através do Decreto-Lei n.º 40964, de 31/12/1956, verificando-se o alargamento ao género feminino em 1960, com o determinado no Decreto-Lei n.º 42994 de 28/5/1960. Neste mesmo Decreto foram publicados os programas do ensino primário para as 4 classes.

Apesar de ter sido no Estado Novo que se iniciaram os estágios para os professores de música que lecionavam Canto Coral, a função essencial como referimos, era de pura inculcação política e de representação em cerimónias de carácter oficial (Artiaga, 2010, p. 403.)

Refere Nogueira (Nogueira, 1996, p.78), que «com o passar do tempo e das reformas, não se fomentou a tradição da instrução musical, ainda que desde cedo o Sistema Educativo tivesse criado, pelo menos aparentemente, os instrumentos legais necessários, reservando à música um lugar em praticamente todos os currículos dos respectivos ciclos de ensino».

Em 1957 deu-se uma iniciativa importante. De acordo com Artiaga (2010: p. 404), a *Direção dos Serviços Musicais de Canto Coral da Mocidade Portuguesa* passou a colaborar com a Fundação Calouste Gulbenkian, «na realização de Cursos de Pedagogia e Didáctica musical, dirigidos por Edgar Willems, para os professores de Canto Coral. Willems passou a realizar cursos anuais em Portugal, os quais tiveram um forte impacto junto dos professores». Realizaram-se novos programas para o ensino primário, com a ajuda deste pedagogo.

Posteriormente, a *Associação Portuguesa de Educação Musical* e a Fundação Calouste Gulbenkian, proporcionaram cursos com o mesmo propósito, sob a responsabilidade de vários outros pedagogos musicais — Zoltan Kodaly, Carl Orff, Jos Wuytack, Justine Ward, Schaffer e John Paynter —, os quais foram introduzindo novas perspetivas metodológicas na formação de professores portugueses, essencialmente.

Em 1967, o sistema educativo sofreu uma profunda alteração, com a institucionalização do Ciclo Preparatório, regulamentado pelo Dec. Lei nº 47 480.

A escolaridade obrigatória passou para seis anos, em vez de quatro, e estimulou-se uma reforma de mentalidades, apesar de se manterem inalterados os objetivos que a política do Estado Novo atribuía à Educação.

Surgiram, então, novos programas para a disciplina de Canto Coral, agora designada, pela primeira vez, de Educação Musical. Os novos programas baseavam-se nas ideias de Willems. Iniciou-se uma nova época em que a Educação Musical passou a ser obrigatória e a fazer parte da formação geral da personalidade da criança, implicando a «formação auditiva, psicomotora, intelectual, sócio-afectiva e estética» (Torres, 1998, p. 20).

O início da década de 70 do séc. XX, foi marcado, sobretudo, pela ação do então Ministro da Educação Veiga Simão (1970-1974), que, em 1971, gerou grande polémica devido à sua forte ideia de modernização e democratização. Apresentou um projeto do Sistema Escolar, tendo sido consagrado como reforma através da Lei n.º 5/73, de 25 de Julho. A denominada “Reforma Veiga Simão”, veio alargar a escolaridade permitindo que os alunos passassem a frequentar, com carácter obrigatório, a disciplina de Música, com uma hora semanal, durante os 2 anos do Ciclo Preparatório, no entanto, em 1974, embora não tenha sido revogada até 1986, não chegou a ser totalmente implementada, uma vez que se deu o golpe militar de 25 de Abril de 1974.

Com a revolução do 25 de Abril de 1974, iniciou-se uma imediata revisão ao nível do sistema escolar com a introdução de novos programas nacionais, que procuraram defender os ideais de «respeito e valorização do indivíduo e das suas capacidades, a igualdade de oportunidades e de direitos, e a integração e Ação do indivíduo na sociedade» (Artiaga, p.404 p.405). Assim, esta medida constituiu um passo fundamental para a inserção das expressões artísticas como área curricular, nos programas do ensino primário, com a designação de “Movimento, Música e Drama”, desaparecendo a designação Canto Coral. No ciclo preparatório, a disciplina denominava-se “Música” e tinha uma hora semanal. Com o aparecimento do Ensino Superior Politécnico, os professores de Educação Musical passaram a ter, pela primeira vez, uma formação de nível superior.

Por sua vez, é de salientar a importante reforma e reestruturação da educação e do ensino artístico, a qual contemplou o “Projeto de Decreto-Lei do Plano Nacional de Educação Artística” dirigido por Madalena Perdigão em 1978-79. Neste momento, estavam criadas condições para a afirmação de projetos inovadores e experimentais no domínio das expressões artísticas.

Foi então, que em 1986 se criou, pela primeira vez, através da Lei n.º 46/86 de 14 de outubro, conhecida por LBSE), onde o Ensino Básico – universal, obrigatório e gratuito – passou a ter a duração de nove anos, compreendendo três ciclos sequenciais. Foi também criada uma nova organização do Sistema Educativo, com a educação pré-escolar, a educação escolar e a educação extra-escolar.

Ao nível da Educação Pré-Escolar, a LBSE refere que esta se destina às crianças entre 3 e 6 anos de idade e a sua frequência é facultativa. Além disso, apresenta como uma das suas finalidades «Desenvolver as capacidades de expressão e comunicação da criança, assim como a imaginação criativa, e estimular a atividade lúdica» (alínea f. do artigo 5º).

Quanto ao Ensino Básico, a Lei esclarece ser este universal, obrigatório e gratuito e abranger o 1º ciclo, com quatro anos de escolaridade, o 2º ciclo, com dois anos de escolaridade e o 3º ciclo com três anos de escolaridade. Deste modo, um dos objetivos gerais do ensino básico é, explicitamente, o de «Proporcionar o desenvolvimento físico e motor, valorizar as atividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detetando e estimulando aptidões nesses domínios» (alínea c) do artigo 7º).

Por sua vez, o Ensino Secundário tem a duração de três anos e contempla o aprofundamento dos elementos culturais, estéticos e artístico, como podemos verificar nos dois primeiros objetivos da mesma Lei n.º 46/86 de 14 de outubro:

«Assegurar o desenvolvimento do raciocínio, da reflexão e da curiosidade científica e o aprofundamento dos elementos fundamentais de uma cultura humanística, artística, científica e técnica que constituam suporte cognitivo e metodológico apropriado para o eventual prosseguimento de estudos e para a inserção na vida ativa» (alínea a) do artigo 9º),

e

«Facultar aos jovens conhecimentos necessários à compreensão das manifestações estéticas e culturais e possibilitar o aperfeiçoamento da sua expressão artística» (alínea b) do artigo 9º).

Com efeito, LBSE prevê para o Ensino Superior, conforme consta pontos 3 e 4 do artigo 11º, respetivamente, um ensino universitário que garanta «uma sólida preparação científica e cultural» e proporcione «uma formação técnica [...]»; e um ensino politécnico que vise «uma sólida formação cultural e técnica de nível superior [...]» e ministre «conhecimentos científicos de índole teórica e prática e as suas aplicações com vista ao exercício de atividades profissionais».

Contudo, que parece não incluir aspetos de formação artística neste nível de ensino. Deste modo, trata-se de uma Lei que veio assegurar uma educação voltada para o desenvolvimento da personalidade e para os valores espirituais, estéticos e morais, como sempre foi defendido por vários pedagogos há algumas décadas.

Assim, com a LBSE (1986), ficaram criadas as condições necessárias para que a *Comissão de Reforma do Sistema Educativo* (CRSE) voltasse a atenção para a arte em geral, idealizando a escola como um espaço congregado em torno da noção de arte e de manifestações culturais.

Ora, pela primeira vez em Portugal, a LBSE determina uma integração curricular equilibrada que proporcione à criança uma formação global e não especializada. Deste modo, no artigo 3º, alínea b), verificamos que um dos princípios organizativos do sistema educativo é “Contribuir para a realização do educando, através do pleno desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania, preparando-o para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos e proporcionando-lhe um equilibrado desenvolvimento físico (...) valorizando os diferentes saberes e culturas (...)”.

Nos Artigos 5.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º e 11.º explicita-se que o estímulo à expressão, criação, formação artística e cultural são objetivos integrantes da ação educativa, de acordo com a especificidade de cada grau de ensino.

Com a referida Lei de Bases e a sua atualização através da Lei n.º 115/97, de 19 de setembro, foram dados passos fundamentais para minimizar problemas estruturais do Sistema Educativo. Esta Lei sofreu posteriores alterações e aditamentos, tendo sido republicada, na sua totalidade, em 2005 (Lei n.º 49/2005 de 30 de Agosto).

Entretanto, era necessário ir mais longe e criar um quadro genérico de orientações que suprisse as omissões da LBSE para a educação artística. Neste sentido, o Ministério da Educação criou, através do Decreto-Lei n.º 397/88 de 6 de Novembro, o Gabinete de Educação Tecnológica, Artística e Profissional (GETAP), em 1988, abrindo-se novos caminhos para a educação artística em Portugal. Nos anos 90, esta organização apontava quatro linhas orientadoras para a incrementação da educação artística nas políticas educativas (GETAP, 1991: 7):

- “1. A educação artística desempenha um papel importante no desenvolvimento das capacidades de comunicação e expressão dos indivíduos, fomenta a sua capacidade de imaginação e criação autónomas, e contribui de modo muito significativo para o desenvolvimento harmonioso e equilibrado das crianças e dos jovens.
2. O objetivo da realização pessoal de cada educando, núcleo central da educação, encontra no ensino artístico uma das vias privilegiadas de concretização.
3. O progressivo desenvolvimento das manifestações artísticas das indústrias culturais e o alargamento constante dos tempos de lazer fazem inscrever com veemência nas políticas educativas o objetivo do acesso e usufruto dos bens culturais.
4. As expressões artísticas tendem a servir, num espaço de comunicação cada vez mais alargado, como cimento da aproximação de povos e culturas e, nomeadamente, fomentam uma linguagem comum que pode acelerar a união europeia.”

Nesta perspetiva de valorização permanente da educação da sensibilidade e da educação estética, muitas foram as iniciativas exercidas pelo Ministério da Educação que se tornaram preponderantes no desenvolvimento das expressões artísticas, na formação de artistas e na investigação científica das ciências das artes.

A 2 de novembro de 1990 é apresentado o Decreto-Lei n.º 344/90, comumente designado por «Decreto-Lei da Educação Artística», que determina o

ensino pela arte em Portugal. No preâmbulo introdutório é criticado o sistema escolar português comparativamente a este tipo de ensino, através das seguintes afirmações:

“[...] a educação artística não mais se compadece com medidas pontuais ou remédios sectoriais: a sua resolução passa pela reestruturação global e completa de todo o sistema, iniciando-se por aí a construção gradual de um novo sistema articulado, que contemplará todas as modalidades consideradas neste domínio, a saber: música, dança, teatro, cinema, audiovisual e artes plásticas. [...] O Governo tem consciência de que a educação artística é parte integrante e imprescindível da formação global e equilibrada da pessoa, independentemente do destino profissional que venha a ter. A formação estética e a educação da sensibilidade assumem-se, por isso, como elevada prioridade da reforma educativa em curso e do vasto movimento de restituição à escola portuguesa de um rosto humano.”

Os objetivos da educação artística, expressos no art. 2.º deste diploma, são congruentes com os que foram expostos na Educação pela Arte, ou seja «Decreto-Lei da Educação Artística». No artigo 4º, são designadas as quatro vias da educação artística: a educação artística genérica; a educação artística vocacional; a educação artística em modalidades especiais; a educação artística extraescolar.

No que diz respeito à secção da educação artística genérica, verificamos, no artigo 7º, ser ela destinada a todos os cidadãos, “sendo considerada parte integrante indispensável da educação geral”. Além disso, esta deve ser ministrada nos seguintes níveis, segundo o disposto no artigo 10º:

- na educação Pré-escolar e no 1º ciclo do ensino básico, sendo parte integrante do currículo, será dada pelo educador de infância ou pelo professor do ensino regular em parceria com um professor especializado sempre que possível e com a ajuda dos Pais e Encarregados de Educação;
- no 2º e 3º ciclos do ensino básico, no ensino secundário e no ensino superior, as diferentes disciplinas artísticas deverão ser ministradas por professores especializados nas respetivas áreas.

De acordo com estas disposições legais, verificamos que, ao nível do pré-escolar e do 1º ciclo do ensino básico, a educação artística situa-se numa perspetiva de

educação pela arte, enquanto que nos restantes níveis ela visa transmitir aos alunos os conceitos e técnicas de arte.

Importa também frisar a questão da qualificação dos docentes ao nível da educação pré-escolar e do 1º ciclo do ensino básico; uma vez que sendo os educadores e os professores responsáveis por esta educação artística, pretende-se um processo de reestruturação dos cursos e planos de estudo de formação em educação pela arte de forma continuada, incorporando linhas específicas de formação em educação artística.

Em 1998, o Conselho Nacional de Educação, através do seu Parecer n.º 3/98, destaca os resultados de uma reflexão em torno da Educação Estética, Ensino Artístico e sua importância na Educação e interiorização de saberes, onde se denota uma preocupação em

«situar a Educação Estética e o Ensino Artístico no quadro da educação e formação ao longo da vida, confrontando-os com as exigências da sociedade cognitiva num contexto económico e cultural de globalização, no qual as linguagens simbólicas adquirem um papel determinante em todas as formas de comunicação» (Conselho Nacional de Educação 1999, p.1577).

Desta reflexão resultaram várias considerações, de entre as quais destaca-se algumas de particular relevância:

“O Ensino Artístico é uma área extremamente gratificante e relevante, o que lhe deve dar direito a um espaço importante e significativo nos currículos e nos horários escolares, ao longo de toda a escolaridade, em particular na Educação Pré-escolar e durante todo o Ensino Básico. (...) A prática do Ensino Artístico exige tempo, continuidade, condições de espaço, materiais e equipamentos... assim como requer professores especializados em cada expressão artística e sem acumulações indevidas. (...) Como é óbvio, o Ensino Artístico requer professores com formação muito específica no campo teórico, no campo prático das diferentes técnicas, e no campo da expressão artística (...) A monodocência, que no nosso Sistema corresponde ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, exige maior empenho na formação estética dos docentes e maiores e melhores conhecimentos na área das expressões” (Conselho Nacional de Educação, 1999, p.1577-1585).

A Lei de Bases do Sistema Educativo de 1986, o Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de agosto, e posteriormente o Decreto-Lei n.º 6/2001, de 18 de janeiro, da Declaração de retificação n.º 4-A/2001, de 28 de fevereiro, do Decreto-Lei n.º 209/2002, de 17 de Outubro, do Despacho n.º 19 575/2006, de 25 de setembro, com o do Decreto Lei n.º 94/2011, de 3 de agosto, e mais recentemente com o Decreto-Lei n.º 176/2014, de 12 de dezembro ao estabelecerem os princípios orientadores da Organização e Gestão Curriculares do Ensino Básico, vieram definir a matriz curricular do 1.º Ciclo, onde, nas designadas Expressões Artísticas, se podem encontrar atividades de desenvolvimento das expressões plástica, dramática e musical. A referida matriz curricular pode observar-se no quadro seguinte:

**Ilustração 1 - Matriz curricular do 1.º Ciclo do Ensino Básico
(Decreto-Lei n.º 176/2014, de 12 de dezembro)**

1.º ciclo

1.º e 2.º anos

| Componentes do currículo | Carga horária semanal |
|--|------------------------|
| Português | Mínimo de 7 horas. |
| Matemática | Mínimo de 7 horas. |
| Estudo do Meio | Mínimo de 3 horas. |
| Expressões Artísticas e Físico-Motoras . . . | Mínimo de 3 horas. |
| Apoio ao Estudo (a) | Mínimo de 1,5 horas. |
| Oferta Complementar (b) | 1 hora. |
| Tempo a cumprir | Entre 22,5 e 25 horas. |
| Atividades de Enriquecimento Curricular (c) | Entre 5 e 7,5 horas. |
| Educação Moral e Religiosa (d) | 1 hora. |

3.º e 4.º anos

| Componentes do currículo | Carga horária semanal |
|--|------------------------|
| Português | Mínimo de 7 horas. |
| Matemática. | Mínimo de 7 horas. |
| Inglês | Mínimo de 2 horas. |
| Estudo do Meio | Mínimo de 3 horas. |
| Expressões Artísticas e Físico-Motoras . . . | Mínimo de 3 horas. |
| Apoio ao Estudo (a) | Mínimo de 1,5 horas. |
| Oferta Complementar (b) | 1 hora. |
| Tempo a cumprir | Entre 24,5 e 27 horas. |
| Atividades de Enriquecimento Curricular (c) | Entre 3 e 5,5 horas. |
| Educação Moral e Religiosa (d) | 1 hora. |

(a) Apoio aos alunos na criação de métodos de estudo e de trabalho, visando prioritariamente o reforço do apoio nas disciplinas de Português e de Matemática, de acordo com o n.º 1 do artigo 13.º

(b) Atividades a desenvolver em articulação, integrando ações que promovam, de forma transversal, a educação para a cidadania e componentes de trabalho com as tecnologias de informação e de comunicação, de acordo com o n.º 2 do artigo 12.º

(c) Atividade de carácter facultativo, nos termos do artigo 14.º No caso de estas atividades serem oferecidas por entidade exterior à escola, o que carece sempre de contratualização, é necessária confirmação explícita do Ministério da Educação e Ciência para que a sua duração exceda 3 horas no 3.º e 4.º anos e 5 horas nos 1.º e 2.º anos de escolaridade.

(d) Disciplina de frequência facultativa, nos termos do artigo 19.º»

Apesar da Expressão Musical fazer parte do grupo das Expressões Artísticas e, portanto, ser uma área curricular disciplinar, trabalhada de forma integrada pelos professores titulares das turmas, é entendida por muitos como uma linguagem difícil de compreender e de ensinar, o que faz com que a sua abordagem se torne praticamente inexistente ou se limite à aprendizagem de canções temáticas, de acordo com as festividades da escola.

Em publicação na APEM (2009: pp. 12-13) é referido que

“Uma das questões de fundo, sempre presentes, diz respeito ao papel efetivo do professor titular de turma no desenvolvimento do currículo na área da Expressão e Educação Musical e no impacto desse trabalho do professor no desenvolvimento artístico-musical das crianças.

[...] é do conhecimento geral que a maior parte dos professores do 1.º Ciclo, sem formação musical complementar à sua formação profissional, não se sentem seguros e aptos para desenvolverem atividades musicais com os seus alunos. É muitas vezes referido pelos próprios essa sua lacuna na formação, tantas vezes apelidada de “falta de jeito para a música (...) na Expressão e Educação Musical a insegurança do professor torna-se o elemento impeditivo e legítimo de se aventurar nesta área” (APEM, 2009, p.12-13).

Note-se que, nos últimos dez anos, várias comissões têm trabalhado e refletido sobre questões da educação artística. Em março de 2006, a Comissão Nacional da UNESCO, em colaboração com o governo português, organizou a 1ª Conferência Mundial de Educação Artística, realizada no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, onde foram debatidas as múltiplas finalidades da educação artística, demonstrada a sua importância de afirmar a necessidade de se desenvolver as capacidades criativas e a consciência cultural nas novas gerações do século XXI. Registe-se que os temas abordados e as recomendações emanadas deste debate organizado pela UNESCO apontam para a necessidade de uma educação que promova o desenvolvimento da pessoa na sua globalidade. Assim, para muitos pedagogos e professores, já é evidente que a experimentação artística proporciona à criança a possibilidade de estabelecer inúmeras relações entre o sentir, o pensar e o agir, partindo das múltiplas vivências do aluno. Com efeito, é fundamental que os governos, as instituições governamentais e não-governamentais, bem como a própria UNESCO, estabeleçam medidas de forma a assegurar uma educação de boa qualidade e a contribuir para a formação de cidadãos com capacidade de intervenção na sociedade.

3. DIREÇÃO DE SERVIÇOS DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA E MULTIMÉDIA

3.1 Enquadramento Histórico e Regulamentar

Com a Lei de Base do Sistema Educativo de 1986, onde se refere a existência de um professor único para o 1º ciclo, passa a existir a possibilidade da coadjuvância de outros professores especializados, nomeadamente nas áreas artística. (nº 1 da alínea A do artigo 8).

De acordo com o número 2 do artigo 10º do Decreto-Lei 344/90,

2 - No 1.º ciclo do ensino básico, a educação artística genérica é assegurada pelos docentes do ensino regular, procurando a colaboração dos pais e encarregados de educação.

3 - O disposto no número anterior não prejudica a existência de componentes reforçadas de educação artística, a ministrar por docentes especializados, nas escolas de ensino básico regular dotadas de condições para o efeito. (<http://dre.tretas.org/dre/21657/>)

Na Região Autónoma da Madeira, desde 1980, existe um projeto cuja pretensão foi levar a todas as escola básicas e também ao ensino pré-escolar, o contato com as artes, sendo a música e a expressão dramática as áreas principais. Este projeto viria a ser a base do que hoje é a *Direção de Serviços de Educação Artística e Multimédia* (DSEAM).

A criação deste projeto deve-se a Carlos Gonçalves, então professor do Conservatório, cuja intenção foi a de integrar a área da música no então designado ensino primário, materializando-se através da formação permanente de professores deste nível de ensino, bem como dos alunos finalistas do Curso do Magistério Primário, como ele mesmo referencia «[...] Porque a minha ideia inicial era eu formar os professores do ensino primário para serem eles a dar, esta é que era a ideia inicial.» (Gonçalves, ABEM, 25 (jan.-jun., 2011).

O projeto inicia-se de forma experimental em duas escolas da cidade do Funchal, Santo Amaro e São Roque, levado a cabo por dois alunos do Conservatório, designados para o efeito (GCEA, 2001).

Em 1982, este projeto inicial viu o seu alargamento à expressão dramática passando a unir as duas áreas e a designar-se por “expressão musical e dramática”, sofrendo também uma alteração à génese do projeto, passando a ser o ‘Professor de

Apoio' a lecionar a disciplina em coadjuvância com o professor titular de turma, como deixa claro o que consta na Revista da ABEM nº 25, já referida:

Conforme o tempo foi passando, chegamos à conclusão que era impraticável, porque eles não tinham condições, a maior parte destes professores não tinha o talento necessário para poderem aprender a música, o suficiente, para poderem transmitir aos alunos.

No primeiro relatório de atividades deste organismo, enviado à Secretaria Regional de educação e Cultura (SREC) pelos seus fundadores – Carlos Gonçalves e Lúcia Brazão –, docentes respetivamente de Expressão Musical e de Expressão Dramática, pode ler-se o seguinte: «No Ano Letivo de 1983-84, teve início o Gabinete de Apoio à Expressão Musical e Dramática, que há algum tempo vinha sendo preparado».

Só em 1989, pelo Decreto Regulamentar Regional nº 26/89/M de 30 de dezembro, acontece o enquadramento legal do projeto e é criado o Gabinete Coordenador de Apoio à Expressão Musical e Dramática (GAEMD), integrado na Lei Orgânica da Secretaria Regional de Educação, Juventude e Emprego e dependente da Direção de Serviços da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Nesse documento oficial podem ler-se os objetivos da área de Expressão Musical e Dramática a ministrar nas escolas do 1.º CEB:

Promover o desenvolvimento físico e motor, valorizando as capacidades sensoriais, afectivas e intelectuais para as diversas formas de expressão estética; promover o desenvolvimento rítmico; promover a criatividade, a improvisação e a expressividade; promover o desenvolvimento da personalidade da criança.” (Decreto Regulamentar Regional nº 26/89/M, artigo 15º).

Este apoio direto nas Escolas do 1.º ciclo depressa se alargou até obter a cobertura integral de todas as escolas aumentando, consequentemente, também o leque de docentes de apoio a esta área. Com este alargamento, segundo o Decreto Regulamentar Regional nº 31/93/M de 28 de setembro, surgiram alterações às competências iniciais do projeto proporcionando: «ações necessárias à implementação e coordenação da educação artística genérica, ao nível da educação pré-escolar e do ensino básico (1.º ciclo) [...]», integrando uma forte aposta na

formação contínua «de carácter científico-pedagógico para formação e actualização da educação artística genérica (Música, Expressão Dramática, Teatro, Dança e Artes Plásticas)», a criação de grupos artísticos dentro das áreas coral, instrumental, expressão dramática, teatro e dança, a promoção de intercâmbios escolares nestas áreas «numa perspetiva de complemento curricular», promover eventos de índole artística, «nomeadamente festivais da canção infantil da Madeira encontros regionais de grupos corais e instrumentais e musicais» e a nomeação dos «coordenadores de zona, professores monitores e animadores de Expressão Musical e Dramática da educação pré-escolar e do 1.º ciclo do ensino básico», a colaboração na preparação dos programas para a educação artística genérica ou na reformulação dos mesmos para se adaptarem ao panorama regional e a criação de uma secção administrativa (artigo 11º).

Outras medidas de alargamento e inovação vão sendo instauradas nas consecutivas leis orgânicas e, em 2001, pelo Decreto Regulamentar Regional n.º 27/2001/M de 20 de outubro, é alargado o âmbito da intervenção ao restante ensino básico (2.º e 3.º ciclos) e secundário, desencadeando as «ações necessárias à prática efetiva das expressões artísticas, nomeadamente nas áreas de animação, em colaboração com outros organismos oficiais e particulares» (artigo 25º).

Passam a ser suas atribuições o planeamento, orientação e avaliação de programas, projetos e atividades no âmbito da educação artística e procedeu-se ao alargando da sua coordenação das áreas expressivas no 1.º CEB à Expressão Plástica, mantendo-se a Expressão Musical e Expressão Dramática, já edificadas e a funcionarem em pleno.

Passaram a promover-se ações de animação nos estabelecimentos de educação pré-escolar da região e de apoio à criação de grupos nas instituições escolares do ensino básico e secundário, nomeadamente corais, instrumentais, de teatro e de dança e ateliês de expressão plástica, bem como editar «*obras de natureza educativa e artística*» (artigo 25º).

Foi dada a continuidade à organização de eventos a nível regional: «Assegurar a organização de eventos a nível regional, nomeadamente, o Festival da Canção Infantil da Madeira, o MUSICAEP (encerramento das atividades artísticas no 1.º ciclo do ensino básico), o Encontro Regional de Grupos Corais e Instrumentais, o

Encontro de Coros Infantis e Juvenis da Madeira...», bem como colaborar na produção de programas de rádio e televisão passam a ser também competências deste gabinete.

Para além destas modificações, foi alterada a nomenclatura para Gabinete Coordenador de Educação Artística (GCEA) e criaram-se dois centros na sua dependência:

➤ o Centro de Apoio à Educação Artística (CAEA), ao qual compete «coordenar as ações de animação nas áreas artísticas na educação pré-escolar e jardins de infância»; «a área das expressões artísticas no 1.º ciclo do ensino básico» e as «atividades de complemento curricular e extracurricular nos ensinos básico e secundário» (artigo 26º);

➤ – o Centro de Expressões Artísticas (CEA), ao qual compete «proporcionar a ocupação criativa dos tempos livres de crianças e jovens, através de atividades de natureza artística», a promoção de «atividades extracurriculares de expressão artística» e de intercâmbios, a «criação e coordenação de grupos musicais, teatrais e de dança», a organização e participação em «concertos e espetáculos em toda a Região» promovidos por si ou por outras entidades oficiais e particulares (artigo 27º).

Em 2008, pela Portaria n.º 209/2008 de 3 de dezembro e pelo Despacho n.º 7/2009, de 16 de fevereiro, o GCEA, atual DSEAM, passa a estar dividido em três Divisões:

- Divisão de Apoio à Educação Artística (DAEA),
- Divisão de Expressões Artísticas (DEA) e
- Divisão de Investigação e Documentação (DID).

Conta também com duas Secções:

- Secção Administrativa (SA) e
- Secção de Informática (SI).

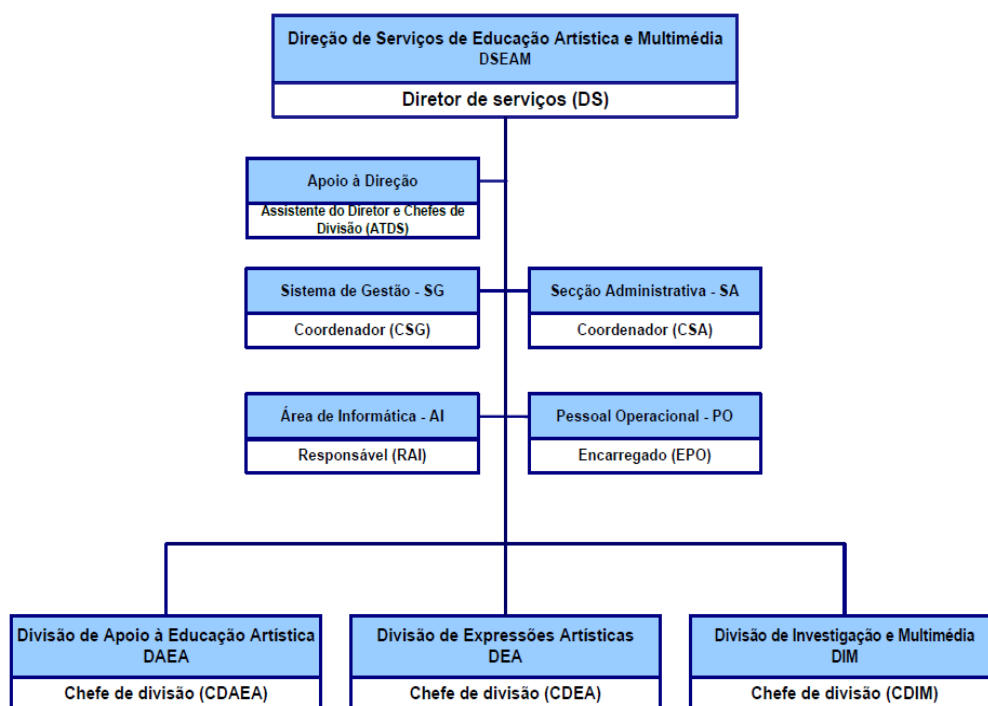
Ainda tem quatro Unidades de Apoio:

- Gestão de Qualidade (SGQ),
- Produção (PRD),
- Arte e Design (ARD) e

➤ Pessoal Operacional (PO).

Atualmente, e com Portaria n.º 82 e 83/2012 de 22 de junho, e Despacho n.º 6/2012 de 25 de junho, o GCEA passou a denominar-se DSEAM, continuando a ser uma unidade orgânica de coordenação e apoio à DRE na área da Educação Artística e passando a coordenar também a área da multimédia, para além das três divisões e da Secção Administrativa (SA) a secção de informática, esta alterada para área de informática (AI). Fica apenas com três Unidades de Apoio – Sistema de Gestão (SG), Apoio à direção (AD) e Pessoal Operacional (PO), como pode ser visto no seguinte cronograma:

Ilustração 2 – Organograma da Direção de Serviços de Educação Artística e Multimédia; Fonte: Relatório de Atividades DSEAM 2014



Desde 2009, o GCEA, atual DSEAM, possui uma forte e própria cultura organizacional, centrada nas pessoas, cuja missão passa por «desenvolver as Artes, de forma inclusiva, no ensino genérico» e “Através da Educação, promover a “Cultura para todos». (DSEAM, 2014: p. 5).

Desde 2010, o ano em que comemorou os trinta anos de existência, foi implementada e atribuída a certificação pelo SGQ – Sistema de Gestão da Qualidade, conforme a norma NP EN ISSO 9001:2008, o que se constituiu como uma mais-valia proporcionando a «o reconhecimento e satisfação dos clientes, melhoria da imagem, acesso a novos mercados, redução de custos de funcionamento através da melhoria do desempenho operacional e uma nova cultura com a sensibilização e motivação dos colaboradores.» (GCEA, 2011, p. 3).

Através da visão «Acreditando no trabalho em equipa, atingir a excelência nas Artes, para promover a qualidade na Educação», esta instituição apresenta como base dos seus valores o trabalho de equipa como base do sucesso, a aposta na investigação e na inovação, e no crescimento das Artes (GCEA, 2011: p. 8).

3.2 Divisões de apoio da DSEAM

Como já pudemos ver na ilustração anterior, a DSEAM é composta por três divisões que preconizam funções distintas, mas que se interligam.

A DAEA é a divisão da DSEAM, que tem a missão de «proporcionar a todos os alunos da RAM práticas artísticas de qualidade, apostando na formação contínua dos docentes», cujas atribuições são a coordenação e o apoio na área da educação artística, diretamente relacionada com as instituições escolares.

Como principais competências a coordenação do apoio nas áreas artísticas no pré-escolar e 1.º CEB, tem a supervisão e acompanhamento pedagógico das práticas artísticas no pré-escolar, 1.ºCEB e serviços técnicos da DRE; a promoção e coordenação do projeto Modalidades Artísticas (dança, canto coral, cordofones tradicionais madeirenses, instrumental, artes plásticas e expressão dramática e teatro) em contexto de enriquecimento curricular; a organização e coordenação de eventos regionais e a promoção de formação contínua para docentes nas diversas áreas artísticas.

O artigo nº 16º do Despacho n.º 100/2013, determina:

- a) Coordenar as ações de animação nas áreas artísticas na educação pré-escolar e jardins de infância;
- b) Coordenar a área das expressões artísticas no 1.º ciclo do ensino básico;

- c) Promover o intercâmbio escolar e atividades artísticas, numa perspetiva de complemento curricular;
- d) Coordenar as atividades de enriquecimento curricular e extracurricular nos ensinos básico e secundário, através das Modalidades Artística ;
- e) Coordenar a regionalização dos currículos da disciplina de Educação Musical nos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico.

Assim sendo, é a divisão mais próxima dos Professores de Apoio 87 (oitenta e sete) que se encontram a trabalhar nas escolas da região. Para que essa proximidade se concretize eficazmente, existe um coordenador principal para os ditos 87 (oitenta e sete) professores, 6 (seis) coordenadores de concelhia e 5 (cinco) coordenadores de modalidades artísticas.

O universo deste Apoio abrange 130 (cento e trinta) instituições do ensino pré-escolar e 113 (cento e treze) instituições do ensino do 1.º CEB, com um total de 16.387 (dezassex mil e trezentas e oitenta e sete) crianças e alunos abrangidos (DSEAM 2014).

O coordenador de concelhia é o elemento que trata diretamente com o Professor de Apoio e como tal, responsável, ao nível do concelho, por um número variável de daqueles profissionais, com quem reúne quinzenalmente, sendo reuniões de caráter pedagógico, com a partilha e planificação de atividades conjuntas, refletindo-se no enriquecimento de conhecimentos e práticas. Também supervisiona aulas, sendo cada aula assistida alvo de um relatório enviado à DSEAM. Nestas reuniões são também transmitidas algumas informações de caráter administrativo, relativo à intervenção dos docentes nas instituições, bem como à operacionalização do projeto.

Por sua vez, os coordenadores concelhios reúnem quinzenalmente com a coordenadora do DAEA e com a Coordenadora Regional de Áreas Artísticas, recebendo indicações, discutindo problemas encontrados e dando conta da aplicação do projeto.

As informações explanadas no DSEAM 2014 são as que se transcrevem:

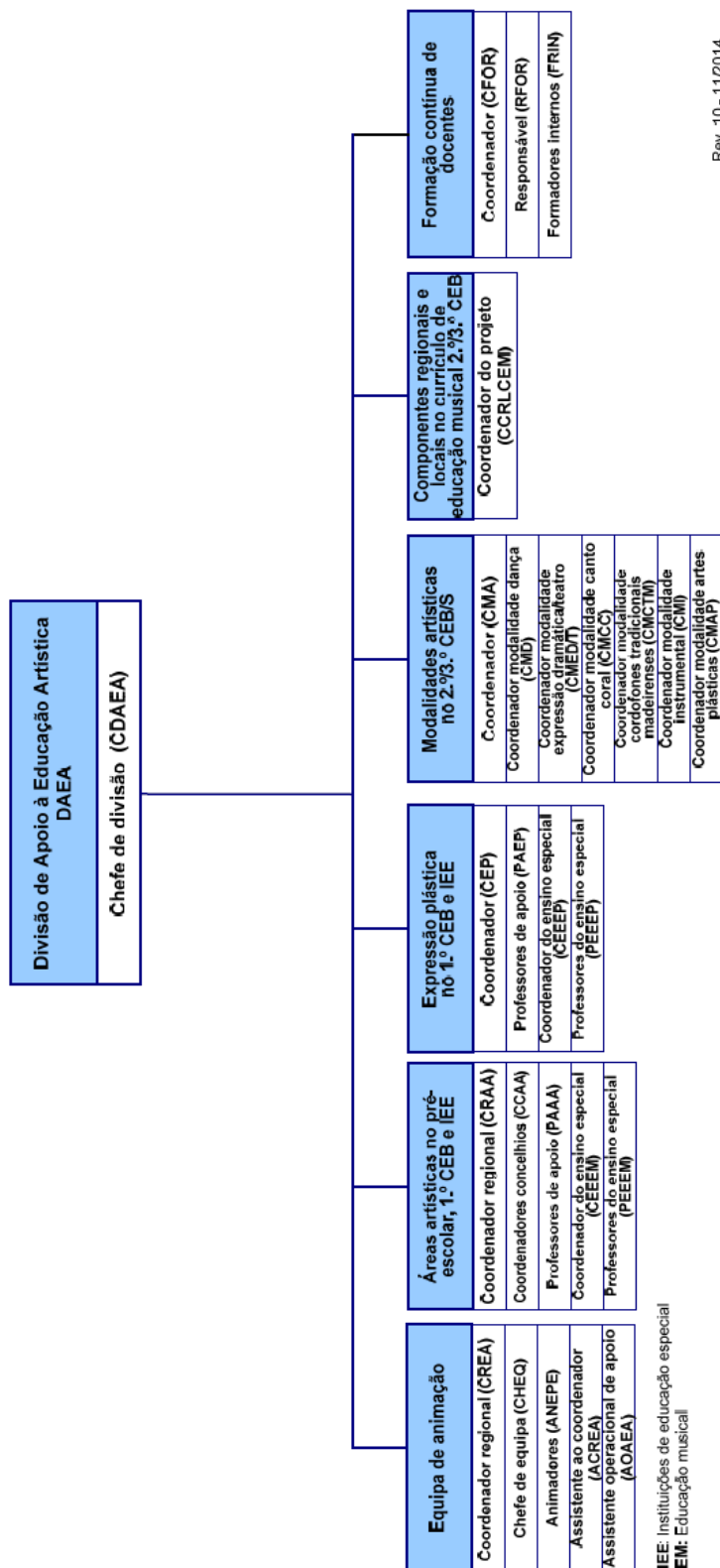
“Ao nível da supervisão/acompanhamento pedagógico, realizaram-se 359 supervisões a aulas/atividades, das quais resultaram uma reflexão com o docente supervisionado, acerca do processo de ensino e aprendizagem, bem como das atividades realizadas. Estas reflexões têm por objetivo orientar o trabalho do docente, tanto na sua ação pedagógica junto dos alunos, quanto na tomada de consciência das áreas de melhoria. Este tipo de acompanhamento é fundamental para a partilha de experiências e para a melhoria contínua. De salientar que nestas idas às instituições é feito um contacto com o(a) diretor(a) da escola, o qual nos põe à par do trabalho que está a ser desenvolvido pelo professor de apoio, bem como das atividades que dinamiza na instituição.

Segundo o relatório de 2014 da DSEAM, foram realizadas 153 (cento e cinquenta e três) reuniões ao nível da coordenação regional sendo este número adequado para o bom funcionamento do projeto.

A nível regional, as reuniões com os coordenadores concelhios, com a chefe de divisão e com o coordenador regional são de elevada importância, sendo fundamentais para a reflexão/avaliação das práticas pedagógicas e curriculares, bem como para o delineamento de estratégias de intervenção e melhoria. Neste discorrer de ideias, a coordenação é basilar para se garantir a qualidade do ensino e, consequentemente, das aprendizagens dos alunos, com vista ao seu sucesso académico.

A DAEA, proporciona aos docentes um forte investimento ao nível da formação contínua sendo esta formação diversificada, contemplando as áreas artísticas lecionadas pelos docentes. Todos são obrigados a frequentar no mínimo uma ação de formação por ano na DSEAM.

Ilustração 3 - Organograma da divisão de apoio à Educação Artística, retirado do plano de atividades de 2015



De acordo com o artigo 14º do Despacho n.º 100/2013), a DEA é a divisão da DSEAM que coordena a área das expressões artísticas, proporcionando

- «a ocupação criativa dos tempos livres de crianças e jovens, com ou sem necessidades educativas especiais, através de atividades de natureza artística que proporcionem o estímulo e o desenvolvimento das diferentes formas de comunicação e expressão artística»;
- «atividades extraescolares de expressão artística, nomeadamente nas áreas da música, da dança, do teatro e da expressão plástica»;
- «a criação e coordenação, numa perspetiva inclusiva, de grupos musicais, teatrais e de dança, designadamente coros, orquestras, tunas, *ensembles*, grupos de teatro e grupos de dança»;
- «concertos e espetáculos em toda a Região com os grupos corais, instrumentais, teatrais e de dança»;
- «Participar em concertos, espetáculos e outros eventos promovidos por entidades oficiais e particulares»;
- «Promover o intercâmbio a nível regional ,nacional e internacional, em colaboração com entidades oficiais e particulares, numa perspetiva de promoção dos valores educativos, culturais e tradicionais da Região Autónoma da Madeira»;
- «Implementar e difundir experiências e projetos artísticos que contribuam, numa perspetiva inclusiva, para o desenvolvimento criativo e integral dos intervenientes e para a modificação de atitudes sociais face às pessoas com necessidades especiais».

A DIM é a divisão da DSEAM responsável pela investigação artística, documentação e multimédia centrando a sua atuação na organização e direção da biblioteca da DSEAM, na promoção de edições “domínios da educação e cultura”, na realização e promoção de “trabalhos de estudo e investigação, nos âmbitos da cultura madeirense e da educação artística” e na organização de conferências e seminários, entre outras (artigo 17º do Despacho n.º 100/2009).

4. A ESCOLA A TEMPO INTEIRO NA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

4.1. Funcionamento

Através da Portaria n.º 133/98 de 14 de agosto, a Região Autónoma da Madeira passou a integrar sob a denominação de Escola a Tempo Inteiro (ETI), todos os estabelecimentos de 1º CEB e de Educação Pré-escolar:

A realidade presente, detectada através de observação circunstanciada a todos os estabelecimentos de educação pré-escolar/1.º Ciclo do Ensino Básico, conduziu à inevitabilidade de evoluir para um outro regime (...) Optou-se, assim, pela criação de um regime denominado de "Escolas a Tempo Inteiro" (ETI), cuja vocação prioritária é corresponder às necessidades educativas básicas e contribuir para a formação integral das crianças, com vista ao melhor sucesso escolar. Apresenta-se, portanto, um modelo de "Escolas a Tempo Inteiro" (ETI), que conjuga, para além das atividades curriculares, atividades de complemento curricular/extra curriculares, fixado de acordo com dinamismos próprios que expressem o meio socio-cultural e as reais necessidades educativas.

As atividades curriculares (AC) e as atividades de complemento curricular/extra curricular (ACCEC) deveriam funcionar em regime de alternância, com metade das turmas da escola com AC no turno da manhã e ACCEC no turno da tarde e vice-versa.

Quatro anos mais tarde, pela Portaria n.º 110/2002 de 14 de agosto, alterou-se a definição das ACCEC para Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC) e afirmou-se ainda a criação de atividades de Ocupação de Tempos Livres (OTL), a serem desenvolvidas em períodos e espaços não ocupados pelas restantes atividades, com o intuito de apoiar as famílias nomeadamente em relação aos seus compromissos profissionais.

Caberia assim à escola «assegurar as atividades das crianças/alunos, em dois períodos diários, não sobrepostos, cada um com duração nunca inferior a 5 horas, durante todos os dias úteis» (Portaria n.º 110/2002, p. 2).

Este regime cruzado permitiu uma melhor gestão do funcionamento da escola, maximizando espaços e recursos humanos. Uma das grandes vantagens deste modelo seria a rentabilização dos espaços, porque a mesma sala poderia ser aproveitada para as AC de duas turmas, funcionando uma num turno e a outra noutro.

Desta forma, metade das salas podiam ser aproveitadas para as AC e a outra metade para as AEC. Outro dos seus pontos positivos era permitir encontrar rápidas alternativas quando, por algum motivo, faltava um docente das AC, pois permitia reenquadrar os alunos nos grupos de AEC ou OTL que estariam a decorrer simultaneamente não prejudicando as outras AC em decurso. Como as atividades não teriam início nem término no mesmo horário, este regime também possibilitava uma melhor orientação dos alunos nas entradas e saídas da escola e na gestão das refeições (lanches e almoços), permitindo agrupá-los em diferentes horários e espaços, facilitando a vigilância e apoio dos mesmos.

Com o alargamento da rede escolar de ETI, construindo novos edifícios ou remodelando alguns já existentes, uma das dificuldades encontradas foi a implementação de novos espaços físicos, necessários para o cumprimento dos requisitos mínimos de algumas das AEC, nomeadamente na área da educação física, da expressão plástica e da informática. Para as AC e OTL, segundo o relatório de “Avaliação do regime de Escola a Tempo Inteiro”, os espaços estiveram sempre cotados entre o razoável e o bom, sendo que as maiores críticas foram apontadas às dimensões dos espaços.

A classificação dos espaços físicos das AEC situava-se, em 2004, entre o razoável e o bom, sendo que os melhores resultados foram apresentados pela Informática, resultantes da prioridade da SREC em dotar as escolas com equipamentos para esta área de atuação, seguindo-se da Educação e Expressão Musical e Dramática, também com espaços próprios e dotados para a prática da atividade.

Pelo contrário, os registos menos positivos relativos à caracterização dos espaços encontraram-se na Educação e Expressão Físico-Motora e na Expressão Plástica, resultantes da falta de alternativas do edifício para a prática desportiva em dias de chuva, da reduzida dimensão das salas e da falta de pontos de água e de locais de arrumação das mesmas. Nos espaços de recreio, as lacunas observadas prenderam-se com a ausência de áreas cobertas em algumas escolas ou a existência destes espaços mas com reduzida dimensão.

Também a colocação dos docentes e a criação dos seus horários era pensada de forma a haver técnicos especializados e/ou orientados para todas as atividades,

principalmente no que consta às AEC, permitindo uma melhor lecionação das mesmas ao focalizar os docentes para as atividades para as quais possuíssem maior habilitação ou formação. Neste sentido, pela Portaria n.º 56/2009 de 8 de junho, após vários anos de colocação de professores generalistas nestas áreas ou da contratação ser realizada pelos seus gabinetes coordenadores, é definido e enquadrada a colocação de docentes das AEC, sendo criados grupos de recrutamento específicos para cada uma delas, sendo no caso da Expressão Artística o código 150.

A escola deverá oferecer às crianças áreas curriculares disciplinares e áreas curriculares não disciplinares, ambas incluídas no que se denominou anteriormente por AC e AEC, de acordo com o estabelecido no Decreto-Lei n.º 6/2001, de 18 de janeiro, adaptado à RAM pelo Decreto Legislativo Regional n.º 26/2001/M, de 25 de agosto, tendo sido alterado pelo Decreto Legislativo Regional n.º 20/2003/M, de 24 de julho.

São ainda incluídas no rol as OTL, atividades que permitem manter as crianças ocupadas no interior do recinto escolar, devendo «ser desenvolvidas nos períodos e espaços não ocupados pelas atividades curriculares, de enriquecimento e recreios» (artigo 6º da Portaria n.º 110/2002, de 14 agosto).

Relativamente à disposição diária das atividades, a maioria das escolas, com eventuais pequenas alterações relacionadas com a realidade social e orgânica funcional de cada uma, perfila-se um modelo de exemplo (Ilustração 4)⁶ apresentado pela Direção Regional do Planeamento, Recursos e Infraestruturas (DRPRI).

Neste exemplo, o estabelecimento escolar procede a sua abertura às 7h50 e encerra às 18h30.

No caso de a turma ter AC no turno da manhã, as atividades letivas têm início às 8h15 e terminam às 13h05, com um intervalo de 20 minutos a meio da sua

Ilustração 4 - Horário Exemplo

| | ACM ¹ | ACT ² |
|-------|---------------------|------------------|
| 7h50 | OTL ³ | OTL |
| 8h15 | AC | |
| 9h00 | AC | AEC1 |
| 9h45 | AC | AEC2 |
| 10h30 | Intervalo | Intervalo |
| 10h50 | AC | AEC3 |
| 11h35 | AC | AEC4 |
| 12h30 | AC | Almoço |
| 13h05 | Almoço ⁴ | |
| 13h15 | | AC |
| 14h00 | AEC1 ⁵ | AC |
| 14h45 | AEC2 | AC |
| 15h30 | Intervalo | Intervalo |
| 15h50 | AEC3 | AC |
| 15h35 | AEC4 | AC |
| 17h20 | OTL | AC |
| 18h05 | | OTL |
| 18h30 | Fim | Fim |

⁶ Tabela retirada do sítio da DRPRI

<http://www.madeira-edu.pt/LinkClick.aspx?fileticket=cHIFaHyDxmo%3d&tabid=529&language=en-US> no dia 13 de agosto 2015

frequência. Depois do almoço, as crianças poderão frequentar facultativamente as AEC disponibilizadas pela escola, entre as 14h00 e as 17h20, também com um intervalo de 20 minutos a meio da sua frequência. Se a turma tiver AC no turno da tarde, as atividades letivas são inversas às do turno contrário. Antes do início e no final destas atividades, as crianças poderão ainda frequentar OTL disponibilizados pela escola.

Relativamente ao tempo efetivo passado na escola, muitas foram as vozes que se manifestaram contra, atendendo ao facto de que é importante para as crianças destas faixas etárias estarem próximas dos seus familiares o maior período de tempo possível.

Contudo, este regime assegura às famílias todos os serviços educativos das crianças no próprio local e a permanência dos mesmos com pessoal qualificado, docente e não docente. As famílias que efetivamente têm horários de trabalho mais flexíveis podem sempre prescindir das AEC e das OTL disponibilizadas pela escola pois a sua frequência é facultativa. Relativamente à carga letiva das várias áreas curriculares e não curriculares, as orientações para a lecionação do programa do 1.º CEB disponibilizadas às escolas em vigor desde o ano letivo de 2015/2016, segundo o Ofício Circular n.º 5.0.0- 097/15 de 17 de julho, foram:

- Português - mínimo de 7 horas letivas de trabalho semanal com 45 minutos diários de leitura);
- Matemática - mínimo de 7 horas letivas de trabalho semanal);
- Estudo do meio -mínimo de 3 horas letivas de trabalho semanal)
- Expressão Artística (EA) e Físico-motoras (EFM)- mínimo de 3 hora de trabalho semanal; (Expressão Musical e Dramática 1 hora; Modalidade Artística 1hora; Expressão Físico- motora 1hora)
- Apoio ao estudo – Mínimo de 1,5 horas letivas de trabalho semanal)
- Inglês – Mínimo de 1 hora letiva de trabalho nos 1.º e 2.º anos;

Mínimo de 2 horas letivas de trabalho no 3.º ano;

Área não disciplinar

- Educação para a cidadania; (deverá ser desenvolvida em articulação com as disciplinas de frequência obrigatória e as atividades de enriquecimento do

currículo, incluindo uma componente de trabalho dos alunos com as tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e constar explicitamente do plano anual da turma)

Disciplina de frequência facultativa

- Educação Moral e Religiosa – 1 hora semanal;

Áreas curriculares disciplinares e não disciplinares (AC), num total entre 22.5 a 26 horas semanais.

Atividades de complemento do currículo (AEC), nas turmas do 1º ciclo não deverão ultrapassar as 13 horas semanais:

- Inglês (1 hora de trabalho semanal para 1.º, 2.º e 3.º anos e 3 horas de trabalho semanal para o 4.º ano);
- Expressão musical e dramática (1 hora de trabalho semanal para 3.º e 4.º anos);
- Expressão físico-motora (1 hora de trabalho semanal para 1.º e 2.º anos e 2 horas de trabalho semanal para 3.º e 4.º anos);
- Expressão plástica (2 horas de trabalho semanal para 1.º e 2º anos e 1 hora para 3.º e 4.º anos);
- Tecnologias da informação e comunicação (1 hora semanal de trabalho para 1.º e 2.º anos e 2 horas de trabalho semanal para 3.º e 4.º anos);
- Apoio ao Estudo/Biblioteca (4 horas de trabalho semanal).
- Projetos de escola ou coordenados para Direção Regional de Educação (DRE) (sendo do concelho escolar a responsabilidade da distribuição da carga horária)

Em síntese, os alunos do 1.º CEB que frequentam a ETI, permanecem na escola 38 (trinta e oito) horas semanais, sem contabilizar as cargas horárias das OTL disponíveis.

Este facto é uma das grandes críticas a este modelo. A chamada hiper-escolarização das crianças é real, mas também, nas palavras de Cosme e Trindade (2007, p: 17), «alarmista [...] nomeadamente quando se sabe que as atividades [...] são de carácter facultativo». Outros pontos menos positivos são “[...] *cansaço demonstrado pelos alunos e a indisciplina acrescida*”.

A ETI é um modelo de escola que tem em conta as necessidades sociais e económicas de uma comunidade, contribuindo para a igualdade de oportunidades de acesso e sucesso escolares colmatando as necessidades da família, pois na realidade atual a escola é continuidade da família, o papel da escola ultrapassa a escolarização, hoje em dia, é extensão da família.

5. EXPRESSÃO ARTÍSTICA NAS ATIVIDADES CURRICULARES E DE ENRIQUECIMENTO DO CURRICULAR

5.1 Atividades Curriculares (AC)

O ensino da música na escola básica tem como objetivo proporcionar à criança o desenvolvimento pleno das suas faculdades, independentemente do seu grau de aptidão musical. Além disso, a música (tal como acontece com as outras artes) não é algo que exista somente para o simples entretenimento, é também, uma forma de comunicação mais profunda. Graça Mota (2007: p. 17), refere que

Em termos de um processo de ensino estamos, assim, perante um desafio que situa a Música claramente num corpo central de aprendizagens também estruturantes dos mecanismos cognitivos, para já não falar dos afetivos, psicomotores e sociais sempre tão sobejamente enunciados.

Desta forma, a música não é só essencial para o desenvolvimento das capacidades musicais, tem também a capacidade de proporcionar o desenvolvimento de outros domínios que são fundamentais numa formação equilibrada da criança, devendo, por isso, ser facultada a todas as crianças. Assim sendo, é consensual que as crianças que frequentam a escolaridade obrigatória devam ter acesso a uma aprendizagem musical.

Ora, ao analisarmos o documento que nos fala das “Orientações Programáticas do Ensino da Música no 1.º Ciclo do Ensino Básico”, devemos indicar que aquele documento se apresenta como um suporte da prática docente, que “estime a reflexão e debate em torno das propostas que anuncia”, podendo considerar-se flexível face aos diferentes contextos de aplicação, constatamos que há preocupação em desenvolver uma literacia musical nas crianças do nosso país.

O objetivo fundamental do ensino da música no 1.º CEB é o desenvolvimento do pensamento musical das crianças, pela compreensão de conceitos musicais, que são adquiridos através do conhecimento de música, toda a aprendizagem musical deverá organiza-se em torno dos seguintes pressupostos compreensão musical determinada pelo conhecimento da música, sobre a música e através da música, que engloba também competências de leitura e escrita musicais e organiza-se em torno de

um conjunto diversificado de dimensões assente nos seguintes pressupostos da aprendizagem musical:

1. Todas as crianças têm potencial para desenvolver as suas capacidades musicais;
2. As crianças trazem para o ambiente de aprendizagem musical os seus interesses e capacidades e os seus próprios contextos sócio-culturais;
3. Mesmo as crianças mais pequenas são capazes de desenvolver o pensamento crítico através da música;
4. As crianças devem realizar atividades musicais utilizando materiais e repertório de qualidade;
5. As crianças aprendem melhor em ambientes físicos e sociais agradáveis e no contacto interpares;
6. As experiências diversificadas de aprendizagem são fundamentais para servirem as necessidades de desenvolvimento individual das crianças;
7. As crianças necessitam de modelos eficazes de adultos. (Ensino da Música 1º CEB – orientações programáticas. M.E.- DG-IDC 2006, p. 6).

Pretende-se ainda, que o processo de ensino e aprendizagem da educação musical vise a interação de várias atividades relacionadas com três grandes domínios da prática musical: audição, interpretação e composição.

O programa curricular proposto pelo Ministério da Educação para o 1º CEB, no âmbito das expressões musical e dramática, compreende um conjunto de vivências e competências que o aluno deverá apreender.

Estas duas Expressões (Musical e Dramática) são compostas por práticas diferenciadas e que interligadas, visam proporcionar às crianças vivências e experiências promotoras do equilíbrio na sua formação integral. Elas integram atividades definidas pela LBSE e pelo “Currículo Nacional do Ensino Básico” e, segundo a Portaria n.º 110/2002, devendo reger-se atualmente e no contexto das ETI, pelo disposto no Decreto-Lei n.º 6/2001, de 18 de Janeiro, adaptado a RAM pelo Decreto Legislativo Regional n.º 26/2001/M, de 25 de Agosto, e demais legislação complementar (artigo 4.º).

Graça Mota (2014: p. 45), referindo-se à forma como a Música está implementada na RAM, diz o seguinte:

Como aspeto peculiar há que referir que na Região Autónoma da Madeira (RAM) existe um programa com mais de 30 anos que oferece Música Expressão Dramática no 1º ciclo do EB com professores especializados especialmente contratados para o efeito e um espaço curricular semanal em regime de coadjuvação com o professor generalista. Se bem que apresente alguns problemas precisamente no que toca ao aspeto da coadjuvação, o seu carácter sistemático é de louvar, tendo em conta o panorama geral no continente.

A Educação Musical e Dramática, até ao ano letivo de 2014/2015, chegava às crianças do 1.º Ciclo de duas formas claramente demarcadas: por um lado, as aulas curriculares de Expressão Musical e Dramática, com presença de uma hora semanal na matriz curricular e de natureza obrigatória, contribuindo para a avaliação dos estudantes, que deve ser feita em colaboração pelo professor de apoio; por outro lado, as Modalidades Artísticas, de complemento curricular, facultativas e com a duração de uma hora no 1.º e 2.º anos, e de duas horas no 3.º e 4.º anos, por sessão semanal.

No entanto, a partir deste ano letivo 2015/2016, com o Ofício Circular N.º5.0.0.097/15, as Modalidades Artísticas passam a integrar a componente curricular passando assim, os alunos do 1º CEB a usufruir de duas horas semanais no horário das atividades curriculares. Embora sejam lecionadas pelos professores de apoio à Expressão Musical e Dramática, as aulas curriculares devem contar com a presença obrigatória do professor titular de turma.

Todo o processo de desenvolvimento curricular é levado a cabo por atores dotados de relativa autonomia e inseridos em estruturas organizativas que importa descrever de forma a facilitar a compreensão do modelo curricular em questão. O programa tem uma magnitude muito significativa, abarcando toda a ilha da Madeira, o que só é possível na presença de uma organização bem estruturada, neste caso corporizada pela DSEAM.

Podemos encontrar, de forma sintetizada, no documento orientador das áreas artísticas para o 1º CEB e pré-escolar tudo o que é inerente á organização do projeto para cada ano letivo.

Este documento é elaborado segundo a lei de bases do sistema educativo (Lei 46/86 de 14 de outubro) como também a adaptação à RAM do regime constante do

Decreto-lei nº 139/2012 de 5 de julho (com as alteração introduzidas no decreto-lei nº91/2013 de 10 julho.

É definido por este documento as orientações curriculares para as expressões musical e dramática seguindo vários organizadores.

Para a Expressão Musical consideram:

- Perceção sonora e musical;
- Criação e Experimentação; Interpretação e Comunicação; e
- Culturas musicais nos contextos.

Para a Expressão Dramática destacam-se expressão e criação corporal, exploração e criação vocal, exploração espacial, exploração/relação com os objetos, linguagem não verbal, linguagem verbal e linguagem gestual.

Estas linhas orientadoras foram pensadas no sentido de favorecer práticas artísticas variadas, mas interligadas, e adequadas ao contexto onde se exerce a ação educativa, de forma a possibilitar a construção e o desenvolvimento das duas áreas artísticas nas seguintes dimensões:

- “Desenvolvimento do pensamento e imaginação musical, isto é, a capacidade de imaginar e relacionar sons;
- Exploração dos instrumentos expressivos: corpo, voz, espaço;
- Domínio de práticas vocais, instrumentais e corporais diferenciadas;
- Criação e experimentação em diferentes estilos e géneros musicais;
- Exploração temática pela improvisação;
- Compreensão e apropriação de diferentes códigos e convenções que constituem as especificidades dos diferentes universos musicais e da poética musical em geral;
- Participação em espetáculos musicais de âmbitos diferenciados;
- Apreciação, discriminação e sensibilidade sonora e musical ética, fundamentada e contextualizada em diferentes estilos e géneros musicais;
- Pesquisa ativa e criativa baseada na interação com pessoas, espaços, vivências diferenciadas que permitam o aprofundamento da criação dramática;
- Criação e dramatização de histórias e situações;

- Exploração das potencialidades interdisciplinares na criação de um projeto dramático;
- Conhecimento e valorização do património artístico-musical regional, nacional e internacional;
- Reconhecimento do papel dos artistas como pensadores e criadores que, com os seus olhares, contribuíram e contribuem para a compreensão de diferentes aspetos da vida quotidiana e da história social e cultural.”

No entanto, as AC funcionam com base nas orientações curriculares definidas no documento "Projeto Curricular: Áreas Artísticas no 1.º Ciclo do Ensino Básico Curricular e Enriquecimento Curricular", da autoria da Divisão de Apoio à Educação Artística do GCEA (2010). Este documento compreende 11 (onze) objetivos gerais, formulados sob a forma de competências:

- Desenvolver competências e conhecimentos aos níveis: vocal e instrumental;
- Desenvolver competências no âmbito da acuidade auditiva;
- Desenvolver competências e conhecimentos aos níveis: da leitura, escrita e formas de representação sonora;
- Desenvolver o pensamento e a criatividade musical;
- Desenvolver competências transversais no âmbito da interligação da música com outras artes e áreas do conhecimento;
- Desenvolver competências numa perspetiva sócio-afetiva, contribuindo para o aperfeiçoamento do sentido estético e artístico;
- Desenvolver competências corporais, reconhecendo e utilizando o corpo como meio de expressão e comunicação;
- Desenvolver a criatividade, originalidade e a capacidade de improvisação (verbal e não verbal);
- Desenvolver competências e conhecimentos ao nível das várias técnicas de expressão dramática;
- Desenvolver competências no âmbito da criação / encenação / produção de espetáculos;

- Desenvolver competências e conhecimentos perspetivando uma formação holística.

Estes objetivos gerais são específicos a este documento, não sendo decalcados da Organização Curricular e Programas do 1.º CEB (DEB, 2004), ou do *Currículo Nacional do Ensino Básico* (ME/DEB, 2001), sendo posteriormente operacionalizados em tabelas (ver exemplo na tabela 2) que, para cada ano curricular, elencam conteúdos, aos quais correspondem competências de natureza específica. O mesmo documento elenca os objetivos gerais para cada uma das “Modalidades Artísticas” e um conjunto de critérios de avaliação, de natureza genérica, a considerar, sem indicação das ponderações que cada um desses elementos deve possuir.

Os quatro manuais escolares “Da Escola ao Palco”, específicos para cada ano do primeiro ciclo, produzidos pela DSEAM surgem como instrumento regulador do currículo, uma vez que, embora não sejam obrigatórios, a realização de atividades dos manuais é fortemente aconselhada e verificada pelos coordenadores concelhios.

Tabela 1 - Exemplo de tabela de 1º ano

| Conteúdos | Competências |
|--|---|
| ♪ Sons do meio envolvente | ♪ Identificar/explorar sons isolados: meio envolvente; corporal; instrumentos e/ou materiais convencionais e não convencionais. |
| ♪ Ambiente/texturas sonoras | ♪ Identificar/explorar ambientes/texturas sonoras, através da audição e da criação de canções, contos, poemas, imagens. |
| ♪ Sons vocais, instrumentais e corporais | ♪ Reproduzir com a voz e/ou com os instrumentos: sons isolados; agregados sonoros; melodias; canções. ♪ Utilizar diferentes maneiras de produzir sons com o corpo e objetos. |
| ♪ Técnicas de respiração | ♪ Explorar a respiração torácica e abdominal. |

| | |
|--|---|
| <p>♫ Modos rítmicos: pulsção, ritmo, divisão e compasso.</p> | <p>♫ Acompanhar canções/peças musicais e lengalengas com os modos rítmicos (utilizando a voz, corpo, materiais e instrumentos).</p> <p>♫ Associar movimentos corporais aos modos rítmicos, andamento, dinâmica, acentuação e altura.</p> |
| <p>♫ Melodias/canções</p> | <p>♫ Cantar sozinho e em grupo (uníssono).</p> |
| <p>♫ Rimas e lengalengas</p> | <p>♫ Reproduzir e participar na criação de rimas e lengalengas.</p> |
| <p>♫ Criação musical</p> | <p>♫ Criar melodias para rimas e lengalengas.</p> |
| <p>♫ Movimentos sonoros: ascendentes, descendentes e contínuos</p> <p>♫ Registos sonoros: agudo, médio e grave</p> | <p>♫ Identificar/vivenciar vocal e corporalmente, os movimentos sonoros e os registos sonoros</p> |
| <p>♫ Instrumentos ORFF e Flauta de bisel</p> | <p>♫ Identificar/utilizar instrumentos PAI e PAD e flauta de bisel.</p> |
| <p>♫ Representação sonora (não convencional)</p> | <p>♫ Criar/utilizar símbolos para representar o som da voz, corpo e instrumentos.</p> |
| <p>♫ Orientação e coordenação espacial</p> | <p>♫ Explorar o espaço circundante: lato/restrito.</p> <p>♫ Explorar deslocções simples, seguindo diferentes direções e sentidos.</p> <p>♫ Orientar-se no espaço a partir de referências visuais, auditivas, tácteis.</p> |
| <p>♫ Níveis corporais</p> <p>♫ Lateralidade</p> | <p>♫ Explorar movimentos e níveis corporais associados à lateralidade: direita/esquerda; em cima/em baixo; à frente/atrás; baixo, médio e alto.</p> |
| <p>♫ Atitudes corporais</p> | <p>♫ Explorar as formas que o corpo pode realizar: abertas/fechadas; largas/estreitas; contorcidas.</p> |
| <p>♫ Formas de deslocação</p> | <p>♫ Explorar diferentes formas de deslocação: saltar; pé-coxinho; rastejar; rebolar; saltitar; tesoura; “caranguejo”, gatinhar, entre outros.</p> <p>♫ Explorar atitudes a nível segmentar ou total de mobilidade/imobilidade; contração/descontração.</p> |

| | |
|--|---|
| ♪ Relação corpo/objeto | ♪ Explorar as relações possíveis do corpo com os objetos, com e sem deslocação: individual/aos pares. |
| ♪ Exploração sensorial dos objetos | ♪ Explorar as qualidades físicas dos objetos. |
| ♪ Jogo simbólico | ♪ Explorar as transformações de objetos: imaginando-os com outras características, utilizando-os em ações. |
| ♪ Improvisação | ♪ Improvisar/utilizar/reproduzir espontaneamente atitudes, gestos, movimentos a partir de diferentes estímulos (visuais e sonoros). ♪ Reproduzir movimentos em espelho e por contraste. ♪ Improvisar palavras, sons, movimentos e gestos em interação com o outro/em pequeno grupo. |
| ♪ Criação de histórias | ♪ Improvisar diálogos/histórias a partir de ilustrações, sons, objetos, temas, entre outras. ♪ Dramatizar situações do quotidiano/ histórias. |
| ♪ Criação de sequências de ações, atitudes / gestos / movimento. | ♪ Participar na criação de sequências de movimentos (exploração/iniciação aos esquemas coreográficos). |
| ♪ Movimento expressivo e coreográfico | ♪ Organizar sequências de movimentos. |
| ♪ Coreografias elementares | ♪ Participar em coreografias, a partir de um repertório infantil, tradicional, regional, popular. |
| ♪ Dança criativa | ♪ Criar movimentos/ gestos simples e espontâneos livres |
| ♪ Espírito crítico e analítico | ♪ Observar, escutar e apreciar o desempenho do grupo de forma estética. |

5.2 Atividades de Enriquecimento Curricular

As AEC são, por definição, as atividades pedagógicas e complementares das aprendizagens curriculares do 1º ciclo do ensino básico realizadas pelas escolas, de frequência facultativa pelos alunos, e encontram-se ligadas à aquisição das competências básicas definidas, incidindo em áreas de caráter desportivo, artístico, tecnológico, de formação pluridimensional e de ligação da escola com o meio.

De acordo com a Portaria n.º 110/2002, de 14 de agosto, «as atividades de enriquecimento curricular podem variar consoante o projeto educativo da escola» devendo ter em conta «o tempo que os alunos frequentam as escolas, não escolarizando os seus conteúdos» e determina-se que as atividades a desenvolver são, designadamente: «a) De carácter desportivo; b) De carácter artístico; c) De carácter tecnológico; d) De formação pluri-dimensional; e) De ligação da escola com o meio.» (artigo 5.º).

Com o Decreto Regulamentador Regional nº31/93/M de 28 de Setembro, passa a contemplar a criação de grupos instrumentais, corais, de expressão dramática, teatro e dança. (artigo 11, alínea b).

Mais tarde, com a portaria n.º 133/98 de 14 de agosto, a Região Autónoma da Madeira introduz no seu modelo de ensino as ETI, em toda as escolas de 1º CEB na RAM, fazendo com que os grupos, anteriormente criados passem a denominar-se modalidades artísticas implementadas como AEC. No entanto, com Ofício Circular 5.0.0.097/15 de 17 de julho de 2015 a modalidade artística passa integrar as atividades curriculares podendo o professor dar a sua continuidade nas atividades de enriquecimento curricular.

Decorrente desse projeto, nasceram algumas modalidades mais específicas – instrumental e canto coral – que em 1995, com a implementação da Escola a Tempo Inteiro viriam a dar corpo ao atual projeto de “Modalidades Artísticas” desenvolvidas ao nível do enriquecimento curricular no 1.º ciclo do ensino básico (1.º CEB).” (Gonçalves, 8 de agosto de 2015)⁷

Assim sendo as modalidades artísticas disponibilizadas aos alunos do 1º CEB são cinco, Canto Coral; Expressão Dramática; Dança; Instrumental; Cordofones Tradicionais Madeirenses. Cada uma destas modalidades é coordenada por um coordenador que tem função apoiar os docentes que aplicam as modalidades nas suas escolas.

Podemos encontrar as orientações gerais para cada modalidade no “Documento Orientador das áreas artísticas no Pré-escolar e no 1.º CEB 2015/2016”.

⁷Vd.: <http://www.dnoticias.pt/impressa/diario/opiniaio/532389-projeto-de-modalidades-artisticas-nas-escolas-da-ram-onde-estamos-par>. Acedido no dia 13/09/2015.

Para a Modalidade Expressão Dramática (MED) pretende-se o aprofundamento dos conteúdos do programa, trabalhando o aluno como pessoa inteira (sua afetividade, percepções, expressão, sentidos, crítica e criatividade) através da abordagem dos seguintes conteúdos:

- A socialização e os comportamentos;
- A relação entre o corpo, espaço, objeto;
- O domínio do corpo e da voz;
- A improvisação, a imaginação e a criatividade;
- A escrita criativa;
- A análise e a criação do texto dramático;
- A interpretação e a representação.

Com a Modalidade Instrumental (MI) perspetiva-se:

- A aquisição de conhecimentos e a experimentação de instrumentos musicais, tais como o instrumental Orff, a flauta de bisel e a pequena percussão.
- A prática de instrumentos musicais variados em articulação com objetos sonoros – materiais não convencionais – corpo, etc...
- A utilização de repertórios diversificados;
- A utilização de processos de dinâmica de grupo através da prática instrumental e vocal;
- O desenvolvimento de técnicas de execução progressivas;
- O desenvolvimento da sensibilidade estética e artística;
- A prática artística integrada/articulada - Audição, interpretação e criação/composição, aprofundando os conteúdos do programa.

Através da Modalidade de Canto Coral (MCC) pretende-se desenvolver:

- O gosto de *fazer música vocal em conjunto*, tendo por base critérios para um desempenho qualitativo progressivo;
- O prazer de cantar, de modo a contribuir para uma melhor integração artística e cultural, quebrando preconceitos e estigmas socialmente ainda arraigados, acerca do canto coral;
- Saberes que permitam um melhor entendimento e sentido apreciativo, assimilado pela vivência na prática curricular e pela partilha com os outros, como contributo para o fomento e aproximação futura de novos públicos à música coral;

- Um novo conceito de *cultura vocal/respiratória*, que privilegie a saúde vocal e um bom desempenho da voz, como contributo para um crescimento mais equilibrado e harmonioso da criança;
- A educação pelas artes potenciando as funções socializadora, profilática e pró-artística que o canto coral propicia;
- O desempenho do canto em conjunto numa perspetiva de Educação Artística contemplada na Lei de Bases do Sistema Educativo, aprofundando os conteúdos do programa.

Com a modalidade de Cordofones Tradicionais Madeirenses (MCTM) pretende-se:

- O conhecimento e experimentação dos instrumentos de cordas dedilhadas e de palheta, tais como Braguinha, Viola de Arame, Rajão, Viola, e Bandolim, numa linha de orientação para a sensibilização da prática dos instrumentos de Corda Tradicionais Madeirenses;
- A utilização dos instrumentos tradicionais nas práticas musicais atuais;
- O desenvolvimento de processos de dinâmica de grupo através da prática instrumental e vocal;
- O desenvolvimento de técnicas de execução progressivas;
- Que os praticantes contactem com aqueles instrumentos mais de perto, atendendo à valorização do património musical imaterial madeirense.

Com a modalidade de dança (MD) pretende-se:

- Contribuir para a formação da personalidade e promover a autonomia;
- Aumentar a capacidade de concentração e observação;
- Estimular a imaginação;
- Fomentar a criatividade;
- Compreender a importância da música na dança e ampliar o sentido rítmico de cada aluno;
- Estimular a exploração do movimento como meio de expressão pessoal e definição de ideias/conceitos;
- Desenvolver o sentido estético e fomentar o discurso crítico. Desenvolver o trabalho em equipa,
- sociabilidade e interação;
- Contextualizar a dança como uma linguagem internacional, através da interceção de diversas culturas;”

Os objetivos específicos para cada modalidade encontram-se no “Projeto Curricular: Áreas Artísticas no 1.º CEB Curricular e Enriquecimento Curricular” já referenciado, são os seguintes:

| | |
|----------------|---|
| Canto Coral | <ul style="list-style-type: none"> • Adquirir comportamentos de “saber estar” e de “bem-estar” • Adquirir uma postura corporal correta; • Desenvolver a concentração e a memória auditiva; • Cultivar hábitos saudáveis de respiração • Adquirir consciência da envolvimento do corpo no canto • Desenvolver competências que visem um desempenho técnico progressivo e saudável da voz • Utilizar a voz com naturalidade • Trabalhar a desinibição / socialização • Conhecer/interpretar repertório vocal tradicional e diversificado • Vivenciar a música (vocal) de forma lúdica • Criar hábitos de escuta de música polifónica coral / música clássica • Desenvolver competências auditivo - sensoriais e afetivas: • Desenvolver o sentido rítmico (Tempo) • Desenvolver o sentido harmónico (afinação) • Desenvolver o sentido melódico (entoação) • Desenvolver a acuidade auditiva (timbre)Desenvolver o sentido estético (“o belo”) – sensibilidade; |
| • Instrumental | <ul style="list-style-type: none"> • Flauta de Bisel <ul style="list-style-type: none"> • Adquirir um conhecimento geral, através da execução musical, da flauta de bisel, suas possibilidades e limitações a nível técnico e expressivo; • Desenvolver o sentido melódico, rítmico e harmónico; • Educar a atenção, a vontade, a inteligência e a sensibilidade, bem como a memória, a sensorialidade, a compreensão, a assimilação e o poder de concentração; • Desenvolver a espontaneidade e possibilitar uma maior rapidez de reflexos; |
| | <ul style="list-style-type: none"> • Instrumental Orff <ul style="list-style-type: none"> • Adquirir um conhecimento geral, através da execução musical, dos vários instrumentos constituintes do instrumentário “Orff”, suas possibilidades e limitações a nível técnico e expressivo • Conhecer e aplicar a técnica de bordão • Desenvolver o sentido melódico, rítmico e harmónico • Educar a atenção, a vontade, a inteligência e a sensibilidade, bem como a memória, a sensorialidade, a compreensão, a assimilação e o poder de concentração • Desenvolver a espontaneidade e possibilitar uma maior rapidez de reflexos |
| • Dança | <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer e vivenciar os elementos da Dança: • O corpo e o seu mapa: A perceção corporal e a exploração expressiva do corpo com (andar, correr, saltar, rodar) e sem deslocação no espaço (Equilíbrio, coordenação, flexibilidade, ação tónica, respiração, olhar, tato) • O Espaço e suas grandes direções: |

| | |
|--|--|
| | <p>Perceção e Exploração expressiva do espaço (Fatores: dimensões, direções, planos, foco, agrupamentos e associações)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Energia e as qualidades do movimento: A Dinâmica; <p>Exploração das qualidades de movimento: Força; peso; impulso; sustentação; percussão; suspensão; vibração, torcer; empurrar; pressão; colapso;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Relação com os outros, objetos e ambientes |
| <ul style="list-style-type: none"> • Cordofones madeirenses | <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver técnicas de execução melódica e harmónica apropriadas e contextualizadas (individual e em grupo), nos mais variados instrumentos de cordas dedilhadas, tais como Braguinha, Viola de Arame, Rajão, Viola. Viola Baixo; • Técnica de palheta simples, dupla e trémulo – bandolim; • Conhecer e desenvolver a musicalidade e o controlo técnico artístico, através do estudo e da apresentação individual e em grupo de diferentes interpretações • Assimilar os modos de conservação e manutenção do instrumento (guardar, posição de descanso, limpeza, afinação, colocação de cordas, tipo de cordas, etc.); • Desenvolver capacidades técnicas de criação e inovação musical através da improvisação, composição e harmonização; • Reconhecer a diversidade do panorama musical madeirense, português, europeu e mundial através da visionação, audição e análise de trechos tradicionais ou provenientes da música étnica (europeia e mundial); • Adquirir um conhecimento geral dos vários instrumentos tradicionais madeirenses, suas possibilidades e limitações a nível técnico e expressivo; • Adquirir um conhecimento geral dos vários instrumentos populares portugueses; • Conhecer o trabalho de recolha, preservação e divulgação de algumas associações, coletividades e grupos musicais; • Enriquecer o património cultural, através da composição em estilo popular, bem como em diferentes estilos, utilizando os cordofones; • Adquirir o gosto pela prática de conjunto, incluindo as atuações públicas; • Enriquecer o sentido estético e favorecer a cultura artística; • Contribuir para a realização pessoal e comunitária dos indivíduos, não só pela formação para o sistema de ocupações socialmente úteis, mas ainda pela prática e aprendizagem da utilização criativa dos tempos livres; |
| <ul style="list-style-type: none"> • Expressão Dramática | <ul style="list-style-type: none"> • Relacionar-se e comunicar com os outros; • Explorar diferentes formas e atitudes corporais; • Explorar diferentes tipos de emissão sonora; • Aliar gestos e movimentos ao som; • Utilizar a linguagem corporal e vocal para expressar sentimentos e ideias; • Reconhecer e reproduzir sonoridades; • Explorar, individual e coletivamente, diferentes níveis e direções no espaço; • Utilizar, recriar e adaptar no espaço circundante; • Orientar-se no espaço através de referências visuais, auditivas e tácteis; • Utilizar e transformar o objeto, através da ação; • Explorar o uso de diferentes materiais; |

| | | | |
|---|---|---|---|
| | <ul style="list-style-type: none"> • Mimar atitudes, gestos e ações; • Realizar improvisações e dramatizações a partir de histórias, situações, imagens; • Participar na criação oral de histórias; • Observar, escutar e apreciar o desempenho dos outros; • Promover o respeito pelas regras estabelecidas e adequadas a cada atividade; • Desenvolver a espontaneidade e a criatividade dramática individual; • Estimular o respeito pela diversidade cultural; | | |
| <p>Os critérios de avaliação assentam nos seguintes pontos:</p> <table> <tr> <td> <ul style="list-style-type: none"> • Participação • Pontualidade • Assiduidade • Material • Empenho • Prática vocal </td><td> <ul style="list-style-type: none"> • Execução instrumental • Criatividade • Expressividade • Coordenação Psicomotora • Corpo e movimento </td></tr> </table> | | <ul style="list-style-type: none"> • Participação • Pontualidade • Assiduidade • Material • Empenho • Prática vocal | <ul style="list-style-type: none"> • Execução instrumental • Criatividade • Expressividade • Coordenação Psicomotora • Corpo e movimento |
| <ul style="list-style-type: none"> • Participação • Pontualidade • Assiduidade • Material • Empenho • Prática vocal | <ul style="list-style-type: none"> • Execução instrumental • Criatividade • Expressividade • Coordenação Psicomotora • Corpo e movimento | | |

Ainda ao nível do enriquecimento curricular, a DSEAM promove a realização de Encontros de Modalidades e de um espetáculo anual, transmitido pela televisão regional, o *ESCOL'artes*, ambos inseridos Semana Regional das Artes. Estas atividades contribuem fortemente para a visibilidade social do projeto como também presenteiam as crianças com a oportunidade de levar para o palco as suas *performances* musicais e dramáticas, deixando marcas importantes nos seus percursos pessoais.

6. ESCOL'ARTES

O *ESCOL'Artes*, como agora se denomina, é um projeto artístico-pedagógico que envolve toda a comunidade escolar madeirense e que tem como fundamental objetivo a partilha, com toda a comunidade do arquipélago, do trabalho realizado pelas escolas de 1º, 2º e 3º ciclos do ensino básico, no âmbito das áreas de educação artística lecionadas naqueles níveis de ensino, num espírito de simbiose que interligue todas as modalidades: canto coral, expressão dramática, dança, cordofones madeirenses e instrumental. Tendo em vista a apresentação de dois espetáculos no final do ano letivo no Funchal, gravado para posterior transmissão pela RTP Madeira, as escolas dos diversos concelhos da Região Autónoma desenvolvem a sua parte no alinhamento do espetáculo, subordinando-se a um tema proposto pela DSEAM, que distribui por cada concelhia escolar os diversos conceitos a trabalhar.

Nos dias de hoje, e devido ao facto de os espetáculos do *ESCOL'artes* serem objeto de transmissão televisiva em diferido, verifica-se uma grande preocupação com as questões técnicas, sendo gravados todos os playbacks instrumentais e corais, assim como todo o plano oral da representação. Esta contingência obriga a que a produção tenha que arrancar muitos meses antes da apresentação pública: nas escolas, os professores de apoio são responsáveis pela criação de guiões narrativos, seleção musical, exploração de cenas, ensaios com instrumental, coral e oralidade teatral ao vivo, gravações em estúdio, ensaios com playbacks, construção de cenários e adereços. Obviamente que todo este processo de implementação do projeto tem os seus custos, distribuindo a DSEAM, de forma equitativa por cada concelho, um orçamento e a respetiva verba.

Cada espetáculo implica a deslocação ao Funchal das escolas dos restantes concelhos do arquipélago, realizando-se um ensaio geral *in loco* no período da manhã, preparando a apresentação que se realiza da parte da tarde. Esse mesmo ensaio serve também para que a equipa de realização da RTP Madeira possa conhecer o *mise-en-scène* e planear a distribuição de câmaras e planos a captar no decorrer do espetáculo.

A descrição acima sintetizada do que é o auge do projeto *ESCOL'artes* pretende por em evidência a orgânica, a logística e a abertura a toda a comunidade

madeirense. No entanto, para se chegar ao formato, que hoje em dia é um dos momentos mais marcantes da Semana Regional das Artes, inserida no Festival do Atlântico, percorreu-se um longo caminho desde 1982, ano em se realizou a primeira edição do projeto, então denominado MUSICAEP, e que compreendia os alunos do então designado ensino primário.

A essência do MUSICAEP era a celebração do encerramento das atividades letivas, uma oportunidade para que se desse a conhecer o trabalho feito nas escolas, valorizando-se, assim, a componente artística no ensino primário, de maneira a legitimar e fomentar uma oferta educativa que havia surgido poucos anos antes.

Damos conta, aqui, uma de resposta contida em entrevista de Carlos Gonçalves sobre as atividades, conforme anexo no final do trabalho: «[...] a valorização que os pais, os professores, a comunidade em geral e os próprios governantes davam às artes não tem nada a ver com a que é dada hoje. Eram outros tempos completamente diferentes». (vd. anexo I)

E era, pois, importante fazê-lo dentro das escolas, mas também fora delas num evento planeado, programado e implementado num espaço privilegiado no Funchal, com a primeira edição a ter lugar no Casino da Madeira, um dos *ex-libris* da capital do arquipélago. Sem instrumentais gravados, nem playbacks, e com os professores a tocar todo o tipo de instrumentos, os alunos cantavam, dançavam e representavam. Nos anos seguintes, o projeto foi ganhando maior profundidade, fruto de uma planificação mais elaborada e, também, da implementação das modalidades artísticas de canto coral e instrumental nas escolas que vieram reforçar as competências dos alunos, abrindo caminho a um enriquecimento das suas ferramentas expressivas. Numa primeira fase, essas modalidades implicavam também a realização de encontros no final do ano e que decorriam na cidade do Funchal, na zona oeste e na zona este da ilha, alternando-se os vários concelhos no acolhimento do referido encontro. Já nesta altura, o impacto dos eventos de final de ano se sentia na comunidade, verificando-se acérrimas disputas entre concelhos para a organização dos encontros de modalidades.

A partir de 1984, o espetáculo final do MÚSICAEP começou a ser gravado pela RTP Madeira, iniciando-se um período ininterrupto de transmissões televisivas e

que ainda hoje acontecem, permitindo assim que toda a ilha e a sua diáspora conheçam o trabalho que se desenvolve nas escolas da Madeira.

O projeto de implementação da educação artística no 1.º CEB apenas viu a sua plena regulamentação através do Decreto Regulamentar Regional nº 31/93/M de 28 de setembro que veio promover a oferta genérica da educação artística no pré-escolar e no ensino básico, bem como reforçar a aposta na formação contínua de professores, dotando-os assim de ferramentas científico-pedagógicas para a prática lectiva da Música, Expressão Dramática, Teatro, Dança e Expressão Plástica. O referido decreto deu ainda orientações para a criação de grupos artísticos por área de expressão, bem como para a promoção de eventos artísticos abertos à comunidade.

Quando, no início dos anos 90 o ensino primário foi rebatizado de ensino básico, a designação MUSICAEP foi alterada para MUSICAEB. Posteriormente, com a introdução das modalidades artísticas no 2.º e 3.º ciclos e secundário, deu-se nova alteração na nomenclatura do projeto, passando a chamar-se MUSICAEBs. Por fim, de forma a tornar mais explícita a multiplicidade de expressões artísticas integradas no currículo educativo das escolas, surgiu a designação que se mantém até aos dias de hoje: *ESCOL'artes*.

Tal como referimos anteriormente, também através da entrevista, realizada por nós ao mentor do presente projeto, Prof. Doutor Carlos Gonçalves, constatámos, que o peso atribuído ao *ESCOL'artes* se evidencia da seguinte forma:

[...]dando força à escola e às artes ao serviço da escola, e não o contrário. Por isso é que está grafado ESCOLA com letra maiúscula e artes com letra minúscula. Isto foi tudo pensado com o objetivo de identificar as artes ao serviço da escola e não o contrário. (vd. anexo I).

PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO

A música é uma actividade demasiado importante para ser negligenciada. É parte integral do desenvolvimento intelectual, cultural, emocional e espiritual das crianças e não deve ser tratada isolada do resto do currículo.

Colin Durrant, 1995, p.3

O desenvolvimento deste estudo assenta no princípio de que todas as crianças do 1.º CEB devem ter acesso a um currículo que contemple o Ensino da Música, currículo que se pretende que seja significativo e bem estruturado, ministrado por professores devidamente qualificados.

Para melhor perceção do contexto do estudo e de forma a evidenciar a importância que é atribuída ao Ensino da Música, foi feita como se disse, a leitura e análise dos documentos estratégicos que, neste âmbito, definem a política educativa na ilha da Madeira.

No que respeita ao estudo empírico contido na Parte II, apresentamos a problemática, a planificação da investigação, os instrumentos usados, os procedimentos realizados para a recolha de dados, os resultados obtidos e a sua análise. Na revisão da literatura concentramo-nos na perspetiva histórica, normativo-legal e curricular da implementação do programa das Atividades Curriculares e de Enriquecimento Curricular, nas escolas do 1.º CEB na RAM, mais especificamente do concelho da Calheta.

Após isso, procedemos à caracterização das escolas nas quais efetuámos a implementação do *ESCOL'Artes* e tudo o que nesse âmbito foi trabalhado. É importante referir a necessidade que, pela natureza da matéria a trabalhar, implicou a solicitação da devida autorização das instâncias educativas e dos pais e encarregados de educação (obtida pelas diferentes escolas envolvidas), para utilização das imagens dos seus educandos, nossos discentes e participantes ativos em todo este projeto educativo.

1. CARACTERIZAÇÃO DO MEIO, DAS ESCOLAS EB1/PE DA PONTA DO PARGO, EB1/PE VASCO DA GAMA RODRIGUES E DA EB1 2 3/PE PROFESSOR FRANCISCO MANUEL SANTANA BARRETO

1.1 – Concelho da Calheta

O concelho da Calheta situa-se na ponta Oeste da Ilha da Madeira, na costa sul, fazendo fronteira com os concelhos da Ponta do Sol, a Este, de Porto Moniz, a Norte, e de São Vicente, a Nordeste. Composto pelas freguesias do Arco da Calheta, Calheta, Estreito da Calheta, Prazeres, Jardim do Mar, Paúl do Mar, Fajã da Ovelha e Ponta do Pargo, é dos concelhos mais afastados do Funchal, distando a vila homónima cerca de 35 quilómetros da capital do arquipélago.

Na sequência do investimento em infraestruturas rodoviárias que encurtassem distâncias com o grande centro, foram construídas estradas e túneis junto à costa, procurando ultrapassar as barreiras geográficas (montanhas, vales, ...) de forma a tornar menos demoradas as viagens pela antiga estrada regional, via zigzagueante que atravessa o concelho pelas zonas altas. No entanto, e fruto da crise económico-financeira que assolou o país, os trajetos inicialmente previstos não chegaram a ser concluídos, não obstante terem sido furados túneis até à Ponta do Pargo, a freguesia mais ocidental do concelho e da ilha da Madeira.

Com a falta de recursos financeiros, as ligações entre os referidos túneis não chegaram ainda, à data de hoje, a ser finalizadas, terminando a Via Expresso na Fajã da Ovelha, cerca de 9 (nove) quilómetros antes de se chegar à referida freguesia, fazendo-se essa distância pela estrada regional, cujas condições de pavimento e de segurança deixam muito a desejar.

À semelhança de outros concelhos da ilha, o da Calheta estende-se do mar à serra, por vales e montanhas, descrição geográfica, aliás, que a abre a letra do hino da Madeira, escrito por Ornelas Teixeira e musicado por João Vitor Costa.

“Do vale à montanha e do mar à serra,
Teu povo humilde, estóico e valente
Entre a rocha dura te lavrou a terra,

Para lançar, do pão, a semente...⁸

Ilustração 5 - Partitura do voz do Soprano do Hino Regional da Região Autónoma da Madeira

Soprano

mf

Do va-le à mon-ta-nha e do mar à ser-ra, teu po-vo hu-mil-de es-

9

tói-co e va-len-te, en-tre a ro-cha du-ra te la-vrou a ter-ra pa-ra la-

17

mf

çar do pão à se-me-te. He-rói do tra-ba-lho na mon-ta-nha a-gres-

25

p

-te que se fez ao mar em va-gas pro-ce-lo-sas, os lou-ros da vi-tó-ria em

33

ru-as mãos ca-lo-sas fo-ram a he-ran-ça que a teus fi-lhos des-te. Por es-se

41

p

mun-do a-lém. Ma-dei-ra teu no-me con-ti-nu-a em teus fi-lhos sau-

50

f

do-sos que a-lém fron-tei-ras de ti se mos-tram or-gu-lho-sos Por

58

p

es-se mun-do a-lém. Ma-dei-ra hon-ra-remos tu-a his-tó-ria na sen-da

67

f

do tra-ba-lho nós lu-ta-re-mos, al-ca-ça-

72

re-mos teu bem es-tar e gló-ria.

Fonte: internet <http://mqc.gov-madeira.pt/pt-/Noticias/ContentDetail.aspx?id=548>

Do ponto de vista da extensão, é o maior concelho da ilha, conhecida além fronteiras como a *Pérola do Atlântico*, mas também um dos que apresenta menor densidade populacional. A este respeito, assinala-se que entre os anos de 1960 e 2011

⁸ Retirado do sitio da internet, https://pt.wikipedia.org/wiki/Hino_da_Regi%C3%A3o_Aut%C3%B3noma_da_Madeira, no dia 2 de Setembro de 2015.

a Calheta perdeu cerca de 45% (quarenta e cinco por cento) da sua população residente, muito por conta do fenómeno da emigração, essencialmente para a Venezuela e África do Sul, ou mais recentemente para as ilhas britânicas.

A emigração é, aliás, uma das marcas sociais e económicas mais relevantes de toda a ilha. Segundo o Instituto Nacional de Estatística, terão emigrado 3238 (três mil duzentos e trinta e oito) madeirenses em 1912, ano em que se deu o trágico naufrágio do navio transatlântico Titanic, onde perderam a vida uns poucos madeirenses em busca de uma vida melhor, alguns deles naturais da Calheta.

Ilustração 6 - Município da Calheta



Fonte: <http://www.ile-madere.com/photosplagesmadereportugais.htm>

Com uma economia marcadamente agrícola em terrenos muito acidentados, e onde a cana-de-açúcar é o motor da maior atividade industrial, sendo destinada «exclusivamente à produção do rum (conhecido localmente por aguardente de cana) e do mel de cana, matéria prima para os afamados bolos de mel da Madeira»⁹, as

⁹ Retirado do sitio da internet <http://portaldacalheta.pt/sociedade-dos-engenhos-da-calheta/>, no dia 2 de Setembro de 2015

gerações mais novas, na procura de um rumo diferente para as suas vidas, acabam por dar o salto para o grande centro ou, esgotando-se as perspectivas de trabalho na ilha, seguem para destinos extramuros, por assim dizer. Apesar de tudo, e porque o acesso ao concelho melhorou consideravelmente, verifica-se um investimento no sector do turismo, com a construção de hotéis e infraestruturas balneares e portuárias.

A praia da Calheta, protegida por dois quebra-mares e com um porto de recreio adjacente, é uma das duas praias da ilha com areia amarela, localizando-se a outra na ponta Este, em Machico, tendo a areia sido importada de Marrocos.

Verifica-se também que o concelho é bastante procurado por turistas de longa duração, oriundos do norte da Europa, e que fixam residência na ilha durante grande parte do ano, acabando por adquirir ou construir as suas próprias moradias. As duas freguesias mais procuradas para o efeito são a do Arco da Calheta, mais costeira, e a dos Prazeres, mais serrana. Nelas podem fixaram-se e são procuradas, essencialmente, por alemães, ingleses, finlandeses e noruegueses, entre outras nacionalidades. Este turismo é, na sua maioria, sénior.

Seguidamente vamos dedicar-nos às freguesias da Ponta do Pargo, do Paúl do Mar e da Fajã da Ovelha

1.2 Ponta do Pargo

A Ponta do Pargo é uma freguesia pertencente ao concelho da Calheta, que fica situada na ponta Oeste da ilha da Madeira. É uma localidade bastante rural ficando a 60 Km de distância do centro urbano mais próximo – Funchal.

A população da Ponta do Pargo vive essencialmente da agricultura de subsistência, construção civil (uma vez que são empregados em pequenas empresas de empreiteiros da localidade), parte da população encontra-se emigrada, sobretudo na Inglaterra e ilhas do Canal.

No geral, são pessoas com pouca escolaridade, que ingressam no mercado de trabalho muito cedo, revelando poucas ambições e perspectivas futuras.

Os difíceis acessos e as dificuldades económicas ainda contribuem para o isolamento da população, que se desloca apenas por necessidade.

Verifica-se que algumas famílias são monoparentais, e outras são famílias que deixam os filhos ao cuidado dos avós (e, ou parentes), por um lado porque emigram ou por abandono familiar. Neste meio assistimos a um número significativo de mães muito jovens e também a alguma consanguinidade resultante de casamentos entre familiares, ainda que sejam famílias maioritariamente católicas praticantes.

Ilustração 7 - Vista área da Ponta do Pargo



Fonte: internet

<https://www.facebook.com/pontadopargo.madeira/photos/a.246251575462386.61746.120717044682507/504454132975461/?type=3&theater>

Devido à emigração e baixo índice de natalidade, estamos perante uma população envelhecida. De acordo com as atividades económicas desta população, verificam-se hábitos alimentares pouco variados, tendendo a melhorar. Registam-se alguns casos de alcoolismo.

Esta localidade tem vários serviços disponíveis para apoio da população, tais como, Centro de Saúde; CTT; Agência bancária; Casa do Povo; Junta de Freguesia; Segurança Social; Farmácia; Associação Desportiva e Cultural da Ponta do Pargo, que promove algumas atividades desportivas junto dos mais novos com a qual a escola trabalha em parceria.

Existem algumas mercearias de caráter tradicional, assim como pequenos cafés e restaurantes, uma casa de chá, junto ao farol.

O Farol da Ponta do Pargo é um ponto de visita muito procurado pelos turistas.

Ilustração 8 – Fotografia panorâmica do farol da Ponta do Pargo



Fonte: <http://www.casadafigueira.pt/casadafigueira/locais-a-visitar.asp>

1.3 Paúl do Mar

O Paúl do Mar encontra-se junto ao mar e protegida pelo extenso maciço montanhoso. O acesso pode ser feito através da freguesia da Fajã da Ovelha, por uma estrada que serpenteia a montanha ao longo de 7,5 km e que faz ligação à estrada Regional 101 e ainda por um túnel construído recentemente com uma extensão de 2510 metros que liga o Paúl do Mar ao Jardim do Mar e freguesias vizinhas. Esta aproximação veio trazer a esta freguesia um novo acesso e progresso como, por exemplo, a construção de um hotel para o turismo e um maior fluxo de pessoas a visitar esta zona.

Paúl do Mar é uma pequena fajã, cuja a origem do o nome estará ligada à sua constituição geográfica. Em termos dicionarista Paul significa uma zona alagada, o que se justifica plenamente visto que o Sítio da Lagoa, outrora fora conhecido como Alagoa. O referido Sítio situa-se na parte central da freguesia e coincide com uma

área muito plana, que se encontra sensivelmente ao mesmo nível das águas marítimas. Devido à evolução natural, é provável que o mar tenha recuado, dando origem à configuração atual da freguesia.

Segundo Gaspar Frutuoso, para distinguir o Paul da Serra com o Paul, teriam acrescentado a este último a designação de – mar. Paúl do Mar é um nome que se ajusta perfeitamente à realidade desta fajã. Pois trata-se de uma pequena faixa de terra plana, que se complementa (como no nome) com o Mar.

Os principais sítios do Paul do Mar são: Ribeira das Galinhas; Serrado da Cruz; Lagoa; Igreja e Quebrada todas as denominações destes sítios têm em linha de conta as características que os mesmos apresentam.

Uma estreita estrada com algumas casas junto às suas bermas e um extenso bananal, são as características mais marcantes do sítio da Ribeira das Galinhas.

A origem do seu nome é mais ou menos desconhecida, sabemos apenas que a designação de "ribeira", provém da existência de uma ribeira nesse sítio, onde existiam muitas galinhas. Este sítio tem uma densidade populacional muito baixa, isto porque existem muitos terrenos cultivados e os acessos a esses terrenos, não apresentam condições para a construção de novas habitações.

É por este sítio que se faz a ligação pela ladeira à Fajã da Ovelha. Na Ribeira das Galinhas, existe um pequeno varadouro que serve de apoio as pequenas embarcações dos pescadores ali residentes, ou no sítio do Serrado da Cruz. Apesar desta infraestrutura, este sítio é essencialmente um local de muita implantação agrícola.

Caminhando um pouco mais além e passando uma pequena ponte, surge o sítio do Serrado da Cruz. Deste lugar, nada se sabe acerca da origem do seu nome.

A estrada quase toda ela ladeada por casas, que marca a diferença deste sítio em relação ao anterior. Neste sítio existe muita plantação de bananeiras, talvez seja onde exista a maior quantidade da sua produção. Este sítio, bem como o sítio da Ribeira das Galinhas são considerados os mais calmos e silenciosos da freguesia.

O Sítio da Lagoa, era conhecido antigamente por Alagoa, que pelas suas condições naturais justifica-se perfeitamente o seu nome. Este sítio estava muito sujeito às inundações provocadas pelo mar, visto que grande parte deste está situada ao mesmo nível das águas do mar. Foi neste sítio que surgiram as salinas do Paul do

Mar, aproveitando para tal essas condições naturais. Este sítio é composto por uma área muito plana, que se estende na parte central do Paul do Mar, fazendo deste sítio o maior da freguesia. Neste Sítio existiu um cinema, que foi abandonado há alguns anos.

Atualmente no sítio da Lagoa existe o Campo de Futebol, a Escola Básica, o Centro de Saúde, o Centro de Segurança Social e o Bairro Social. Nesta sequência encontramos o sítio da Igreja.

A origem do seu nome está associada aos edifícios religiosos que existiram neste local. De facto a antiga Capela, bem como a atual Igreja Paroquial serviram para dar a denominação ao sítio. Este sítio está localizado no local mais elevado da freguesia - talvez as igrejas tenham sido construídas aí, para se poderem destacar do restante da freguesia. É aqui que existem as antigas chaminés que formam os vestígios mais significativos da presença da indústria conserveira. Associando-se aos rituais religiosos é também aqui que está localizado o cemitério da freguesia.

Seguindo pelo estreito caminho, e descendo a lomba, chegamos ao Sítio da Quebrada. A origem do seu nome está provavelmente em alguma quebrada ocorrida nesse local.

É visível no mar, muitas rochas que deveriam ter caído da montanha, daí que este Sítio tenha essa designação. Além dessa também é conhecido num meio mais popular por “Porto”, uma referência notória ao facto de ser aqui que existe o cais da freguesia. O Sítio da Quebrada está intimamente ligado à pesca, isto porque é neste sítio que além do Porto, existe também o Varadouro e a Lota.

Ainda a nível de infraestruturas existentes neste sítio, destaca-se o edifício onde está instalada a Junta de Freguesia. É aqui que tem início a ladeira que une o Paul do Mar aos Prazeres. A ribeira ali existente delimita o fim do Sítio e para além dessa ribeira tudo é calhau.

Ilustração 9 - Fotografia panorâmica do Paul do Mar



Fonte: <http://farlerulkailey.blogspot.pt/2010/06/fotos-do-mar.html>,

1.4 Fajã da Ovelha

Fajã da Ovelha, freguesia do concelho da Calheta, é servida por um porto de fácil acesso e atravessada pelas ribeiras da Inês que nutrem as levadas da Cova, do Ribeiro do Chão, Moinhos e Fonte do Folhado.

Tal como a maior parte das freguesias, esta freguesia nasceu a partir de uma capela muito antiga, esta dedicada a São Lourenço, em torno da qual se foi formando e crescendo um núcleo bastante significativo de população.

Desconhece-se a data da sua criação, consta apenas que Gonçalo Ferreira de Carvalho que "vivía pellos anos de 1480" teve em Fajã da Ovelha algumas escrituras.

Alguns ramos esbraçados de famílias da Calheta e de Paul, tiveram pouso nestas serenas paragens serranas.

Na ermida de São Lourenço, de características manuelinas, estabeleceu-se em meados do primeiro quartel do século XVI, uma capelania-curato e, em 1550, foi aqui instalada a sede da nova paróquia, onde permaneceu até ao segundo quartel do século XVIII. Por alvará régio de 11 de Abril de 1553, foi acrescentada a primitiva cóngrua do capelão, à qual se sucedeu, por alvará régio de 1559, novo acréscimo ao vencimento do sacerdote. Por esta altura, desmembraram-se desta paróquia a freguesia de Ponta do Pargo e, mais Fajã da Ovelha constituiu-se como paróquia

autónoma pouco antes de 1573 e, em finais do século XVIII, devido ao crescimento demográfico, foi criado um “curato”.

Em 1705, a Infanta D. Catarina, regente do reino, concedeu a construção de um novo templo, cujo local de edificação seria o sítio da velha quebrada, onde se situa hoje a freguesia. A construção da igreja paroquial não decorreu de imediato, tendo sido concluída em meados do século XVIII. Este novo templo teve como padroeiro São João Baptista, orago que ainda hoje se mantém, e antiga capela, que ainda existe, continuou com a invocação de São Lourenço.

Há semelhança de outros locais da ilha, existe na Ladeira dos Zimbreiros, considerada uma das maiores e mais antigas do concelho da Calheta, um fio que serviu para transporte de mercadorias e peixe que abastecia a população local. Este fio de carga, por onde circulam carretas que rodam sobre ele, é próprio para trazer a carga das serras, o que substituíra as costas do homem. Outra das curiosidades desta freguesia reside no facto de as suas casas se disporem em socalcos, podendo admirar-se do miradouro da igreja, a parte da rocha que, segundo a tradição, é protegida por Santo Amaro, para que Fajã da Ovelha não caia sobre o Paul do Mar.

O seu topónimo está relacionado com a sua situação geográfica. Assim, segundo a Sr.^a Doutora Manuela Teixeira "a Fajã é uma forma de talude disperso e deveria ter tido, em tempos, algum pastor na serra para memorar assim o lugar da sua ovelha, colhida por uma quebrada (desmoronamento de terras) - a Fajã da Ovelha"¹⁰

A nível económico, o sector primário é ainda de grande importância na freguesia de Fajã da Ovelha, sendo as suas principais atividades económicas a agricultura e a criação de gado bovino. Entre a produção agrícola predomina a da batata-doce, da semilha e do milho. Quanto ao sector secundário, a freguesia dedica-se à panificação, construção civil e produção de lacticínios.

No que diz respeito à ação social e saúde, os habitantes de Fajã da Ovelha contam com um centro de saúde que, para além da assistência médica e de enfermagem prestada no local, presta também assistência de enfermagem aos seus utentes.

¹⁰ Informação retirada do sitio da internet http://www.jf-fajadaovelha.pt/fajadaovelha/index.php?option=com_content&task=blogcategory&id=14&Itemid=17 no dia 4 setembro 2015.

No campo do ensino, as crianças da freguesia têm à disposição a Escola Básica dos 1.º, 2.º, e 3.º Ciclos e Pré-escolar Professor Francisco Manuel Santana Barreto, no sítio da Raposeira do Lugarinho, que serve a partir do quinto ano de escolaridade, até ao nono Ano de Escolaridade, as populações Prazeres, Ponta do Pargo e Paúl do Mar:

Ilustração 10 - Freguesia da Fajã da Ovelha



Fonte: <http://www.netmadeira.com/noticias/madeira/artigo/3342-encerrada-estrada-entre-a-faja-da-ovelha-e-o-paul-do-mar>

1.5 Caracterização da Escola EB1/PE da Ponta do Pargo

Ilustração 11- Escola Básica do 1.º ciclo com Pré-escolar da Ponta do Pargo



Fonte: <http://portaldacalheta.pt/eb1pe-da-ponta-do-pargo/>,

De acordo com o Projeto Educativo da Escola (2012-2016) a *Escola EB1/PE da Ponta do Pargo*, localiza-se na freguesia da Ponta do Pargo, situada no extremo ocidental da ilha e dista da Calheta 24km.

É um edifício do plano dos centenários, tendo sido remodelado no ano lectivo de 1995/1996 e agora mais recentemente 2009/2010. É de salientar, o facto de esta escola estar inserida num projeto regional: Escola a Tempo Inteiro desde o ano letivo 1996/1997, integrando os alunos dos sítios da Ribeira da Vaca, Serrado, Salão de cima, Salão de Baixo, Lombadinha, Cabo, Amparo e Lombo.

A escola é constituída por salas amplas, bem iluminadas e arejadas. Tem seis salas de aula. Em duas delas funcionam as atividades curriculares, em regime de desdobramento, duas salas onde funciona o atelier de Estudo e Investigação e Língua Estrangeira, Informática e Ensino Especial (salas com uma divisão de madeira, colocada no corredor, que não isola os ruídos e perturba o bom funcionamento dos

espaços anexos), uma sala pequena de professores, o gabinete da Diretora e um polivalente onde está inserido um espaço para a sala de música.

Há ainda dois logradouros cobertos, casas de banho para rapazes, raparigas, para professores e ainda um espaço destinado às arrumações.

Do outro lado, existe uma cantina (em edifício separado), onde são servidos os lanches e o almoço. Esta está razoavelmente equipada e funciona em boas condições.

Na área circundante, existe um pequeno espaço onde se encontra o escorega e dois baloiços. As restantes áreas estão ajardinadas. Todo o recinto está circundado por uma vedação muito degradada.

O edifício possui dois pisos com o total de nove salas, que se apresentam em bom estado de conservação e são ocupadas da seguinte forma:

- 1 sala de Pré-Escolar;
- 2 salas de 1.º Ciclo;
- 1 sala de Informática / Educação Especial;
- 1 Polivalente: sala de Expressão Musical e Dramática/ Expressão Físico-motora;
- 1 sala de Direção;
- 1 sala de Estudo/ Biblioteca e Inglês;
- 1 sala de professores;
- 1 sala de Expressão e Educação Plástica.

Todas as salas têm boas condições de luminosidade natural e artificial.

O edifício dispõe de instalações sanitárias para professores/funcionários e alunos. Num edifício independente funciona a cantina, que integra:

- Uma cozinha;
- Um refeitório;
- Uma casa de banho;
- Duas arrecadações.

Os edifícios supracitados são rodeados por:

- Espaços verdes;
- Recinto desportivo pavimentado e equipado com balizas e cestos de basquetebol;
- Parque infantil.

1.5.1.Caracterização da comunidade educativa

Tabela 2 - Corpo Docente

| Número de Pessoal Docente | | | | | Total de Docentes |
|---------------------------|--------------------|----------------------|-------------------------|-----------|-------------------|
| Diretora | Prof. Curriculares | Prof. Enriquecimento | Prof. Educação Especial | Educadora | |
| 1 | 2 | 3 ¹¹ | 1 ¹² | 1 | 8 |

Tabela 3 – Corpo não Docente

| Número de Pessoal não Docente | | | Total |
|-------------------------------|----------------------------|-------------------------------------|-------|
| Assistentes Operacionais | Assistente Sócio Educativa | Assistente da Administração Escolar | |
| 4 | 1 | 1 | 6 |

Tabela 4 – Corpo Discente

| Número de Discentes | | Total Discentes |
|---------------------|----------|-----------------|
| Pré-escolar | 1º Ciclo | |
| 11 | 21 | 33 |

¹¹ Destes três professores de enriquecimento, dois partilham funções noutras escolas.

¹² A professora de educação especial partilha funções noutra escola.

1.5.2 Caracterização do contexto familiar

Com base na análise dos projetos curriculares de grupo e turma verificamos que, relativamente às habilitações académicas, a esmagadora maioria das famílias possui o 4.º e o 6.º ano, ou seja, não foram além do 2.º Ciclo. Revelando-se um número muito reduzido de encarregados de educação entre o 3.º Ciclo e Secundário, assim como, bacharéis ou licenciados.

Relativamente às profissões dos encarregados de educação podemos concluir que a profissão dominante das mães é doméstica ou agricultora. Os pais são predominantemente pedreiros e motoristas, ambas as profissões integram-se na área da construção civil. Uma grande percentagem dos pais também está desempregada.

As atividades económicas dos Encarregados de Educação estão maioritariamente no 1.º e 2.º setores. Tendo em conta este panorama familiar, a maioria dos alunos beneficia de ação social escolar.

No que concerne à participação dos encarregados de educação na vida escolar dos seus educandos apenas comparecem quando solicitados, sendo poucos os que participam por iniciativa própria. Estes justificam a sua ausência, pela incompatibilidade de horários de trabalho, ou então porque se sentem confiantes quanto ao progresso dos seus educandos, e ainda porque, nas suas opiniões os professores convocam os pais sempre que é necessário. Apesar dos encarregados de educação frequentarem pouco a escola consideram-na muito importante para o futuro dos filhos.

1.6 Caraterização da EB1/PE Vasco da Gama Rodrigues

Segundo o Projeto Educativo de Escola (2012-2016), no âmbito das Comemorações do Centenário da morte do poeta Vasco da Gama Rodrigues, nascido na freguesia do Paul do Mar, a 27 de janeiro de 1909 e considerando tratar-se de uma figura de inquestionável valor cultural, literário e científico que deixou importante obra poética no mundo das letras por deliberação de Conselho de Governo, resolução n.º144/2009 de 11 de fevereiro de 2009, foi deliberado atribuir o nome do poeta à escola passando a designar-se desde então por EB1/PE Vasco da Gama Rodrigues.

Esta escola de construção recente, foi inaugurada a 27 de setembro de 1995 e funciona como Escola a Tempo Inteiro desde o ano letivo de 1997/1998. O edifício é constituído por 2 pisos interiores e um espaço exterior, incluindo um polivalente descoberto e jardim. Toda a área é limitada por uma vedação. É de referir que este estabelecimento de ensino desde junho de 2015 que possui parque infantil.

Esta localidade caracteriza-se por uma forte emigração fazendo com que muitas pessoas, sobretudo os jovens, se desloquem para o estrangeiro à procura de uma vida melhor. Deixam os filhos entregues às mães e familiares, notando-se por vezes quebras de aprendizagem motivadas pelos aspetos negativos resultantes desta situação.

A população masculina procura trabalho em barcos de pesca fora da região, como por exemplo a Samoa, o Equador, o Panamá, São Diego, entre outros países. Os restantes dedicam-se à construção civil e ao comércio, cabendo assim à população feminina o trabalho doméstico e a agricultura.

Ilustração 12 - EB1/PE Vasco da Gama Rodrigues¹³



¹³ Fotografia de Paulo Gracês

É de salientar que a maioria das mães se encontra desempregada ou sem qualquer atividade ocupacional. Ao nível social a freguesia do Paúl do Mar apresenta grandes contrastes, existindo, por um lado, famílias que têm uma situação economicamente estável, sobretudo aquelas que tiveram sucesso com a emigração, e por outro famílias que sobrevivem do rendimento social de inserção. Algumas delas são numerosas e problemáticas, constituídas apenas pela mãe (encarregado de educação) e que residem no bairro social. Em termos económicos, a população dedica-se e essencialmente à pesca e a agricultura.

Segundo o Projeto Educativo de Escola (2012-2016), no âmbito das comemorações do centenário da morte do poeta Vasco da Gama Rodrigues, nascido na freguesia do Paúl do Mar, a 27 de janeiro de 1909 e considerando tratar-se de uma figura de inquestionável valor cultural, literário e científico que deixou importante obra poética no mundo das letras por deliberação de Conselho de Governo, resolução n.º144/2009 de 11 de fevereiro de 2009, foi deliberado atribuir o nome do poeta à escola passando a designar-se desde então por EB1/PE Vasco da Gama Rodrigues. Esta escola de construção recente, foi inaugurada a 27 de setembro de 1995 e funciona como Escola a Tempo Inteiro desde o ano letivo de 1997/1998.

O edifício é constituído por 2 pisos interiores e um espaço exterior, incluindo um polivalente descoberto e jardim. Toda a área é limitada por uma vedação. É de referir que este estabelecimento de ensino desde junho de 2015 que possui parque infantil.

Na parte Exterior encontra-se:

- Campo de futebol (polivalente) – espaço descoberto;
- Espaço de recreio – espaço aberto sem cobertura;
- Jardim arborizado.

Na parte Interior (Edifício) encontra-se dividido em dois pisos:

1º Piso:

- 1 sala de Professores;
- 1 Cozinha;

- 5 Casas de Banho;
- 1 sala da Pré;
- 1 sala de Reprografia;
- 1 sala de Direção – Gabinete do Diretor;
- 1 Cantina/Refeitório;
- 1 sala da Educação Especial;
- 3 Arrecadações;
- 1 Biblioteca Municipal - Fundação Calouste Gulbenkian (aberta à comunidade);

2º Piso

- 4 salas de aula – Atividades Curriculares;
- 1 sala de Informática;
- 1 sala de Música e de Expressão Plástica.
- 3 Casas de Banho.
- 1 Arrecadação de Material Didático.
- 1 sala de Arquivo.
- 2 Arrecadações.
- 1 Biblioteca da Escola.

1.6.1. Caracterização da comunidade educativa

Tabela 5 - Corpo Docente

| Número de Pessoal Docente | | | | | Total de Docentes |
|---------------------------|--------------------|----------------------|-------------------------|-----------|-------------------|
| Diretor | Prof. Curriculares | Prof. Enriquecimento | Prof. Educação Especial | Educadora | |
| 1 | 2 | 4 ¹⁴ | 1 ¹⁵ | 1 | 9 |

¹⁴ Destes três professores de enriquecimento, dois partilham funções noutras escolas.

¹⁵ A professora de educação especial partilha funções noutra escola.

Tabela6 – Corpo não Docente

| Número de Pessoal não Docente | | | Total |
|---------------------------------|-----------------------------------|--|----------|
| Assistentes Operacionais | Assistente Sócio Educativa | Assistente da Administração Escolar | |
| 2 | 1 | 1 | 4 |

Tabela 7 – Corpo Discente

| Número de Discentes | | Total Discentes |
|---------------------|-----------------|-----------------|
| Pré-escolar | 1º Ciclo | |
| 8 | 27 | 36 |

1.6.2 Caracterização do contexto familiar

Com base na análise dos projetos curriculares de grupo e turma verificamos que, relativamente às habilitações académicas, a esmagadora maioria das famílias possui o 4.º e o 6.º ano, ou seja, não foram além do 2.º Ciclo. Revelando-se um número muito reduzido de encarregados de educação entre o 3.º Ciclo e Secundário, assim como, bacharéis ou licenciados.

Relativamente às profissões dos encarregados de educação podemos concluir que a profissão dominante das mães é doméstica ou agricultora. Os pais são predominantemente pescadores ou estão desempregados. As atividades económicas dos Encarregados de Educação estão maioritariamente no 1.º e 2.º setores.

Tendo em conta este panorama familiar, a maioria dos alunos beneficia de ação social escolar.

No que concerne à participação dos encarregados de educação na vida escolar dos seus educandos apenas comparecem quando solicitados, sendo poucos os que participam por iniciativa própria, justificando que os professores convocam os pais sempre que é necessário. Apesar dos encarregados de educação frequentarem pouco a escola consideram-na muito importante para o futuro dos filhos.

1.7 Caracterização da Escola EB123/PE Professor Francisco Manuel Santana Barreto

A Escola Básica dos 1.º, 2.º e 3.º Ciclos Professor Francisco Manuel Santana Barreto - Fajã da Ovelha foi criada em 2004, pela Portaria nº 84 A/2004 de 30 de março, situando-se na Rua da Escola nº 1, no sítio da Raposeira, freguesia da Fajã da Ovelha, tendo-lhe sido atribuído o nome do professor Francisco Manuel Santana Barreto, seu patrono.

Ilustração 13 - EB123/PE Professor Francisco M. S. Barreto



Fonte: <http://escolas.madeira-edu.pt/eb123pepfmsbarreto/HOME/ESCOLA/tabid/1361/Default.aspx>

No ano letivo 2004/2005 a escola integrou os alunos das áreas geográficas dos Prazeres, Fajã da Ovelha, Ponta do Pargo e Paul do Mar, sendo ministrado o ensino básico dos 2.º e 3.º ciclos.

O posicionamento geográfico da escola e o número de alunos que a frequentavam possibilitou o seu funcionamento num único turno, o da manhã. No entanto, por motivos da carga horária curricular, os alunos do 2.º ciclo permaneciam na escola duas vezes por semana no turno da tarde e os alunos do 3.º ciclo três vezes.

Devido à proximidade geográfica com a Escola Básica do 1.º Ciclo/PE da Fajã da Ovelha, e por esta integrar o regime de funcionamento a “tempo inteiro” a partir

do ano letivo 2004/2005, a Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos Professor Francisco Manuel Santana Barreto - Fajã da Ovelha prestou apoio e cedeu as suas instalações para que os alunos do Ensino Pré-escolar e 1.º ciclo do ensino básico usufruíssem de salas para a realização de atividades de enriquecimento curricular, nomeadamente a sala de música e o laboratório de informática, bem como frequentassem o bar dos alunos e a cantina, local onde passaram a ser fornecidas as refeições daquele nível de ensino.

Em 2005, pela Portaria nº 21-B/2005 de 11 de março, a Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos Professor Francisco Manuel Santana Barreto - Fajã da Ovelha, fundiu-se com a Escola Básica do 1º Ciclo/PE da Fajã da Ovelha, passando a denominar-se Escola Básica dos 1.º, 2.º e 3º ciclos/PE Professor Francisco Manuel Santana Barreto - Fajã da Ovelha.

Atualmente, a escola continua a acolher os alunos das freguesias dos Prazeres, Fajã da Ovelha, Ponta do Pargo e Paúl do Mar, uma vez que estas freguesias continuam a pertencer à sua área geográfica.

Os alunos dos 1.º, 2.º e 3.º ciclos têm a componente curricular concentrada essencialmente no período da manhã, com início às oito horas e quinze minutos, no caso do 1.º ciclo, e às oito horas e trinta minutos, no caso dos 2.º e 3.º ciclos. Os alunos do 2.º ciclo têm aulas e outras atividades em dois períodos da tarde e os do terceiro ciclo têm a restante componente disciplinar e outras atividades em três períodos da tarde.

Presentemente, assiste-se a uma diminuição do número de alunos, uma vez que existe um novo ciclo de emigração na RAM conjugado com uma diminuição da curva de natalidade.

A Escola é constituída por 2 edifícios e possui:

- 12 salas de aula,
- laboratórios de Informática,
- laboratório de Físico-Química e Ciências,
- sala de Educação Musical,
- sala de Artes,
- Centro Sócio-Pedagógico "Porto de Abrigo",

- gabinete de Psicologia e Ensino Especial,
- ginásio polidesportivo,
- Campo de jogos
- sala dos Encarregados de Educação,
- sala de sessões,
- sala da Conselho Executivo,
- biblioteca,
- cantina,
- serviços administrativos,
- sala de gestão
- sala de convívio.

1.7.1 Caracterização da comunidade educativa

Tabela 8 - Corpo Docente

| Número de Pessoal Docente | | | | | | Total de Docentes |
|---------------------------|----------------------|----------------------|----------------------|-----------|----------------------------------|-------------------|
| Conselho Executivo | Professores 1º ciclo | Professores 2º ciclo | Professores 3º ciclo | Educadora | Professores de Educação Especial | |
| 3 | 6 ¹⁶ | 13 | 22 | 1 | 2 | 47 |

Tabela 9 – Corpo não Docente do 1º ciclo

| Número de Pessoal não Docente | | | Total |
|-------------------------------|----------------------------|-------------------------------------|-------|
| Assistentes Operacionais | Assistente Sócio Educativa | Assistente da Administração Escolar | |
| 24 | 1 | 6 | 31 |

¹⁶ Destes três professores de enriquecimento, dois partilham funções noutras escolas.

Tabela 10 – Corpo Discente

| Número de Discentes | | | | Total Discentes |
|---------------------|----------|----------|----------|-----------------|
| Pré-escolar | 1º Ciclo | 2º ciclo | 3º ciclo | |
| 15 | 18 | 58 | 116 | 207 |

1.7.2 Caracterização do contexto familiar

Segundo o regulamento interno a Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos Professor Francisco Manuel Santana Barreto situa-se na freguesia da Fajã da Ovelha, concelho da Calheta e serve uma população em idade escolar residente nas freguesias da Ponta do Pargo, Fajã da Ovelha, Prazeres e Paul do Mar.

Nos últimos 20 anos a população tem vindo a diminuir mantendo o seu cariz predominantemente rural.

Com base nos dados recolhidos pelo CENSOS 2011, podemos verificar que a população residente se situa nos 3379 (três mil, trezentos e setenta e nove) indivíduos, dos quais 1576 (mil quinhentos e setenta e seis) são homens e 1803 (mil oitocentos e três) são mulheres. É uma população onde predominam as famílias tradicionais¹⁷, sendo que as institucionais¹⁸ existem, com maior prevalência, e de acordo com os dados do CENSOS, na freguesia dos Prazeres.

Em termos de literacia e escolaridade, de realçar que a grande maioria sabe, ler e escrever e o nível de escolaridade mais comum se situa no 1.º ciclo do ensino básico

¹⁷ “Conjunto de indivíduos que residem no mesmo alojamento e que têm relações de parentesco (de direito ou de facto) entre si, podendo ocupar a totalidade ou a parte do alojamento. Considera-se também como família clássica, qualquer pessoa independente que ocupa uma parte ou a totalidade de uma unidade de alojamento.” CENSOS 2011 – Instituto Nacional de Estatística

¹⁸ “Entende-se por família institucional o conjunto de indivíduos residentes num alojamento coletivo que, independentemente da relação de parentesco entre si, observam uma disciplina comum, são beneficiários dos objetivos de uma instituição e são governados por uma entidade interior ou exterior ao grupo.” CENSOS 2011 – Instituto Nacional de Estatística

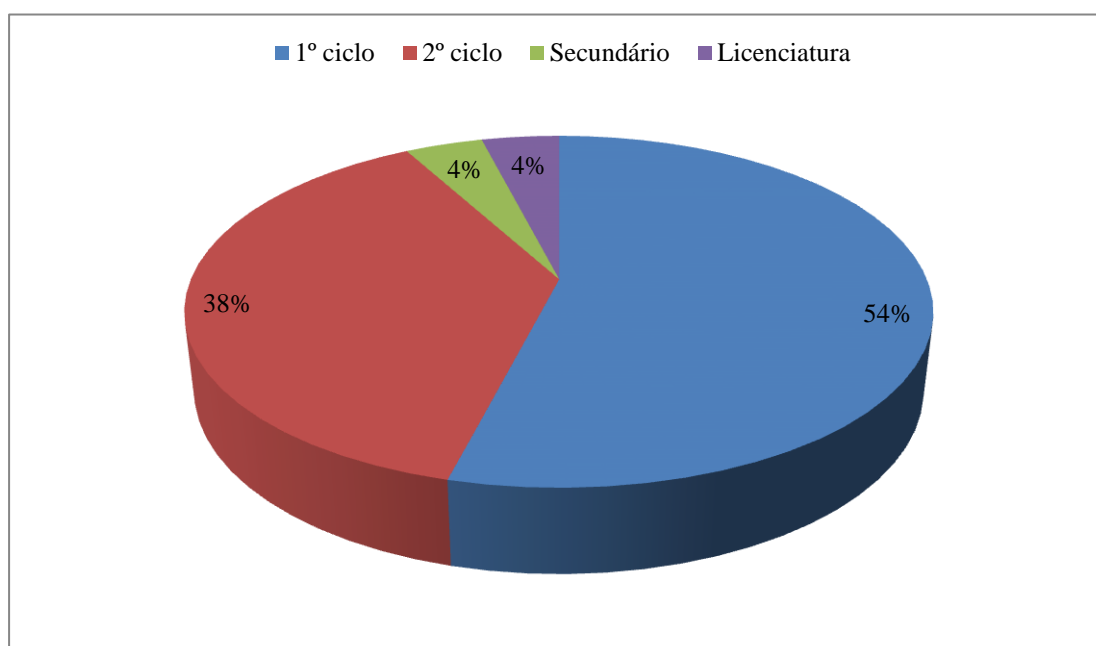
1.8 Caracterização das Turmas

1.8.1 Turma 3.º e 4.º anos EB1 /PE Ponta do Pargo

De acordo com o Plano anual de Turma do 3.º e 4.º anos, orientada pela professora Lurdes Alves, podemos afirmar que esta é composta por 13 (treze) alunos, 7 (sete) do terceiro ano e 6 (seis) do quarto ano. O terceiro ano é formado por 4 (quatro) alunos do género masculino e 3 (três) do género feminino, com idades compreendidas entre os 8 (oito) e os 9 (nove) anos, e o quarto ano é composta por 3 (três) alunos do género masculino e 3 (três) do género feminino, sendo que as idades variam entre os 9 (nove) e os 12 (doze) anos.

Relativamente à área residencial dos alunos, todos os alunos moram na freguesia da Ponta do Pargo. Quanto ao nível socioeconómico, podemos considerar que os alunos desta turma se enquadram na classe média-baixa, uma vez que apenas uma aluna não têm apoio ação escolar, que corresponde ao 4.º escalão, e os restantes alunos encontram-se no 1.º escalão. Além disso, as habilitações literárias dos pais dos alunos distribuem-se entre o 4.º e 6.º ano havendo apenas dois pais com a Licenciatura e secundário.

Gráfico 1 - Habilitações Literárias dos Pais



Dados retirados Plano Anual de Turma do 3.º e 4.º anos da EB1/PE Ponta do Pargo

Deste modo, a escolaridade predominante é o primeiro ciclo do ensino básico com 54%, seguindo-se o segundo ciclo do ensino básico com 38%, e 4% para o secundário e licenciatura, conforme se podemos verificar pelo gráfico n.º 1.

A turma tem dois alunos que beneficiam da educação especial apresentando um diagnóstico de perturbação da linguagem e fala, e perturbações específicas – dislexia. Dos 13 (treze) alunos 8 (oito) têm uma retenção e um aluno tem duas retenções.

É um grupo bastante heterogéneo com determinados alunos que mostram algum desinteresse pela escola.

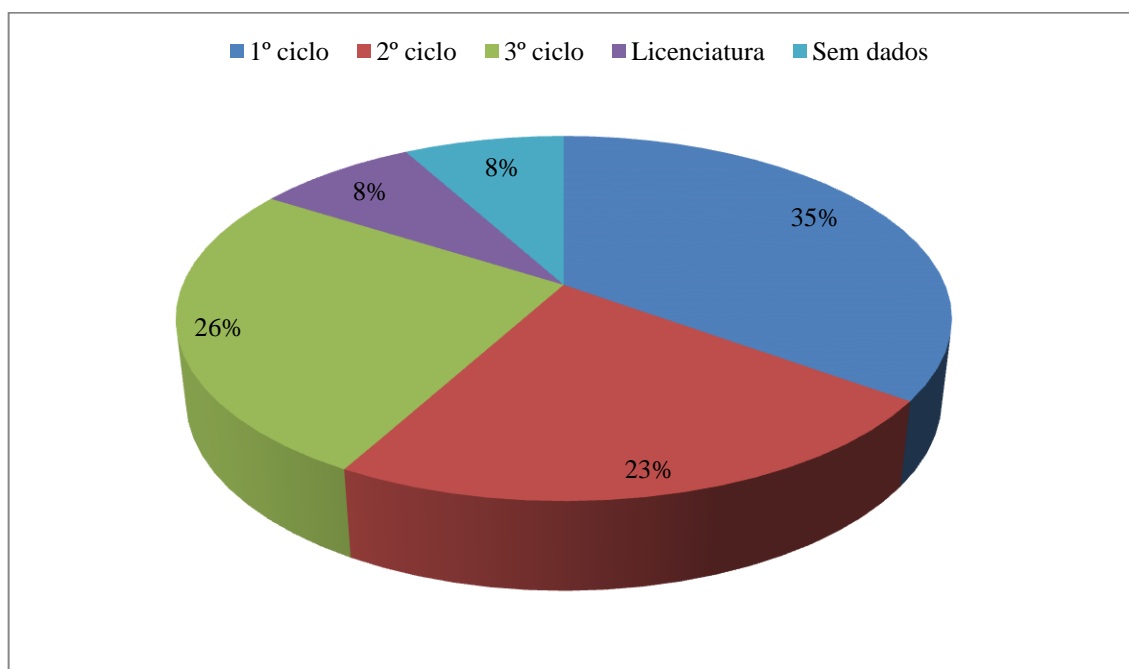
1.8.2 Turma 3.º e 4.º anos EB1 /PE Vasco da Gama Rodrigues

Segundo a grelha de caracterização apresentada no Plano anual de Turma, realizado e cedido pela Professora Titular de Turma, Magda Santos, verificamos que a turma do 3.º e 4.º anos de escolaridade, é constituída por 13 (treze) alunos, 6 (seis) alunos do terceiro ano e 7 (sete) do quarto ano. O terceiro ano é constituído por 4 (quatro) alunos do género masculino e 2 (dois) do género feminino e o quarto ano é composto por 4 (quatro) alunos do género feminino e 3 (três) do masculino. A faixa etária estende-se dos 9 (nove) aos 13 (treze) anos.

Quanto à área de residência, todos os alunos residem na freguesia do Paúl do Mar. Esta turma apresenta apenas 1 (um) aluno que não beneficia de apoio da ação social sendo que os restantes se encontram todos no 1.º escalão. Em termos globais, podemos considerar que esta turma apresenta um nível socioeconómico baixo.

No que diz respeito às habilitações académicas dos pais, podemos dizer que estas variam entre o 1.º ciclo e o ensino superior, sendo a escolaridade dominante o 1.º ciclo com 35%, seguindo-se o 3.º ciclo do ensino básico com 26%, 2.º ciclo do ensino básico com 23%. No entanto, apenas 8% dos pais tem um curso superior, conforme se pode verificar pelo gráfico n.º2. Os restantes 8% não apresentam dados.

Gráfico 2 - Habilitações Literárias dos Pais



Dados Retirados do Plano Anual de Turma do 3.º e 4.º anos da EB1/PE Vasco da Gama Rodrigues

Apenas uma aluna usufrui de apoio da Educação Especial por apresentar um diagnóstico *Dificuldades no funcionamento Intelectual*, havendo também alunos 6 alunos a beneficiar de apoio pedagógico acrescido. Dos 13 (treze) alunos 5 (cinco) já ficaram retidos uma vez e dois alunos apresentam mais que uma retenção. De um modo geral é um grupo bastante heterogéneo, no que diz respeito às capacidades e ao aproveitamento dos alunos, e também relativamente ao seu comportamento e ao cumprimento das regras. Revelam aptidões para o canto coral.

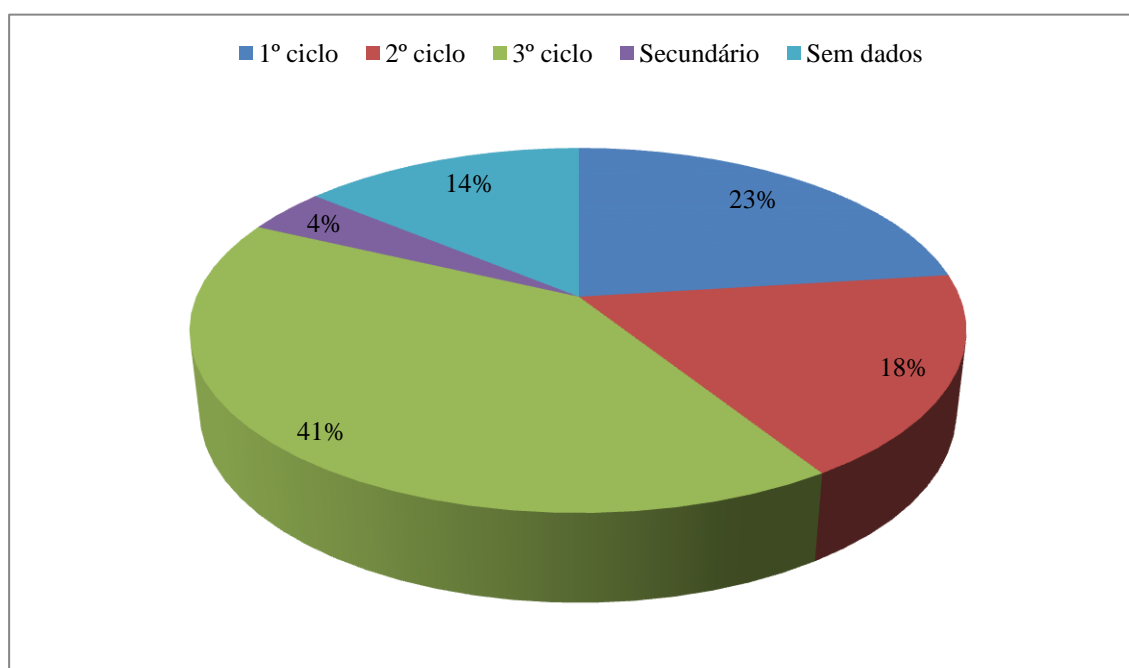
1.8.3 Turma 3.º e 4.º anos EB1 /PE Escola EB123/PE Professor Francisco Manuel Santana Barreto

A turma do 3º/4º anos é composta por 11 (onze) alunos divididos em dois grupos: um grupo de 4 (quatro) alunos do 3.º ano e outro de 7 (sete) alunos de 4.º ano. Os alunos têm idades compreendidas entre os 8 (oito) e os 12 (doze) anos de idade. No grupo do 3.º ano há três alunas e um aluno, ao passo que o de 4.º ano tem três alunas e quatro alunos. Os encarregados de educação dos discentes trabalham, na

sua maioria, no setor secundário e primário, sendo que a maioria provém da classe média e uma parte menor se pode candidatar a apoios financeiros do estado.

Segundo o gráfico n.º3 podemos constatar que as habitações literárias dos pais estão entre o 1.ºCEB e o secundário prevalecendo um maior número no 3.º ciclo.

Gráfico 3 - Habitações Literárias dos Pais



Dados retirados do Plano anual de Turma do 3.º e 4.º anos da EB123/PE Professor Francisco Manuel Santana Barreto

Dos onze alunos da turma, três beneficiam de apoio social escolar. A maioria reside na freguesia da Fajã da Ovelha. Do total dos alunos, um usufrui de apoio pedagógico e outro beneficia da educação Especial apresentando como diagnóstico *Dificuldades no funcionamento Intelectual*. Dos 11 (onze) discentes dois têm uma retenção e apenas um tem três retenções.

É uma turma bastante heterogenia demonstrando gosto, motivação e dedicação pela prática instrumental.

2. ESCOL'ARTES 2015 “NOS TRILHOS DA LUZ”

2.1 Conceção

Neste capítulo, apresentaremos o nosso objeto de estudo, o ESCOL'artes 2015, no que diz respeito à sua conceção, implementação e avaliação.

Desde os anos 80 que a Secretaria Regional de Educação, através da Direção de Serviços de Educação Artística e Multimédia, tem apostado na formação artística no ensino genérico. A abrangência da intervenção tem sido alargada e contempla, atualmente, todo um universo que vai do ensino pré-escolar ao ensino secundário.

Neste contexto, e considerando a importância da abertura da escola ao meio, da experiência de palco e da relação com o público, da mostra de aprendizagens e competências artísticas adquiridas no decurso escolar, a DSEAM tem promovido eventos de índole regional de forma a proporcionar esses momentos. Com o ESCOL'artes, os alunos têm a oportunidade de experienciar várias fases inerentes à preparação e apresentação de um espetáculo.

No início do mês de janeiro, em reunião de concelhia, foi apresentado, ao grupo de docentes da Calheta, os demais concelhos com quem iria organizar e concretizar um dos espetáculos do ESCOL'artes 2015: Santana, Funchal Oeste e Ribeira Brava. Foram, ainda, apresentados nessa reunião os dois temas propostos para o desenvolvimento do projecto, a saber, a "Luz" e "Contos e histórias", tendo o grupo da Calheta decidido avançar com o tema "Luz". Nessa mesma reunião foi também eleito, por unanimidade, um responsável do grupo que representasse os docentes da Calheta em todas as reuniões relacionadas com o projeto.

As reuniões para a preparação do ESCOL'artes foram sempre realizadas na sede da DSEAM, no Funchal, orientadas pela Coordenadora da Divisão de Apoio às Áreas Artísticas, Doutora Natalina Santos. Ao longo da preparação do espetáculo foram realizadas seis reuniões, sendo as primeiras três subordinadas à preparação e conceção do projeto. Na primeira reunião foram distribuídos pelos concelhos os períodos cronológicos da história da evolução da Luz a criar e implementar com os

alunos nas escolas. Ao concelho da Calheta coube, então, desenvolver aquela que seria a terceira parte do espetáculo e que correspondia ao período histórico designado pelo título “Do candelabro ao LED”. Posteriormente, e em reuniões de concelhia realizadas em horário pós-laboral, os docentes estruturaram o guião a implementar com os alunos no espaço escolar.

Após ter situado historicamente o aparecimento do candelabro no período renascentista, o grupo decidiu criar, então, um momento que refletisse uma das expressões artísticas mais marcantes e luminosas do Renascimento - a pintura, invocando um dos seus maiores vultos, Leonardo da Vinci.

Através da representação cénica da "Última Ceia", e como que dando vida ao icónico quadro, os docentes da Calheta decidiram, pois, como iniciar a sua apresentação. Da referida pintura, plena de teatralidade e onde as históricas figuras sugerem texto e ação, projetou-se então uma primeira cena, vincando a era renascentista como um momento de saída da Idade Média, referida muitas vezes no senso comum como a idade das trevas.

Partindo desta ideia, foi então criado um texto que tivesse em conta as expressões dos apóstolos. Definiu-se também que, em palco, aquela primeira cena começasse num *blackout*, subindo a intensidade da luz progressivamente, de forma a recriar a ideia de uma passagem da Idade Média para o Renascimento. Prevendo que, posteriormente e numa nova cena, fosse construído um candelabro, as personagens teriam que levar consigo uma vela e colocá-la na frente de palco. No sentido de potenciar a comunicação da ideia cénica com o público, um dos alunos, sentando diante de uma tela e sugerindo pintá-la, representaria a personagem Leonardo da Vinci.

Após a recriação do famoso quadro, as crianças saíam do palco juntamente com o pintor, entrando em cena outras crianças envolvidas numa dança, cuja coreografia terminasse na construção, diante do público, de um candelabro, aproveitando as velas utilizadas na cena anterior.

Inicialmente a proposta de construção do candelabro passava pela utilização de um mecanismo de palco. Esta revelou-se, no entanto, impraticável, tendo-se optado por um mecanismo mais rudimentar, mas pleno de eficácia, construído pelo encarregado de educação de um dos alunos.

Após a construção do candelabro, dar-se-ia lugar à recriação de uma sala de espetáculos, uma vez que a iluminação de espaços públicos era, à época, feita através de candelabros. O tema musical da cena anterior fundir-se-ia com a cena seguinte e entrariam novos figurantes para a composição dos camarotes. Outros, ainda, entrariam dançando num estilo associado aos salões do período barroco para, finalmente se instalarem na cena como se fossem espectadoras de um concerto da época. Simultaneamente, e para completar o cenário sugerido, entrariam novos elementos para interpretar um coro, uma orquestra de instrumental orff e, por fim, o maestro, que haveria de colocar-se ao centro do palco, virado para a plateia do ESCOL'artes, para simular a regência de um pequeno excerto da *5ª Sinfonia* de Beethoven. Seria, então, interrompida a sinfonia com a entrada da personagem Thomas Edison que, dirigindo-se ao maestro surdo num pequeno diálogo sem comunicação, pretendia apenas revelar a ideia que tivera e que simbolizava a invenção da lâmpada. O maestro entenderia que Edison pretendia uma mudança de tema musical, passando a dirigir a orquestra no tema “Can Can”, executado pelos alunos em palco e dançado em pares.

Terminado o tema “Can Can”, saíam todos do palco, com exceção do coro que, através de sons vocalizados, sugeriria o início de um dia de trabalho na construção de uma cidade que vai ganhando forma de avenida com a passagem de representações de cavalos, elétricos, caminhando para símbolos do século XX, como o autocarro, o carro, a difusão de música em aparelhos de rádio, chegando-se ao LED.

Nas restantes duas reuniões foram apresentados alguns esboços do projeto que, em conjunto, foram discutidos e aperfeiçoados, tendo ficado acordado que cada parte não deveria ultrapassar os 15 minutos.

Em março foi apresentado a guião definitivo do projeto (anexo II) para que este, no início do 3º período, pudesse ser implementado com os alunos, nas escolas.

No guião, para além da descrição pormenorizada das ações do texto, evidenciavam-se as indicações de desenho de luz, a duração de cada secção como também a duração das músicas.

Posteriormente, os docentes de Expressão Musical e Dramática da Calheta, procederam internamente à distribuição de cada parte do guião, tendo em conta a modalidade que desenvolviam nas suas escolas e o número de alunos.

Assim sendo, a cena “Última Ceia” ficou entregue aos alunos do 3.º e 4.º anos da EB1/PE da Ponta do Pargo. O coro e flauta de bisel seriam trabalhados com os alunos do 3.º e 4.º anos das Escolas EB1/PE Vasco da Gama Rodrigues e da EB123/PE Professor Francisco Manuel S. Barreto respectivamente.

Todas estas escolas iriam ter o privilégio de ir ao estúdio gravar.

2.2 Implementação

A estruturação do espetáculo ESCOL’artes, junto dos alunos, teve o seu começo na primeira semana do terceiro período, a partir do dia 6 (seis) de abril. Para que com os alunos ela fosse o mais eficaz, foi necessário planejar as três horas semanais que lecionávamos, sendo que parte das aulas curriculares de Expressão Musical e Dramática se destinaram à preparação dos alunos para o ESCOL’artes e as restantes para a preparação de outras atividades programadas no Plano Anual de Escola. Para além de todas as atividades, os alunos do 4.º ano encontravam-se próximos da realização da prova final de ciclo, o que os deixava um pouco mais ansiosos.

As aulas para preparação do espetáculo tiveram a presença do professor titular de turma para que este pudesse colaborar e se inteirar do projeto. O professor de turma teve um papel fundamental no apoio ao docente de Expressão Musical e

Dramática, uma vez que, depois da realização das provas, se disponibilizava para ensaiar com os seus alunos.

Para a EB1/PE da Ponta do Pargo foram estipuladas seis aulas da componente curricular destinadas exclusivamente à preparação dos alunos, tendo-se direcionado o trabalho para a Expressão Dramática. A planificação das aulas era dividida em três partes; a primeira, de aquecimento e trabalho de concentração; a segunda destinava-se ao trabalho de preparação e ensaio; a terceira, com um momento de relaxamento.

Na cena da “Última Ceia” foram trabalhados os seguintes conteúdos: a relação entre o corpo e o espaço; domínio do corpo e da voz; a improvisação, a imaginação e a criatividade; interpretação e a representação; desenvolvimento da memória. Pretende-se que, no final, os alunos tenham adquirido e desenvolvido capacidades expressivas e criativas através do Corpo, da Voz, da Interpretação e da Representação em trabalho individual e coletivo.

No que concerne à EB1/PE Vasco da Gama Rodrigues, a preparação dos alunos foi direcionada para a prática vocal com o ensaio da peça “Can Can” do compositor Offenbach e de uma outra peça. Esta canção foi trabalhada apenas numa aula e revista no início ou no fim das restantes aulas. Em relação à segunda peça vocal, foram destinadas duas aulas, sendo que a primeira foi de exploração sonora e a segunda de criação e construção de uma partitura não convencional. A criação sonora foi feita pelos alunos tendo como indutor pequenos tópicos lançados pela docente. Apesar de terem sido destinadas poucas aulas para a preparação da parte coral, os temas foram sempre ensaiados noutras aulas. Os conteúdos trabalhados nas aulas foram os seguintes: técnicas de respiração; elementos expressivos / forma / andamento / intensidade; ritmo; melodia. No final deste projeto pretende-se que os discentes tenham desenvolvido a concentração e a memória auditiva, a execução de repertório coral tradicional e diversificado simples, ou a uníssono com acompanhamento harmónico, tenham um aperfeiçoamento das competências auditivo-afetivas inerentes ao canto coral (sentido rítmico, sentido melódico e sentido harmónico/afinação mútua), que saibam utilizar a voz com naturalidade e que tenham desenvolvido o sentido estético (“o belo”), bem como a sua sensibilidade.

À turma do 3º e 4º anos da EB123/PE Professor Francisco M.S. Barreto foram dedicadas apenas duas aulas para a aprendizagem da peça “Can Can” e do excerto da *5ª Sinfonia* de Beethoven, ambas na flauta de bisel, sendo que nas restantes aulas foram sempre revistas as referidas peças. De salientar que grande parte deste grupo de alunos trabalhou em casa, individualmente, e nos intervalos da escola, coletivamente. Os conteúdos implícitos na aprendizagem das peças foram a escala diatónica de dó maior, a postura do executante, a prática de conjunto, utilizando instrumentos de sopro e a técnica de execução instrumental de peças, através da memorização ou da leitura na pauta. Pretende-se que os alunos possam conhecer e desenvolver a musicalidade e o controlo técnico artístico, através do estudo e da apresentação individual e em grupo de diferentes interpretações, que adquira o gosto pela prática de conjunto, incluindo as atuações públicas, e que enriqueça o sentido estético, favorecendo a cultura artística.

Para melhor se compreender, seguem alguns exemplos de planificações de aulas como também o seu respetivo relatório reflexivo, descritivo e avaliativo. As restantes planificações encontram-se em anexo (Anexo III).

EB1/PE Ponta do Pargo

Turma 3.º e 4.º anos

ESCOL'artes - Quadro da Ultima Ceia – Leonardo Da Vinci

Aula nº22

8h.30m às 9h.30m

07/04/2015

| Conteúdos | Competências | Atividades/Estratégias | Avaliação |
|--|---|---|---|
| A relação entre o corpo e o espaço; O domínio do corpo e da voz; A improvisação, a imaginação e a criatividade; A interpretação e a representação. O desenvolvimento da memória; | Desenvolver e consciencializar capacidades expressivas e criativas através do Corpo, da Voz, da Interpretação e da representação em trabalho individual e de grupo. | Pequena conversa com os alunos sobre o projeto. Apresentação de um vídeo sobre a história da luz . https://www.youtube.com/watch?v=rIFRyUizogq Visualização do quadro da “Ultima Ceia” de Leonardo da Vinci. Distribuição das personagens pelos alunos. Atividade: Os alunos ao som da música "La bourrée d'Avignon", interpretada pelo ensemble Le Banquet du Ruy, caminham pela sala de forma aleatória, marcando a pulsação com o andar, ocupando todos os espaços vazios da sala. Quando a música para eles imitam a personagem que lhes foi atribuída. | Observação direta; Empenho Regularidade da pulsação |
| <p>Sumário:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Início da preparação para o ESCOL'artes. – peça teatral: Pequena contextualização sobre a história da luz – vídeo • Distribuição das personagens • Trabalho de personagens | | | |

EB1/PE Ponta do Pargo

Turma 3.º e 4.º anos

ESCOL'artes - Quadro da Última Ceia – Leonardo Da Vinci

Aula n.º 22

07/04/2015

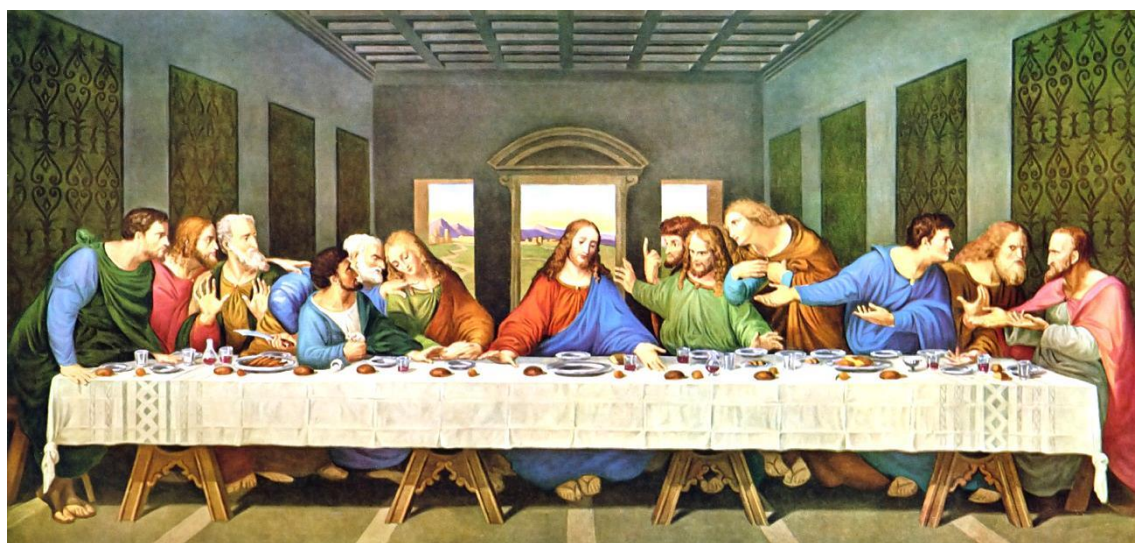
Descrição – Reflexão - Avaliação

A aula número 22 foi iniciada com uma conversa com os alunos sobre o projeto ESCOL'artes. Foi dada a conhecer, aos alunos, a planificação das aulas seguintes até a apresentação pública. Visto que em simultâneo se vai preparar a festa de encerramento do ano letivo, como também outras atividades pertencentes ao plano anual de escola, foram estipulados os dias e a horas para a preparação de todas as atividades.

Todos os alunos mostraram uma grande receptividade e motivação em relação ao projeto, pois para estes o facto de poderem ir a um estúdio de gravação e também a possibilidade de realizarem uma apresentação pública fora do seu espaço escolar, que posteriormente será transmitida pela RTPMadeira, é bastante aliciante.

Após a explicação do projeto foi-lhes mostrado um vídeo sobre a história da Luz – Do fogo ao led... a luz e a sua evolução (resumo).

<https://www.youtube.com/watch?v=rIFRyUizoqg>



Foi projectado o quadro da “Última Ceia”, de Leonardo da Vinci, tendo-se constatado que muitos dos alunos o conseguiam identificar, pois alguns deste têm replicas em casa ou casa de familiares.

Foi pedido aos alunos que analisassem e comentassem o quadro.

Os alunos responderam:

- “ São todos Homens”;
- “Jesus está no meio”;
- “Parece que estão todos a falar menos o Jesus”;
- “Têm pratos para comer... nessa altura já havia pratos?”

Após os comentários foi-lhes contada a história do quadro e do seu autor.

Introdução

A Última Ceia é uma das pinturas mais famosas de Leonardo da Vinci, artista italiano da época do Renascimento Cultural. É considerada por muitos historiadores e estudiosos de arte como uma das mais importantes e representativas obras de arte de todos os tempos.

Características principais

Esta pintura foi feita por Da Vinci entre os anos de 1495 e 1497. É uma pintura mural e está na parede do refeitório do convento dominicano de Santa Maria da Graça, na cidade italiana de Milão (local original onde foi pintada).

A pintura retrata a última ocasião em que Jesus Cristo se reuniu com seus apóstolos para compartilhar o pão e o vinho, antes de sua morte.

Principais características da pintura:

- Medidas: 460 cm de altura e 880 cm de largura.”¹⁹

A distribuição do elenco foi feita tendo em conta as características físicas dos alunos em relação às personagens do quadro. Como tal, as de cabelo comprido foram atribuídas às raparigas e os rapazes ficaram com as restantes.

¹⁹ Texto retirado do sítio da internet http://www.suapesquisa.com/leonardo/ultima_ceia.htm, no dia 4 de abril de 2015

Com a distribuição feita, os alunos ao som da música "La bourrée d'Avignon", interpretada pelo ensemble Le Banquet du Ruy, caminharam pela sala marcando a pulsação/subdivisão com o andar e com batimentos corporais, tentando ocupar os espaços vazios. Sempre que a música era interrompida eles imitavam a posição da sua personagem. É importante referir que a imagem ficou projectada até ao final da aula. Toda esta atividade foi bem-sucedida pois despertou nos alunos bastante interesse pelas suas personagens.

Para alguns alunos, a marcação da subdivisão com o andar e com dois níveis corporais nem sempre foi bem concretizada mesmo com a minha orientação.

A aula decorreu em conformidade com o plano de aula, previamente elaborado, não tendo havido constrangimentos à aplicação do mesmo nem acontecimentos que implicassem a sua alteração ou ajustamento.

EB1/PE Vasco da Gama Rodrigues – Paul do Mar

Turma 3.º e 4.º anos

ESCOL'artes - Canto Coral

Aula nº 22

hora 12.30 às 13.30

10/04/2015

| Conteúdos | Competências | Atividades/Estratégias | Avaliação |
|--|--|--|---|
| Técnicas de respiração Elementos expressivos / forma / andamento / intensidade Ritmo Melodia | Desenvolver a concentração e a memória auditiva; A execução de repertório coral tradicional e diversificado simples, ou a uníssono com acompanhamento harmónico O aperfeiçoamento das competências auditivo-afetivas inerentes ao canto coral: (sentido rítmico, sentido melódico e sentido harmónico/"afinação mútua"); Utilizar a voz com naturalidade Desenvolver o sentido estético ("o belo") - sensibilidade | Pequena conversa com os alunos sobre o projeto. Apresentação de um vídeo sobre a história da luz. https://www.youtube.com/watch?v=rIFRyUizoqg Aquecimento vocal. Canção "Can Can". | - Concentração / Descriminação auditiva/ Memorização auditiva - Entoação:(com consciência do sentido de pulsação, rítmico e melódico)– "sozinho". - Afinação: (uníssono ou em contextos polifónicos simples) ;Consciência polifónica – "em conjunto". |
| Sumário: <ul style="list-style-type: none"> • Início da preparação para o ESCOL'artes - coro: • Pequena contextualização sobre a história da luz – vídeo • Aquecimento vocal. • Aprendizagem da canção "Can Can" | | | |

EB1/PE Vasco da Gama Rodrigues – Paul do Mar

Turma 3.º e 4.º anos

ESCOL'artes - Canto Coral

Aula n.º 22

10/04/2015

Descrição – Reflexão - Avaliação

A aula número 22 foi iniciada com uma conversa com os alunos sobre o projeto ESCOL'artes . Foi dada a conhecer, aos alunos, a planificação das aulas seguintes até a apresentação publica. Visto que em simultâneo se vai preparar a festa de encerramento do ano letivo, como também outras atividades pertencentes ao plano anual de escola, (Festival da Canção “Estrelinhas da Calheta”, e a abertura da Feira do Livro da escola) foram estipulados os dias e a horas para a preparação de todas as atividades.

Por não ser possível levar todos os alunos, devido à falta de transporte, foi acordado com estes que os critérios de seleção seriam o comportamento, o empenho e a concretização eficaz das peças corais.

Após a explicação do projeto foi-lhes mostrado um vídeo sobre a história da Luz – Do fogo ao led... a luz e a sua evolução (resumo).

<https://www.youtube.com/watch?v=rIFRyUizoqg>

Os alunos antecipadamente prepararam a sala para a prática da modalidade, usando as mesas e as cadeiras para criarem três níveis. Alguns alunos estão em cima das mesas, outros em cima das cadeiras e alguns no chão. Colocam-se nos seus lugares, vozes mais graves no lado direito e agudas no lado esquerdo.

Com os alunos nos seus lugares dá-se início ao aquecimento vocal

- Primeiramente relaxaram o corpo todo, balançando as mãos e os pés para livrar nosso corpo das tensões.
- Em seguida movimentaram as ancas para esquerda e para direita com os braços soltos.
- Movimentos giratórios com os ombros, primeiro para frente e depois para trás, de seguida foram levantados até conseguirem encosta-los na ponta das orelhas para tencioná-los e após alguns segundos soltaram.
- Levaram a cabeça para esquerda e puxando-a levemente com a mão esquerda. E depois para com o outro lado. Também com a cabeça, realizaram

movimentos giratórios no sentido do ponteiro dos relógios e em sentido contrário.

- Por fim voltamos ao primeiro exercício relaxando todo nosso corpo, balançando as mãos e os pés para livrar nosso corpo das tensões.
- Massajaram toda a face e a cabeça com os dedos, passando pelas bochechas, nariz, boca, testa, pescoço.
- Articular bem a boca e a face como se fosse emitir o som “uoai”.
- Mexeram o maxilar para esquerda e para direita.
- Simularam um bocejo com a borca aberta e depois com a boca fechada.
- Com a língua empurraram o interior da bochecha esquerda, e depois o da direita.
- -Ainda com a língua fizeram movimentos giratórios.
- Inspiraram (usando a respiração diafragmática) em quatro segundos, segurando e soltando em som de “sss” em cinco segundos. Começaram em cinco segundos e progressivamente aumentaram até dez.
- Fizeram o mesmo exercício anterior levantando os braços na hora da inspiração até 90° e baixar lentamente na expiração.
- Deram golpes diafragmáticos emitindo os sons: “ss”, “ch”, “fu”, “ka”. Fazendo o mesmo dando dois golpes seguidos de cada vez.
- Inspiraram e soltaram emitindo o som de “trr”, “grr” e “brr”.
- Dando continuidades ao exercício anterior inspiraram e soltavam nos sons “trr”, “grr” e “brr” partindo do grave pro agudo e do agudo para o grave. Primeiro um de cada vez e depois misturamos os três.
- Repetiram o som “dó” em quatro semínimas de um compasso quaternário simples, aumentando o tom a cada compasso.
- Fazer escalas ascendentes e descendentes (até o quinto grau) pronunciando palavras e sílabas como: nó; má mé mi mo mu, ziu. Além de trabalhar a voz este exercício também trabalha a articulação.

Após o aquecimento inicia-se a aprendizagem da canção. Aos alunos é lhes explicado a estrutura da canção, visto que vai ter uma parte inicial que é instrumental e um pouco mais lenta e só depois é parte cantada, que é um pouco mais rápida. Eles

ouviram toda a peça sem ser interrompida. A aprendizagem da canção foi realizada por partes, primeiro a letra, sempre com a base rítmica nas palavras, e frase a frase até juntar a primeira estrofe. Só depois juntámos a melodia também por partes. Foi utilizado o mesmo processo para a segunda estrofe.

A canção não revela grande dificuldade, no entanto houve dificuldades na afinação no salto de oitava, de dó3 para dó4, que se encontra no sétimo compasso.

Foi distribuído aos alunos uma fotocópia da canção e da partitura para que continuassem a estudar em casa e que estudassem também a melodia na flauta.

A sessão decorreu em conformidade com o plano de aula, previamente elaborado, não tendo havido constrangimentos à aplicação do mesmo nem acontecimentos que implicassem a sua alteração ou ajustamento.

CAN CAN (partitura em anexo)

1- É

Dança das modernas

Faz mover as pernas

Deste cabaré

Anda daí ver como é

Dança com afã

E deste CAN CAN

Não arredes pé

CAN CAN CAN CAN

2-Tem

Graça e encanto

E diverte tanto

Não mata ninguém

Anda daí dançar também

Até de manhã

Pois neste CAN CAN

Vais-te sentir bem

CAN CAN CAN CAN

Flute

Can Can

Arranjo Grupo da Calheta

$\text{♩} = 132$

The musical score is written on three staves in treble clef with a common time signature (C). The tempo is marked as 132 beats per minute. The first staff contains measures 1 through 6. The second staff, starting with a measure rest labeled '7', contains measures 7 through 11. The third staff, starting with a measure rest labeled '12', contains measures 12 through 16 and ends with a double bar line.

EB123/PE Professore Francisco M. S. Barreto

Turma 3.º e 4.º anos

ESCOL'artes - Instrumental- Flauta de Bisel

| Conteúdos | Competências | Atividades/Estratégias | Avaliação |
|--|--|---|--|
| <p>Aprendizagem da escalas Diatónica de Dó Maior;</p> <p>Execução instrumental de peças através da memorização ou da leitura na pauta;</p> <p>Prática de conjunto, utilizando instrumentos da família sopro,</p> | <p>Desenvolve técnicas de execução melódica apropriada e contextualizada (individualmente e em grupo), na Flauta;</p> <p>Conhece e desenvolve a musicalidade e o controlo técnico artístico, através do estudo e da apresentação individual e em grupo de diferentes interpretações;</p> <p>Adquire o gosto pela prática de conjunto, incluindo as atuações públicas;</p> <p>Enriquece o sentido estético favorecendo a cultura artística;</p> | <p>Pequena conversa com os alunos sobre o projeto.</p> <p>Apresentação de um vídeo sobre a história da luz. https://www.youtube.com/watch?v=rIFRyUizoqg</p> <p>Audição e análise musical das peças “CAN CAN” e a 5ª Sinfonia de Beethoven.</p> <p>Aquecimento instrumental: Exercícios melódicos com diferentes técnicas de execução na escala maior de Dó</p> <p>Experimentação de atividades, através de execução instrumental individual e coletiva;</p> <p>Leitura e interpretação, através de vocabulário musical convencional e não convencional;</p> | <p>Participação; Realização de exercícios; Técnica; Expressividade; Observação direta.</p> |
| <p>Sumário:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Início do trabalho de preparação para o ESCOL'artes – flauta de bisel: • Peça “CAN CAN” e “5ª Sinfonia” de Beethoven | | | |

EB123/PE Professore Francisco M. S. Barreto

Turma 3º e 4º anos

ESCOL'artes - Instrumental- Flauta de Bisel

Aula nº 22

08/04/2015

Descrição – Reflexão – Avaliação

A aula número 22 foi iniciada com uma conversa com os alunos sobre o projeto ESCOL'artes . Foi dada a conhecer, aos alunos, a planificação das aulas seguintes até a apresentação pública. Visto que em simultâneo se vai preparar a festa de encerramento do ano letivo, como também outras atividades pertencentes ao plano anual de escola, foram estipulados os dias e a horas para a preparação de todas as atividades.

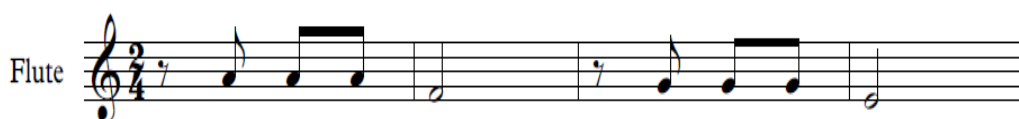
Todos os alunos mostraram uma grande receptividade e motivação em relação ao projeto, pois para estes o facto de poderem ir a um estúdio de gravação e também a possibilidade de realizarem uma apresentação publica fora do seu espaço escolar, que posteriormente será transmitida pela RTPMadeira, é bastante aliciante.

Após a explicação do projeto foi-lhes mostrado um vídeo sobre a história da Luz – Do fogo ao led... a luz e a sua evolução (resumo).

<https://www.youtube.com/watch?v=rlFRyUizoqg>

Posteriormente os alunos ouviram e analisaram as peças “CAN CAN” e 5ª Sinfonia tendo sido distribuído pelos alunos a partitura correspondente.

Ilustração 14- Excerto do Inicio da 5ª Sinfonia de Beethoven



Após uma análise os alunos iniciaram um aquecimento na flauta, trabalhando a escala de Dó Maior ascendente e descendente.

Após o aquecimento foram feitos exercícios de leitura das duas peças e iniciou-se o trabalho pratico.

O docente começou por ler com os alunos, ritmicamente a peça CAN CAN, depois juntou as notas musicais. O trabalho na flauta foi feito compasso a compasso. Os alunos revelaram pratica de leitura o que facilitou o ensino/aprendizagem da peça. Depois de apreendida a peça os alunos tocaram com o instrumental.

A docente fez o mesmo processo com o pequeno excerto da “5ª Sinfonia”, revelando-se mais complicada a execução da peça com o instrumental, nomeadamente, a entrada a contratempo.

A sessão decorreu em conformidade com o plano de aula, previamente elaborado, não tendo havido constrangimentos à aplicação do mesmo nem acontecimentos que implicassem a sua alteração ou ajustamento.

2.3 Gravação

Após a implementação do projeto juntos dos alunos a gravação é uma etapa quase conclusiva da preparação dos discentes.

Inicialmente os docentes do grupo de concelhia da Calheta, tendo em conta o guião e a complexidade das peças, em reunião com a coordenadora do ESCOL'artes, solicitaram dois dias e meio para a gravação, no entanto, foram atribuídos apenas dois dias.

As gravações decorreram no estúdio da DSEAM, no Funchal. Para uma melhor organização foi enviado ao técnico uma ficha em que esclarecia que tipo de instrumentos a gravar, número de vozes para o coro, número de flautas, o número de personagens, como também as músicas de fundo e os instrumentais em formato mp3 ou wav. (ver anexo IV)

As gravações decorreram nos dias 27 e 28 de maio, sendo que no dia 27 gravaram os alunos da turma do 3.º e 4.º anos da EB 1 2 3 /PE Professor Francisco M. S. Barreto – flauta (a 1ª voz da peça “CAN CAN” e a 5ª Sinfonia) e no segundo dia gravaram-se as falas da “última ceia” com os alunos da EB1/PE da Ponta do Pargo e a parte coral com

os alunos da EB1/PE Vasco da Gama Rodrigues. É importante referir que os alunos das turmas dos restantes docentes da concelhia gravarão nos mesmos dias.

Os alunos deslocaram-se ao Funchal acompanhados pelos seus professores titulares de turma. Foram disponibilizadas carrinhas de transporte escolar, por parte da Câmara Municipal da Calheta, para o transporte dos alunos até ao estúdio de gravação.

O tempo disponível para as gravações revelou-se o suficiente, tendo começado à hora prevista, 10 horas, e terminado um pouco antes da hora estipulada. Os trabalhos decorreram com tranquilidade e, sempre que necessário, foram feitos alguns ajustes, tendo o técnico mostrado sempre uma atitude recetiva a todas as sugestões dos professores. Os alunos, ao início, mostraram-se um pouco ansiosos e nervosos mas rapidamente perceberam todo o processo de gravação fazendo com que as gravações definitivas tivessem sido quase ao segundo take.

Ilustração 15 - Alunos da EB123/PE Professor Francisco M. S. Barreto, em estúdio para gravação.



A masterização foi realizada no dia 4 de junho, no estúdio da DSEAM, e correu dentro da normalidade. É importante referir que após as masterizações foram necessárias algumas alterações que o técnico prontamente se disponibilizou a efetuar.

Ilustração 16 - Alunos da EB1/PE Vasco da Gama Rodrigues em gravações



Ilustração 17 - Alunos a EB1/PE da Ponta do Pargo no estúdio de gravação



2.4 Ensaio Geral do Concelho da Calheta

Ora, no dia 16 de junho, pelas 10 horas realizou-se o primeiro e único ensaio geral da Concelhia que decorreu na Escola EB1/PE Ladeira e Lamaceiros. Esta escola foi escolhida por apresentar boas condições para o ensaio. Novamente a Câmara Municipal da Calheta voltou a disponibilizar transportes para que os alunos pudessem fazer o ensaio. Os alunos foram novamente acompanhados pelos professores titulares que juntamente com os docentes de Expressão Musical e Dramática, organizaram e ajudaram na realização do ensaio. Tendo em conta que só tínhamos o período da manhã para a realização do ensaio foram estipuladas regras e tarefas por todos os docentes. Enquanto que os quatro docentes de Expressão Musical e Dramática orientavam o ensaio os restantes docentes ajudavam nas entradas e saídas dos alunos do “palco”.

Ao longo da manhã realizaram-se apenas três ensaios, sendo que o primeiro esteve mais direcionado para marcação de palco, entradas e saídas, o segundo já foi com o playback mas novamente com paragens para retificação de posições e o terceiro foi um ensaio corrido. Com este ensaio os alunos e os docentes ficaram com uma perspectiva mais global do espetáculo.

2.5 Apresentação do *ESCOL'artes 2015* – “Nos Trilhos da Luz”

No dia 19 de junho os alunos puderam apresentar a conclusão do processo para o grande público. Todos os alunos da Calheta chegaram ao Tecnopólo no período da manhã, por volta das 9 horas e 30 minutos. Estava previsto a marcação de palco iniciar-se às 11 horas e 45 minutos, no entanto, com a atraso na chegada dos outros concelhos acabamos por ser o segundo grupo a ensaiar.

O início do ensaio foi só para marcação de palco, onde os alunos tiveram a oportunidade de explorar e executar parte dos seus números. Após esta pequena exploração os quatro docentes dividiram-se entre a entrada, saída, frente de palco e pelos técnicos da RTPMadeira. Este último teve a função de explicar quais os pontos mais importantes do espetáculo a serem captados como também indicar-lhes quais as necessidades do ponto de vista da iluminação. Junto das entradas e saídas de palco estavam outros professores que foram destacados para apoiar os docentes que participavam, na frente de palco para além do docente responsável pelo grupo estava

também a Chefe da Divisão de Apoio à Educação Artística, Professora Natalina Santos, a apoiar e a dirigir os espetáculo no seu todo.

Enquanto aguardávamos que os restantes grupos ensaiassem, para que no final pudessem fazer um ensaio com todos, os alunos juntamente com os Professores Titulares de Turma e os Docentes de Expressão Musical e Dramática organizaram os camarins com as roupas e adereços do seu respetivo número.

O ensaio geral com todos os grupo teve o seu início por volta das 12 horas onde todos os alunos se posicionaram ao longo dos corredores com os seus adereços e pela ordem de entrada. Foi um pouco difícil manter o silêncio pois o entusiasmo era predominante.

Ilustração 18 – Momentos antes do ensaio geral no Tecnopolo – “Ultima Ceia”



Ilustração 19 - Coro no ensaio geral



Após o ensaio geral, os alunos tiveram um pequeno intervalo para o almoço que serviu de convívio entre as outras escolas. Assim que iam terminando o almoço dirigiram-se para os camarins para se prepararem para o espetáculo. Alguns alunos foram caracterizados pela equipa de animação que, antecipadamente, recebeu o nosso pedido de colaboração. (anexo V)

Ilustração 20 - Alunos sendo caracterizados pela Equipa de Animação



Seguidamente, por voltas 15 horas deu-se início ao espetáculo. Era chegada a hora de os alunos da Calheta desempenharem o seu papel com perfeição e confiança perante um público atento, contando com a preciosa ajuda de todos os docentes. Assim, todos os alunos deram o seu testemunho artístico, executando as suas performances com mestria, tendo sido aplaudidos pelo público de forma entusiástica.

Neste sentido, o trabalho realizado dentro e fora da escola contribuí, por um lado, para vencer as barreiras do medo de falhar e, por outro, para lhes proporcionar a oportunidade de conviverem e aprenderem muito mais.

As fotografias que se seguem registam o interesse e o empenho das crianças em participarem nesta atividade.

Ilustração 21 - Entrada do Coro



Ilustração 22 – Preparação do Coro



Ilustração 23 - Entrada dos Figurantes para a cena final

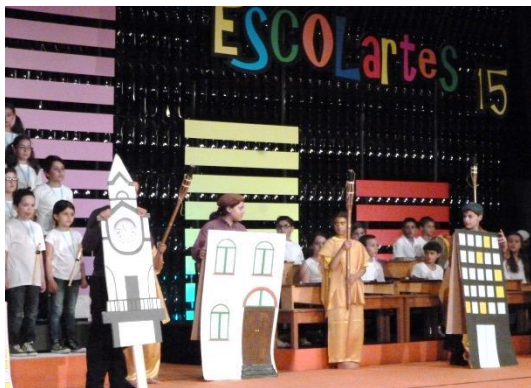


Ilustração 24 – Cena Final – Coro falado



A 12 de julho o espetáculo foi emitido pela RTPMadeira , sendo que a terceira parte inicia-se aos 28 minutos e 21 segundos, estando disponível no seguinte endereço da internet <http://www.rtp.pt/play/p727/e201429/escolartes/442948>

2.6 Avaliação do projeto ESCOL'artes

Para a realização da avaliação do projeto é necessário tomarmos em consideração três momentos fundamentais: o processo, a apresentação pública e o feedback. Assim o consideramos, porque, independentemente da forma como cada um dos referidos momentos decorreu no seu tempo e espaço próprios, a avaliação final deve ponderar todas as contingências internas e externas ao próprio projeto, inerentes a cada uma das fases.

Desta forma, é importante destacarmos um ponto prévio: o *ESCOL'artes* é um projeto dirigido aos alunos do 4.º ano, finalistas, portanto, do 1.º ciclo do ensino básico e sujeitos a provas de avaliação de final de ciclo nas disciplinas de Português e Matemática. Convém realçar que no nosso caso, e porque em todas as escolas onde entrevistamos se verificaram turmas mistas, pudemos contar com o envolvimento, não só dos alunos do 4.º ano, mas também dos do 3.º. No entanto, e por serem finalistas, os alunos do 4.º ano tinham no final do ano letivo uma importante prova que, em maior ou menor grau de dificuldade, gerava uma certa ansiedade, bem como uma natural canalização das atenções e tempo de preparação para a dita prova.

O facto referido poderia ter tido interferência negativa na disponibilidade e interesse dos alunos no projeto que agora avaliamos. No entanto, e porque a motivação para uma aprendizagem e construção baseadas em pressupostos lúdicos esteve sempre presente, tal prejuízo não se verificou. A possibilidade de se apresentarem publicamente num espetáculo realizado fora da escola e da sua própria localidade favoreceu o interesse dos alunos, tomando em consideração que as escolas onde intervimos se encontram relativamente distantes do Funchal, onde o acesso não é frequente. Juntando a isso a tradicional transmissão televisiva do evento, que tem bastante audiência em toda a ilha e que se encontra bem sedimentada na cultura local, estavam criadas as condições primeiras para se iniciarem os trabalhos com cada grupo que, convém referirmos, iriam desenvolver a sua participação em diferentes naipes, uma vez que cada escola se debruçaria numa determinada área performativa para que, nas vésperas do dia da apresentação, pudessem encontrar-se para um ensaio geral.

Após a explicitação do ponto prévio, debruçar-nos-emos, agora, sobre um dos três momentos considerados fundamentais para a avaliação do *ESCOL'artes*. Fá-lo-emos seguindo a cronologia do próprio projeto, começando por falar do processo.

Uma das virtudes maiores sentidas na fase de planificação, organização e distribuição de tarefas foi a da envolvimento e cumplicidade dos professores titulares que sempre colaboraram ativamente na construção do espetáculo, ora coordenando a logística de adereços, ora disponibilizando tempo curricular para os ensaios após os exames de 4º ano. Num outro nível, de interação com as restantes escolas da concelhia envolvidas, realçamos a implicação e cumplicidade, traduzida nas frequentes reuniões de trabalho para a construção do guião, seleção musical, criação de adereços e figurinos, bem como a preocupação estética em uniformizar as linguagens de palco. Apesar de haver todo um guião escrito à priori, sempre houve espaço para a descoberta e a reformulação de ideias, num espírito de não acomodação, antes de criatividade.

Os alunos são o eixo central do projeto. Em torno deles gira e a eles se destina. Ao fim de 4 anos de aprendizagem, o *ESCOL'artes* põe em evidência, mais do que a aquisição de competências artísticas, todo um crescimento e desenvolvimento pessoal que se pode constatar na responsabilidade para com o coletivo, no espírito criativo e de adaptação, na capacidade de superação do medo e das dificuldades, no desenvolvimento da imaginação, na capacidade de compromisso, na transformação do lúdico em trabalho

sobre a realidade. Todas estas competências, por certo menos palpáveis que as técnicas, foram, no entanto, observadas a cada dia e a cada ensaio, ao constataremos, por exemplo, que houve prática em casa, que as gravações de instrumental e texto se concluíram com sucesso em menor tempo que o previsto, mesmo após uma deslocação da escola até um estúdio de gravação no Funchal, ou que a dificuldade de adaptação ao playback das cenas teatrais se ultrapassou com muita persistência, escuta, concentração e sincronização com um tempo fixo, pré-gravado e nem sempre orgânico. Todas estas pequenas conquistas, não sendo a meta, são o caminho para a edificação de melhores e mais completos seres humanos.

Num segundo momento, falaremos brevemente sobre a apresentação pública, cujo desenvolvimento descritivo já foi anteriormente tratado. O momento mais aguardado reserva sempre uma ansiedade adicional. Participar de um espetáculo partilhando palco com cerca de 500 outras crianças, aglomeradas pelos corredores de acesso aos bastidores de cena e organizadas segundo o alinhamento do próprio espetáculo, gera necessariamente uma azáfama a que é impossível ficar indiferente. No entanto, esse é o contexto para a realização do evento, estruturado numa lógica de cena em que se entra por um lado e se sai por outro, dando lugar ao grupo / escola / concelho seguinte. Chegada a hora de pisar o palco, iluminados como nunca, observados por uma sala com cerca de 400 espectadores, filmados para mais tarde serem vistos por toda a comunidade madeirense e correndo atrás de um playback que segue inexoravelmente o seu alinhamento sem paragens, quebras, intervalos ou espaço para erros, os alunos divertiram-se, regozijaram com as suas performances, sentiram a presença do público e as suas reações, o riso cúmplice dos professores, dos familiares e dos colegas.

Por fim, e concluindo esta avaliação, analisaremos o feedback recebido, centrando-nos numa entrevista realizada com os docentes titulares de cada uma das 3 (três) turmas. (Anexo XI) Redigimos as 6 seguintes questões:

Que impacto tem na componente curricular a Educação Artística nos moldes em que ela se pratica na RAM?

De acordo com a sua experiência docente, que diferenças encontra entre a prática da Educação Artística na RAM e outras que tenha conhecido?

Qual a importância da coadjuvância nas áreas artísticas para o desempenho da sua função de docente no 1º ciclo? Facilita a sua prática?

Qual o reflexo do *ESCOL'artes* no crescimento individual e coletivo dos alunos?

Qual o impacto que o *ESCOL'artes* tem na comunidade escolar?

Qual o feedback que tem dos Encarregados de Educação?

Relativamente à questão 1, os docentes destacaram a formação integral dos alunos, materializada em desafios coletivos e individuais que contribuem para o seu desenvolvimento pessoal e social, considerando a Educação Artística uma área de aprendizagens para a vida e que fornece competências práticas. Na questão 2, evidenciaram que na RAM é maior a integração das extracurriculares nas áreas curriculares, notando também uma experiência mais envolvente e enriquecedora para os alunos, em função dos projetos em que participam. Respondendo à questão 3, os entrevistados salientaram que a colaboração de um professor especialista facilita, enriquece e complementa a sua prática docente, desinibindo os alunos, revelando outras facetas e motivações destes. Abordando a questão 4, identificaram como mais-valia a vivência de experiências únicas e em grupo, fora do seu espaço diário e num convívio com novos colegas que lhes permitiu alargar horizontes. Na questão 5, revelaram grande impacto na comunidade escolar que sempre mostrou interesse em colaborar na concretização de um projeto que dignificasse a escola e o seu concelho, participando com entusiasmo e ativamente nos ensaios. Sobre o feedback dos encarregados de educação presente na questão 6, os professores titulares falaram do orgulho das famílias, da preocupação em colaborar sempre que possível e, claro, da presença de alguns deles no Funchal para assistir ao espetáculo final, tendo-o considerado muito positivo.

Ao chegarmos ao final da avaliação do Escol'artes, podemos concluir que o projeto sobre o qual nos debruçámos está sedimentado no ADN da comunidade madeirense, que nele participa e a ele assiste com grande entusiasmo e orgulho, acreditando-se que as expressões artísticas têm presença muito forte na educação e cultura da região.

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

Ao longo deste processo de investigação, procurámos observar atentamente o desenvolvimento do projeto *ESCOL'Artes*, complementando os resultados obtidos com entrevistas realizadas aos docentes titulares de turma e ao seu mentor, o professor Carlos Gonçalves. Neste sentido, recorrendo também aos registos audiovisuais (através dos quais pudemos documentar todo este processo) e à análise de conteúdo da bibliografia, foi-nos possível fazer uma descrição que procurámos que fosse objetiva, sistemática e interpretativa de todos os dados recolhidos.

Tornou-se, pois, possível partirmos para a observação da importância para os alunos de uma experiência de transposição artística que tem por base um contexto lúdico, mas programático, assente em três pontos: o enriquecimento das competências expressivas e de comunicação; o desenvolvimento individual, social e afectivo dos alunos; a experiência performativa em simbiose de múltiplas artes.

Desta observação que se estendeu ao longo de 3 meses, convém destacar um facto da máxima importância e que diz respeito à integração de parte da prática artística na componente curricular, integrada nas atividades do professor titular, aqui coadjuvado pelo professor de apoio. Esta possibilidade, uma mais-valia real que é característica do projeto educativo da RAM, facilita, articula e legitima o ensino artístico como competência do ensino generalista, não o canalizando, apenas, para o campo do extracurricular. Essa integração promove uma consciência sobre a importância que a educação pela arte tem na própria formação base das crianças e que a comunidade escolar reconhece como relevante para o desenvolvimento integral do ser humano, estimulando as ferramentas de comunicação, a criatividade, a sensibilidade estética e a interação.

A prática artística ao longo dos 4 anos do 1º ciclo do Ensino Básico visa, acima de tudo, dotar as crianças de um conjunto de experiências de índole lúdico-artísticas na área de música e da expressão dramática com o objetivo de participarem na *Semana Regional das Artes*. Este evento anual congrega uma série de modalidades e simbioses artísticas, onde os alunos apresentam pequenos espetáculos em vários espaços do Funchal, promovendo e legitimando, assim, o ensino artístico.

O *ESCOLArtes*, espetáculo de simbiose, fazendo parte da *Semana Regional das Artes*, tem características muito específicas, uma vez que reúne escolas de toda a região e tem transmissão televisiva, procurando chegar a toda a comunidade madeirense. No ano letivo de 2014/2015, o grupo do concelho da Calheta, composto por 4 docentes e 122 alunos do 3.º e 4.º anos, participou na 3ª parte do concerto “Nos trilhos da luz”.

A modalidade de cordofones madeirenses não foi implementada no espetáculo, uma vez que nenhum dos docentes a desenvolveu nas suas escolas. Os 33 alunos sobre quem recaiu esta investigação-ação tiveram que, num período de 3 meses, criar, saber interpretar, cantar, tocar e actuar em função de um playback que os próprios gravaram. Ou seja, todo o processo de aprendizagem e aquisição de competências foi partilhado através de um concerto final guiado por um registo pré-gravado e que não permite avaliar a verdadeira capacidade performativa em tempo presente dos alunos, uma vez que a interpretação musical e a oralidade teatral terminaram, na realidade, com a gravação em estúdio dos registos. Apesar de se entender que o playback seja necessário por uma questão técnica, seria interessante pensar-se num espetáculo plenamente realizado ao vivo, com todas as suas vicissitudes. Por certo que seria um concerto diferente, mais comedido nos recursos e talvez não tão interessante para a transmissão televisiva, mas com toda a genuinidade e espontaneidade características das crianças. Por esse motivo, concluímos que o *ESCOLArtes* não encerra um fim em si mesmo, antes valoriza o processo durante os anos, onde os alunos vivenciam, experimentando, outras ferramentas de expressão. A apresentação pública final é um formato organizado pela DSEAM, com um objetivo primordial de divulgar as práticas artísticas desenvolvidas nas escolas, sendo também um meio de avaliação, não dos alunos, mas dos seus professores de apoio.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOGRAFIA

WEBGRAFIA

LEGISLAÇÃO

BIBLIOGRAFIA

- ARTIAGA, M. J. (2010). “Ensino da Música: Ensino Geral”. Salwa Castelo-Branco (ed.) *Enciclopédia da Música em Portugal no século XX. (vol. II)*. Lisboa: Círculo de Leitores/Temas e debates, pp. 402-406.
- BRAZÃO, Lígia. (1995). “Expressão Musical e Dramática na Região Autónoma da Madeira”. *APEM*, nº 87, pp. 13-14.
- CARTÓN, C. & GALHARDO, O. (1994). “*Educación musical. Método Kodály*”. Valladolid: Castilla Ediciones.
- CARVAS MONTEIRO (2015). “Da Música Educação”. *As Artes na Educação* (coord. José Dantas Lima Pereira, Manuel Francisco Vieites & Marcelino de Sousa Lopes). Chaves: Intervenção-Associação para a Promoção e Divulgação Cultural, 2014, Cap. VI, pp. 177-187.
- CARVAS MONTEIRO (2015). *Da Música na Universidade de Coimbra. Das Artes Liberais aos Estudos Artísticos*. Coimbra: CIEC/UC.
- CARVAS MONTEIRO Maria do Amparo, “Da Música no Ensino e Nas Festividades Universitárias de Coimbra no Tempo de Camões”. *Camões e os Contemporâneos*. (Org. Maria do Céu Fraga, José Cândido de Oliveira Martins, João Amadeu Carvalho da Silva, Maria Madalena Teixeira da Silva & Manuel Ferro). Braga: CIEC/UA/UCP, 2012, pp. 485-511.
- CARVAS MONTEIRO, Amparo, “Da Prática Musical no Mosteiro de Santa Maria de Semide”. *Sons do Clássico no 100º Aniversário de Maria Augusta Barbosa*. Coimbra: IUC, 2012, p. 59-78.
- CARVAS MONTEIRO, Maria do Amparo, “Da Música no âmbito da Corte na Dinastia de Avis”. *Diálogo e Comunicação Intercultural. A Educação com as*

Artes. (Coord. Fernando Sadio Ramos). [Congresso Internacional «Santarém e o Infante Santo 600 anos», 2003]. Coimbra: Fernando Ramos Editor, 2009, Cap. 10, pp. 223-260.

CARVAS MONTEIRO, Maria do Amparo, “Das Artes nas Universidades Hispânicas (Séc. XIII-XVI). A Universidade de Salamanca e a Universidade Portuguesa”. *Investigación en Educación y Derechos Humanos. Aportaciones de Diferentes Grupos de Investigación*. (Coord. Maria Angustias Ortiz Molina). Coimbra: Fernando Ramos Editor, 2009, Cap. 5, pp. 113-133.

CASPURRO, H. (1996). “Abordagens Interactivas da aprendizagem musical: modelos de Intervenção didáctica na área da audição musical para o estudo da forma – 2.º Ciclo do Ensino Básico”. *Cadernos PEPT 2000 (Programa Educação para Todos). A educação é para todos - modelos e propostas educativas para o Ensino Básico*. Coimbra: Escola Superior de Educação de Coimbra.

CASPURRO, H. (1999). “A Improvisação como processo de significação: Uma abordagem com base na Teoria de Aprendizagem Musical de Edwin Gordon”. *APEM*, n.º 103, pp. 13-14.

Conferência Mundial de Educação Artística (2006). Roteiro para a Educação Artística. Desenvolver as Capacidade Criativas para o Século XXI. - Acedido a 21 de dezembro 2010, disponível online em: <http://www.educacao-artistica.gov.pt/documentos/Roteiro.pdf>

Conselho Nacional de Educação (1999). *Parecer n.º 2 / 99, Educação estética, ensino artístico e sua relevância na educação e na interiorização dos saberes*. Diário da República - II série, de 3 de Fevereiro de 1999.

COSME, Ariana; TRINDADE, Rui (2007). *Escola a tempo inteiro – escola para que te quero?*. Coleção Bichos Carpinteiros. Porto: Profedições Lda.

DIREÇÃO DE SERVIÇO DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA E MULTIMÉDIA (2014).

Plano de Atividades 2014. Funchal: Autor

ECO, Umberto (2010). *Como se faz uma tese em ciências humanas*. Lisboa: Editorial Presença.

ESTEIREIRO, Paulo. (2007). “A conservação do património musical regional, através da educação – O Processo de Regionalização do Currículo de Educação Musical (2.º Ciclo), na Região Autónoma da Madeira”. *APEM*, nº 127, jan. – mar.

ESTEIREIRO, Paulo & GONÇALVES, Carlos. (2009). *Gabinete Coordenador de Educação Artística da Madeira (1980-2008): Impactos de uma Instituição Artística com 28 Anos de História*. Revista de Educação do Instituto Superior de Ciências Educativas., 2.ª Série , n.º 8, junho.

FERREIRA, Rui Manoel & Bessa, Rui Manoel. (2011). *O professor do 1º ciclo do Ensino Básico e o professor de apoio de Expressão Musical e Dramática: relações e representações mútuas em contexto específico. Um estudo de caso*. Revista da ABEM da Londrina. Vol. 19, n.25, pag. 113-130, jan-jun.

FONTEIRADA, M. T. de O. (2005). *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Edição de UNESP.

FONTEIRADA, M. T. de O. (2005). *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Edição de Unesp.

GABINETE COORDENADOR DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA (2011). *Plano de Atividades 2011*. Funchal: Autor

GABINETE DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA, ARTÍSTICA E PROFISSIONAL (1991). *Educação Artística Especializada. Preparar as Mudanças Qualitativas*. Porto: GETAP.

GAINZA, V. (1982). *Estudos de psicopedagogia musical*. S. Paulo: Summus Editorial

GAINZA, V. (1982). *Estudos de psicopedagogia musical*. S. Paulo: Summus Editorial.

GONÇALVES, C. (8 de agosto de 2015). Projeto de Modalidades Artísticas nas Escolas da RAM: onde estamos para onde caminhamos? *Diário de Notícias*.

GORDON, E. (2000a) - *Teoria de aprendizagem musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

GORDON, E. (2000b). *Teoria de aprendizagem musical: Competências, conteúdos e padrões*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

GROUT, D. J., & Palisca, C. V. (1997). *História da Música Ocidental* (1ª ed.). Lisboa: Gradiva.

LESSA, Elisa Maria Maia da Silva & SIMÕES, Manuel Lopes (2000). *I Encontro de História do Ensino da Música em Portugal*. Braga: Universidade do Minho. Centro de Estudos da Criança.

MARK, M. L. (1986). *Contemporary Music Education*. (2ª ed.). London: Collier Macmillan Publishers.

MARK, Michael L. (2009). "Preface". In Michael L. Mark (Ed.), *Music education – Source Readings from Ancient Greece to Today*. 3rd Edition. New York: Routledge.

MCDDONALD, D. & Simons, G. (1989). *Musical Growth and Development: Birth Through Six*. New York: Schirmer Books

MENDONÇA, Alice (ca. 2009). *Evolução do sistema educativo na Madeira*. Funchal: Universidade da Madeira. Acedido a 5 de julho de 2009. Disponível em <http://www.uma.pt/alicemendonca/conteudo/publica/ETI.pdf>

- MENDONÇA, Alice; BENTO, António V. (Org. H. Ferreira, *et al.*). (2009). «As Escolas a Tempo Inteiro na Região Autónoma da Madeira: O redesenhar do 1.º ciclo através de um novo modelo educativo». *Actas do X Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciencias da Educacao – Investigar, Avaliar, Descentralizar*. (Bragança, 30 de abril, 1 e 2 de maio de 2009). (Edição em CD-ROM - ISBN:978-972-745-102-9)
- MIALARET, G. *et al.*, História Mundial da Educação. Trad. de Maria Helena Veloso & outros, Porto: RÉ S Editora, s/data
- MIALARET, G. & VIDAL, J. (1981). *História Mundial da Educação*, vols II, III e IV. Porto: Rés, s/d.
- MICHELS, Ulrich (2003). *Atlas de Música I - Parte sistemática. Parte histórica (dos primórdios ao Renascimento)*. Lisboa: Gradiva.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (1992). *Monitorização das Escolas: Observar o Desempenho, Conduzir a Mudança*. Lisboa: Gabinete de Estudos e Planeamento.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*. Departamento da Educação Básica
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/DGEBS. (1991). *Organização curricular e programas: Ensino Básico - 2.º ciclo* (vol. I). Lisboa: Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/DEB. (1998). *Gestão flexível do currículo*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/DEB. (2001) *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.

- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/DEB. (2001). *Gestão flexível do currículo. As escolas partilham experiências*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/DEB. (2001). *Reorganização curricular do ensino básico. Princípios, medidas e implicações*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/DEB. (2004). (4.^a ed.). *Organização curricular e programas: 1.º ciclo do ensino básico*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/DGIDC (Ed.) (2006). *Ensino da Música no 1.º Ciclo do Ensino Básico – Orientações Programáticas*. Lisboa: Ministério da Educação.
- MONROE, P. (1988). *História da Educação* (14.^a ed.) São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- MOTA, G. (2007). “A Música no 1º ciclo do Ensino Básico - contributo para uma reflexão acerca do conceito curricular”. *APEM*, pp. 16 - 21.
- MOTA, Graça. (2014). “A educação musical em Portugal – uma história plena de contradições”. *UNIRIO*, n. 13 (nov. RJ), p. 41-50.
- MOTA, Graça; ARAÚJO, Maria José. (2013). “Music and Drama in primary schools in the Madeira Island – narratives of awneship and leadership”. *Music Education Research*, vol. 15, N. 3, 275-289.
- NASCIMENTO, Maria das Graças S. Do (1993). *Voltaire: a razão militante*. São Paulo: Moderna.
- NENO, A. P. (1994). *Pedagogia Musical – uma necessidade do sistema educativo*. Santarém: Tipotejo.

- NENO, José Augusto de Pinho (1995). *A educação musical no 1º ciclo do ensino básico: ordenamento jurídico e realidade educativa: um projeto de mudança*. Santarém: Instituto Politécnico, Escola Superior Educação.
- NOGUEIRA, C. A. (1996). *Impressões sobre a educação artística no ensino genérico em Portugal*. Cadernos PEPT 2000. Coimbra: Escola Superior de Educação de Coimbra.
- ORFF, C. & KEETMAN, G. (1974). *Orff-Schulwerk. Música para crianças* (Vols. 1-2, M. L. Martins, Trad. e Adapt.). Mainz: Schott.
- PALHEIROS, Graça Boal & WUYTACK, Jos (1995). *Audição Musical Activa*. Porto: Associação Wuytack de Pedagogia Musical.
- PEREIRA, Ana Maria Vale (2010). O “Calcanhar de Aquiles” do programa AEC: a articulação curricular. In Carlinda Leite *et al.* *Debater o Currículo e seus campos: políticas, fundamentos e práticas*. Atas do IX Colóquio sobre questões curriculares (pp.221 – 231). V Colóquio Luso-Brasileiro.
- ROUSSEAU, J. J. (1990). *Emílio*. I volume. Mem Martins: Publicações Europa América, Lda.
- SEABRA, Filipa Barreto. (2012). “O ensino da Expressão Musical e Dramática no 1.º CEB — O caso da Região Autónoma da Madeira. Uma visão curricular”. *Revista Portuguesa de Educação*, vol. 25 (2), pp. 197-216
- SILVA, Augusto Santos (Coord.) (2000). *A educação artística e a promoção das artes, na perspectiva das políticas públicas: Relatório do Grupo de Contacto entre os Ministérios da educação e da Cultura*. Lisboa: Ministério da Educação.
- SILVA, Maria Isabel & Núcleo de Educação Pré-Escolar (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: Departamento de Educação Básica do Ministério da Educação.

- SOUSA, Alberto B. (2003a). *Educação pela Arte e Artes na Educação. 1º Volume Bases Psicopedagógicas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- TORRES, Graça Margarida Ferreira Adónis (2008). *A expressão dramática/teatro como prática nos 2º e 3º ciclos do ensino básico*. Coimbra: Universidade de Coimbra / Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. [Dissertação de Mestrado]
- VASCONCELOS, António A. (2006). *Orientações programáticas do Ensino da Música no 1º Ciclo do Ensino Básico*. APEM- Associação Portuguesa de Educação Musical.
- VASCONCELOS, António A. (2007). *A Música no 1º Ciclo do Ensino Básico: o estado, a sociedade, a escola e a criança*. APEM- Associação Portuguesa de Educação Musical nº 128/129.
- VÁSQUEZ, Julia Bernal & NIÑO, María Luisa Calvo (2000). *Didáctica de la Música – La expresión en la educación infantil*. Málaga: Ediciones Aljibe.
- WILLEMS, E. (1990). “As diferentes consciências na educação musical”. *Revista da Associação Portuguesa de Educação Musical*, n.º 66, pp.22-27.
- WUYTACK, J. & Boal Palheiros, G. (1995). *Audição musical activa*. Porto: Associação Wuytack de Pedagogia Musical.
- WUYTACK, J. (1996). *Pedagogia musical activa*. Porto: Associação Wuytack de Pedagogia Musical.

WEBGRAFIA

http://www.tsf.pt/vida/interior/titanic100_anos_emigracao_nas_veias_colocou_madeirenses_na_rota_do_naufragio_2410790.html (setembro de 2015)

https://pt.wikipedia.org/wiki/Hino_da_Regi%C3%A3o_Aut%C3%B3noma_da_Madeira, (Setembro de 2015)

<http://mqc.gov-madeira.pt/pt-/Noticias/ContentDetail.aspx?id=548> (abril de 2016)

<http://www.ile-madere.com/photosplagesmadereportugais.htm> (setembro de 2015)

<http://portaldacalheta.pt/sociedade-dos-engenhos-da-calheta/> (setembro de 2015)

<https://www.facebook.com/pontadopargo.madeira/photos/a.246251575462386.61746.120717044682507/504454132975461/?type=3&theater>, (setembro de 2015)

<http://www.casadafigueira.pt/casadafigueira/loais-a-visitar.asp> (setembro de 2015)

<http://farlerulkailey.blogspot.pt/2010/06/fotos-do-mar.html>, (setembro de 2015)

http://www.jfajadaovelha.pt/fajadaovelha/index.php?option=com_content&task=blogcategory&id=14&Itemid=17 (setembro de 2015)

<http://www.netmadeira.com/noticias/madeira/artigo/3342-encerrada-estrada-entre-a-faja-da-ovelha-e-o-paul-do-mar> (setembro de 2015)

<http://portaldacalheta.pt/eb1pe-da-ponta-do-pargo/>, (setembro de 2015)

<http://escolas.madeiraedu.pt/eb123pepfmsbarreto/HOME/ESCOLA/tabid/1361/Default.aspx> (setembro de 2015)

<https://www.youtube.com/watch?v=rIFRyUizoqg> (abril de 2015)

http://www.suapesquisa.com/leonardo/ultima_ceia.htm (abril de 2015)

http://www.tsf.pt/vida/interior/titanic100_anos_emigracao_nas_veias_colocou_madeiras_na_rota_do_naufragio_2410790.html (setembro de 2015)

<http://fajadaovelhanews.blogspot.pt/2009/10/concelho-da-calheta-uma-perola-da-zona.html> (setembro de 2015)

<http://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/142/1/MestradoJoselinNascimento.pdf> (setembro de 2015)

<http://portaldacalheta.pt/sociedade-dos-engenhos-da-calheta/> (setembro de 2015)

[http://www3.uma.pt/alicemendonca/Mendonca,ABento\(1\).pdf](http://www3.uma.pt/alicemendonca/Mendonca,ABento(1).pdf) (agosto 2015).

http://www.meloteca.com/teses/maria-costa_o-valor-da-musica.pdf (junho 2015)

<http://www.madeira-edu.pt/> (março 2015).

<http://www.madeira-edu.pt/Default.aspx?alias=www.madeira-edu.pt/drpre> (março 2015)

<http://www.min-edu.pt/> (março 2015)

<http://www.gulbenkian.pt> (março 2015)

LEGISLAÇÃO CONSULTADA:

Decretos

Decreto Legislativo Regional n.º 20/2003/M, de 24 de julho.

Decreto Legislativo Regional N.º 26/2001/M de 25 de agosto. *Diário da República*. (Série IA, N.º197). Região Autónoma da Madeira: Assembleia Legislativa Regional

Decreto N.º 273 de 17 de novembro de 1836, *Diário do Governo*

Decreto Regulamentador Regional nº31/93/M de 28 de Setembro

Decreto Regulamentar Regional N.º 26/89/M de 30 de dezembro. *Diário da Republica*. (Série I, N.º 299. 5.º Supl.). Região Autónoma da Madeira: Governo Regional

Decreto Regulamentar Regional n.º 26/89/M, artigo 15º).

Decreto Regulamentar Regional N.º 27/2001/M de 20 de outubro. *Diário da Republica*. (Série I-B, N.º 244). Região Autónoma da Madeira: Governo Regional

Decreto Regulamentar Regional N.º 31/93/M de 28 de setembro. *Diário da Republica*. (Série I-B, N.º 228). Região Autónoma da Madeira: Governo Regional

Decretos-Lei

Decreto-Lei 209/2002 - Alteração ao Decreto-lei n.º 6/2001 de 18 de Janeiro de 2001, (Revisão Curricular do Ensino Básico).

Decreto-Lei 6/2001 - Revisão curricular do Ensino Básico de 18 de Janeiro de 2001

Decreto-Lei n.º 344 de 1990

Decreto-Lei N.º 344/90 de 2 de novembro de 1990, *Diário da Republica*. (Série I, N.º 253). Ministério da Educação

Decreto-Lei N.º 6/2001 de 18 de janeiro de 1990, *Diário da Republica*. (Série I-A, N.º 15). Ministério da Educação

Decreto-Lei nº 139/2012 de 5 de julho (com as alteração introduzidas no Decreto-Lei nº 91/2013 de 10 julho.)

Despacho N.º 7/2009 de 16 de fevereiro. *Jornal Oficial da Região Autónoma da Madeira*. (Série II, nº 32). Secretaria Regional de Educação

Leis

Lei 46/86 de 14 de outubro

Lei 49/05 de 30 de Agosto – Lei de Bases do Sistema Educativo

Lei n.º 115/97 - Alteração à Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro (Lei de Bases do Sistema Educativo).

Lei n.º 46/86 - Lei de Bases do Sistema Educativo.

Ofícios Circulares

Ofício Circular 5.0.0.097/15 de 17 de julho de 2015

Ofício Circular n.º 5.0.0- 097/15 de 17 de julho,

Ofício Circular N.º 5.0.0-318/10 de 24 de junho. *Direção Regional de Educação*.
Secretaria Regional de Educação e Cultura

Portarias

Portaria n.º 110/2002 de 14 de agosto

Portaria N.º 110/2002 de 14 de agosto de 2002, *Jornal Oficial da Região Autónoma da Madeira*. (Série I, N.º 93). Secretaria Regional de Educação

Portaria n.º 110/2002, de 14 de agosto

Portaria N.º 133/98 de 14 de agosto de 1998, *Jornal Oficial da Região Autónoma da Madeira*. (Série I, nº 55). Secretaria Regional de Educação

Portaria n.º 209/2008 de 3 de dezembro

Portaria n.º 56/2009 de 8 de junho

Portaria n.º 82 e 83/2012 de 22 de junho

Portaria n.º 110/2002, de 14 agosto

ANEXOS

Anexo I – Entrevista ao Dr. Professor Carlos Gonçalves

Gostaria que me contasse o percurso e a história da DSEAM. O que o levou a criar este projeto?

Isso é uma pergunta que leva horas a explicar, mas vou tentar resumir. Em 1980, eu era professor no conservatório, já, e era responsável pela iniciação musical, era o coordenador e tinha um grande grupo instrumental com sessenta e tal alunos e um coro, fazíamos muitas apresentações públicas no teatro, e não só, íamos ao Porto Santo com os miúdos todos a tocar e a cantar. No grupo instrumental, basicamente, eu tinha o Orff, mas depois tinha as flautas e juntava outros instrumentos que os alunos frequentavam no conservatório, como violino, violoncelo, clarinete (toca o telefone no escritório)... e, dentro dos meus alunos que integravam essa orquestra, esse grupo instrumental, tinha filhos de algumas professoras do 1º ciclo, então chamado ensino primário. Elas, claro, acompanhavam o percurso dos filhos, etc, e uma vez, a professora Sílvia Monteiro, que era na altura orientadora pedagógica dos professores aqui do Funchal, veio ter comigo e dizer "... nós gostávamos muito que o professor pudesse apresentar um projeto para os nossos alunos nas escolas também terem música, porque os nossos filhos têm, mas nas escolas nós não sabemos o suficiente, cantamos uma cantiguinha, mas não passa daí. O professor que faça um projeto, depois eu ia consigo à Secretaria de Educação falarmos com o professor António Filipe que é o diretor de serviços do ensino primário..." Eu fui para casa pensar naquilo, tive um fim-de-semana, escrevi um documento, ainda na máquina de escrever que não havia computador, entreguei-lho na aula seguinte, onde ela ia sempre por a filha, ela leu e "... mas isto está muito bom, vai-se marcar uma reunião...", assim foi, ela marcou uma reunião e eu fui com ela falar com o professor António Filipe, deixei-lhe o documento e passado, não sei, uma semana ou duas recebi um telefonema que o Secretário de Educação queria falar comigo. Fiquei muito nervoso, como é lógico, eu tinha 25 anos, era um pequeno novo, como se costuma dizer, e lá fui falar com o secretário, cheio de nervos, mas o secretário também era pouco mais velho do que eu, tinha 28 ou 29 anos, ou seja, também era novo. Disse-me que tinha gostado muito, mas queria saber a minha opinião, queria conhecer-me pessoalmente. Era o Dr. Brazão de Castro, que ainda hoje é uma pessoa minha amiga, e eu expliquei-lhe e quando acabei ele disse-me "... Vejo que o professor vive isto e tem gosto e tem alma, eu acho que sim, vamos avançar com um projeto, mas vamos fazer um projeto piloto em duas escolas aqui no Funchal, que são os P3, que tinha sido um modelo importado de França. Nesse modelo, havia 3 salas com uma área comum ao centro e as salas ligadas e sempre com paredes abertas, digamos que era um *open space*, por assim dizer, com 3 salas. Era um modelo francês desses anos 80, dos anos 70, aliás, e que eles implementaram aqui nalgumas escolas. E foi no P3 de São Roque, hoje o Galeão de São Roque, e o P3 de Santo António que fica exatamente em Santo Amaro. E assim foi. Na altura, socorri-me de alunos finalistas do conservatório, que eram meus amigos, meus colegas, não tinham sido meus alunos porque já estavam a acabar o curso, eu já tinha

acabado, convidei-os e eu fazia a preparação das aulas com eles, até usava a minha sala lá no conservatório, e depois eles iam dar as aulas e eu acompanhava, fazendo a chamada supervisão. Isto começou em 1980. Eu ia ver as aulas, assistia, participava também, dava as minhas dicas, aos sábados à tarde reuníamos os 4, eles eram 3 e comigo 4, eu voltava a dizer "... o que é que se passa, como é que se faz, como é que se pode fazer melhor...", e durante 2 anos fizemos isso. Entretanto, no projeto que eu apresentei, para além daquelas duas escolas piloto, eu propus logo fazer formação para os professores do ensino primário, porque achava que a melhor forma de chegar aos alunos era formando os professores. O Secretário achou boa ideia e comecei logo a fazer formação aos professores. No primeiro ano tive um grupo de 35 ou 38, as aulas eram também na minha sala do conservatório, que eu pedi à direção para usar, decorriam ao sábado e à quarta-feira à noite e, nesse grupo, a maioria eram professores do ensino primário, mas tinha também uns 6 ou 7 alunos da escola do magistério primário, finalistas, entre eles a professora Neli Silva, que ainda está hoje aqui, o professor Eleutério Corte, que ainda está comigo ao fim destes anos todos, e a professora Lígia Brazão que era professora de expressão dramática na escola do magistério e que também se inscreveu, porque era professora do ensino primário. Eles gostavam imenso das aulas e, a certa altura, a professora Lígia dizia "... e agora, se nesta canção se juntasse uma dança ou uma parte de expressão dramática?", "Sim, professora, faça sim, avance...", fazíamos juntos e comecei a ver que a expressão dramática encaixava muito bem com a expressão musical. Ao fim de dois anos, quando acabámos esse curso, os alunos de magistério que estavam a frequentar o curso já vieram destacados trabalhar comigo. Foram os primeiros professores. Os outros eram do conservatório, não tinham profissionalização, não tinham a parte pedagógica que lhes daria a metodologia, etc. A professora Lígia propôs-me "... mas porque é que não juntamos as duas áreas, expressão musical e expressão dramática?" Ao fim de dois anos lectivos, a partir do ano de 1982/83, eu mudei a designação do projeto, que era Iniciação Musical no ensino primário, passando a chamar-lhe Expressão Musical e Dramática no ensino primário, e convidei a professora Lígia a trabalhar comigo. Ela veio, tinha umas horas, continuava na escola do magistério, e passámos a dar as duas áreas em conjunto da forma mais interligada possível.

Os primeiros quinze anos foram muito difíceis ao nível do recrutamento de recursos humanos, não havia as licenciaturas em Educação Musical como hoje, o que havia era só os cursos do conservatório, ainda não havia cursos superiores de música nas universidades, tendo começado mais tarde no final dos anos 80. Entretanto, a escola do magistério primário convidou-me para ir dar aulas para lá, porque aquilo soube-se, passou a palavra e eu recebi um telefonema para ir leccionar naquela escola. Eu tinha, então, onde poder colher os melhores professores, dentro dos meus alunos, quer do curso de professores do ensino primário, quer do curso de educadores de infância, eu escolhia os melhores, os que tinham mais talento musical e que ao longo daqueles 3 anos de curso me davam garantias de fazer um bom trabalho, continuando a fazer

formação. Era daí e do conservatório, porque entretanto comecei a dar formação musical aos alunos mais adiantados e eu seleccionava também os meus melhores alunos para virem para cá. Eram as duas fontes de recrutamento de pessoal docente. Mais tarde, a partir dos anos 90 com a criação das licenciaturas em Educação Musical nas escolas superiores de educação, já passámos a recrutar, basicamente, professores licenciados.

Claro que esta conversa podia seguir durante 3 horas, mas estou a falar daquilo que foi o princípio. Mas posso dizer que, ao fim de 35 anos, o projeto mantém-se com a mesma filosofia, que é ter dois pilares fundamentais. Primeiro, a leccionação direta às crianças, que nos primeiros anos ainda acreditava poder fazê-lo com os próprios professores generalistas, mas depois aos poucos percebi que isso não ia ser possível, mesmo tendo continuado durante vários anos, 10/12 anos, a fazer cursos aos professores do ensino primário. Cheguei a ter num ano 400 professores a frequentar o curso e teve que recrutar professores do conservatório para darem aulas comigo... o professor Atanásio na educação musical, o professor Agostinho Bettencourt para dar flauta, as professoras Lígia Brazão e Helena Camacho que davam sempre expressão dramática... Portanto, tínhamos 400 professores a frequentar a formação durante o ano lectivo na escola do magistério primário. Passei a dar as aulas lá até porque também já lá era professor e tinha lá instrumentos, fazíamos as festas de encerramento... Era um curso que decorria ao longo do ano lectivo às quartas-feiras e sábados e os professores adoravam, alguns já com 50 e 60 anos e que adoravam aquilo. Mas depois na prática não tinham, não digo a sensibilidade, mas as bases fundamentais na música para depois se sentirem à vontade para fazer. No entanto, também daí nasceu uma fonte de recrutamento de professores, porque havia alguns que já estavam a trabalhar no sistema e que tinham um talento especial para a música, tendo sido recrutados. Alguns. Não muitos. A partir de uma certa altura chegámos à conclusão de que teríamos de ter professores especialistas. Recapitulando, os pilares eram: ter os professores a fazer o trabalho nas escolas e, simultaneamente, a formação para os professores. Porque sem formação, mesmo com os professores que vinham das licenciaturas em Educação Musical havia um problema: não tinham expressão dramática ou tinham tido um semestre, o que era muito pouco. Era preciso reforçar essa área. Depois, quando avançámos para as modalidades artísticas, ou os grupos corais e instrumentais que as antecederam, havia professores que dominavam muito pouco a flauta, mesmo vindos com uma licenciatura, variante em educação musical, não conhecendo a sua metodologia, a própria metodologia Orff era paupérrima e eu tinha que dar formação a essas pessoas. Depois, já nas modalidades artísticas era preciso a parte da dança, da expressão dramática, dos cordofones madeirenses... não sabiam, sequer, o que era um cordofone madeirense... Portanto, a formação tem sido até hoje e continuará a ser hoje uma base fundamental para a melhoria de competências dos nossos recursos humanos.

Quais foram os momentos que a DSEAM passou para chegarmos a este modelo que é hoje o *ESCOL'artes*, desde o primeiro momento de apresentação até à actualidade?

Nós começámos pelo MúsicaEP, porque no início, como expliquei há pouco, era música no ensino primário, logo foi uma designação que me saiu da cabeça e que caía bem no ouvido, toda a gente gostava e foi MúsicaEP durante muitos anos, mesmo depois de ter passado a ter expressão dramática. A professora Lígia nunca se opôs a que não se mudasse, até porque não era fácil passar para MúsicaDramaEP. E começámos logo em 1982, dois anos depois do início do projeto. Lembro-me que foi já no Casino, não havia instrumentais gravados, não havia playbacks, nada. Era um piano vertical no palco, eu ao piano, os professores todos a tocar viola, flauta, percussão e as crianças a cantar, a dançar e a representar. Tudo ao vivo. Ainda sem televisão, mas nós temos um vídeo que foi feito na altura, não sei por quem, mas que depois nos deram um cópia. Talvez tenha sido a antiga tele-escola a ir lá gravar. Era tudo muito insípido, mas a partir do segundo ano já começámos a fazer instrumentais e a ter uma coisa um pouco mais elaborada. A certa altura, quando deixou de ser ensino primário e passou a ser ensino básico, no início dos anos 90, mudámos para MúsicaEB, porque era no ensino básico. Depois, quando passámos a ter modalidades artísticas também no segundo e terceiro ciclo e secundário, passou a MúsicaEBS, ou seja, ensino básico e secundário. Aquilo já era uma confusão e a certa altura, nós, de há 4 anos a esta parte, decidimos mudar a filosofia do antigo MúsicaEB e da exposição regional de expressão plástica que já acontecia há alguns anos, mas numa sala do Casino da Madeira, no Conference Hall, mesmo por cima do auditório, restrita a quem a lá ia visitar. Foi um desafio que o próprio secretário de educação, o dr. Francisco Fernandes, me fez depois da inauguração da exposição, dizendo que “...é uma pena a exposição não estar na rua para as pessoas verem. E se vocês levassem isto para a rua?”. Lembro-me que eram uns guarda-chuvas e umas cadeiras, uma coisa assim. Ele insistia “E se vocês levassem esta geringonça para a frente da secretaria de educação e a pusessem ali uma semana para as pessoas verem?” Eu disse-lhe que se iria pedir à Câmara, ele que “se ia tratar disso...”, e levámos do Casino cá para baixo. Eu andei uma semana para cá e para lá, ia de manhã à tarde presenciar e via os turistas e madeirenses a parar, a olhar, fotografar e a filmar... e depois falei com o senhor secretário e disse-lhe que realmente ele tinha razão, que as pessoas ficavam espantadas e ele que nós devíamos pensar e passar a fazer na rua. Discutimos isso internamente e chegámos à conclusão de que “se é para ir para a rua, vamos mudar tudo”. Lembrei-me da Semana Regional das Artes, de fazer espetáculos ao ar livre num palco na Avenida Arriaga, com a exposição a preencher aquela zona e com uma nova filosofia, feita para a rua, uma vez que naquele ano ainda não tinha sido pensado como tal, e mudar o MúsicaEBS para ESCOLArtes, dando força à escola e às artes ao serviço da escola, e não o contrário. Por isso é que está grafado ESCOLA com letra maiúscula e artes com letra minúscula. Isto foi tudo pensado com o objetivo de identificar as artes ao serviço da escola e não o contrário. Lembrei-me, ainda, de se

pedir ao Turismo, que tinha no mês de Junho o Festival do Atlântico, que aquilo ficasse integrado no festival de maneira a que nos ajudassem a pagar os palcos e os custos de montagem, etc..., o que foi bem aceite, e lembro-me da secretária do Turismo e Cultura, na altura a dr^a Conceição Estudante, na inauguração ter ficado tão maravilhada com a sessão e espetáculo de abertura, que me disse, e também publicamente, que tinha sido uma aposta ganha e que, enquanto fosse secretária, tinha que se continuar com o projeto. Na verdade, foi uma aposta ganha e tem uma visibilidade hoje que não tem nada a ver com o que era o MúsicaEB do passado. O MúsicaEB era transmitido pela televisão, mas ficava um pouco nas pessoas que viam a televisão, inclusive pela RTP Internacional onde foi durante vários anos transmitido. No entanto, o facto de se fazer na rua durante aqueles oito dias, e no próximo ano passará a ser dez dias também por proposta do Turismo que até queria 15 dias, durante aquela semana, os milhares de pessoas que passam ali, madeirenses e estrangeiros, as filmagens que são feitas, as fotografias que são feitas, as partilhas no facebook e nas redes sociais, é uma coisa fantástica ao nível do mundo inteiro. Depois recebemos informações de blogues e outros meios de comunicação online onde estão plasmadas imagens de espetáculos e da exposição aqui da Madeira. Isso é, também, verdadeiramente uma forma de divulgar o nome “Madeira” e as artes na Madeira lá fora.

Relativamente às modalidades artísticas, sempre foram feitas apresentações como acontece agora na Semana das Artes com o Encontro de Modalidades?

Fazíamos um espetáculo para cada modalidade. Primeiro eram espetáculos dos grupos corais e instrumentais que foram a génese das modalidades artísticas. E fazíamos até três espetáculos: um no Funchal, um na zona leste e um na zona oeste. Era sempre a rodar pelos municípios de ambas as zonas e, a certa altura, eram as próprias câmaras a aprovar por unanimidade em assembleia municipal ou em reunião de vereadores um pedido à Secretaria de Educação, para que no ano seguinte o encontro fosse na sua localidade. Depois recebíamos aqui uma cópia da acta da câmara dizendo que tinha sido aprovado por unanimidade por todos os partidos. A importância que isso tinha para as localidades! Quase que faziam uma “guerra” para terem no ano seguinte o encontro lá. Quando se passou a ter as modalidades artísticas, já não fazia sentido fazer dessa forma descentralizada, mas mantivemos essa ideia de descentralização com um encontro de grupos corais, um de grupos instrumentais, um de cordofones e um de dança. Basicamente eram estes quatro que existiam no início e o que fazíamos era um ano em Câmara de Lobos, outro na Ribeira Brava...

E a expressão dramática não estava presente?

A expressão dramática apareceu mais tarde. Mas, para concluir, fazíamos nos municípios durante a semana, enchíamos o auditório ou o salão paroquial com alunos das escolas, mas ficava muito por aquelas duzentas ou trezentas crianças que estavam ali a assistir, mais os participantes. Não tinha nada a ver com aquilo que é hoje a

Semana Regional das Artes, que é um espetáculo público onde estão mil ou duas mil pessoas a ver, uns a entrar e outros a sair, toda a gente a filmar e a fazer fotografias... Não há dúvida de que este modelo, centralizado numa semana, dá muito mais divulgação a estas modalidades artísticas do que aquilo que no passado se fazia nos salões paroquiais espalhados pela Madeira.

No seu entender, qual a pertinência para que o trabalho realizado ao longo do ano seja sintetizado, em forma de apresentação pública, num evento como o *ESCOL'artes*?

Isso faz todo o sentido, porquê...? Desde o início, quando começámos com o MúsicaEB que eu já dizia na altura aos professores “Nós temos o que mostrar o que fazemos dentro da escola. Se não mostrarmos, ninguém vai valorizar o nosso trabalho.” Repare, eu estou a falar em 1980! Há 35 anos, a valorização que os pais, os professores, a comunidade em geral e os próprios governantes davam às artes não tem nada a ver com a que é dada hoje. Eram outros tempos completamente diferentes. E, portanto, se nós queríamos ter algum impacto e justificar a despesa que advinha de um projeto destes, tínhamos que mostrar o que estávamos a fazer dentro da escola, independentemente de as crianças apresentarem na própria escola, nas festas da escola, os trabalhos que desenvolviam na área da Expressão Musical e Dramática, e que sempre faziam, mas ficava ali limitado dentro das quatro paredes da escola. E eu dizia sempre “Temos que vir cá para fora mostrar às pessoas, mostrar a toda a gente, aos pais, o que é que se está a fazer nas escolas, até porque isso é importante para trazer o nome da escola para a rua. É a escola tal que está ali representada com o seu grupo, com o seu coro, o seu grupo de dança, o seu grupo instrumental.”. Toda a gente sempre achou bem. Só mais recentemente, com a vinda de professores do continente para o projeto, é que alguns, não todos, começaram a questionar, enfim... eu diria mesmo com questões muito duvidosas. Eu penso que tinha a ver, eventualmente, com duas situações que as pessoas nunca assumem: primeiro, porque dá trabalho; segundo, porque expõem o professor. Alguns preferem não ter trabalho e não se expor publicamente, porque é através daquilo que os alunos fazem que quem está a ver avalia o professor. Os alunos estão ali a fazer um trabalho porque têm um professor por trás e, assim, conseguimos identificar quem trabalha bem e quem trabalha menos bem. E alguns contestaram, não vou dizer que não. Provavelmente, ainda hoje alguns contestam, mas este é o modelo e nós continuamos a acreditar que é um bom modelo e, hoje mais do que nunca, temos que apresentar o que andamos a fazer dentro da escola. Como eu ando a dizer de há uns anos a esta parte, nós não temos que ser só bons, temos que ser imprescindíveis. Porque no dia em que não formos imprescindíveis, vamos ser descartados, como tudo! Num momento em que não há dinheiro, é sempre o lado mais fraco que perde... e nós sabemos que, entre o desporto e as artes, o desporto vai ser sempre mais forte do que nós. Portanto, nós temos que jogar com as mesmas armas, no bom sentido. No desporto quais são as armas? São os espetáculos, porque eles fazem os jogos deles e já lhes chamam de espetáculos. Nós fazemos espetáculos e vamos começar a chamar-lhes jogos. A lógica é a mesma, eu não

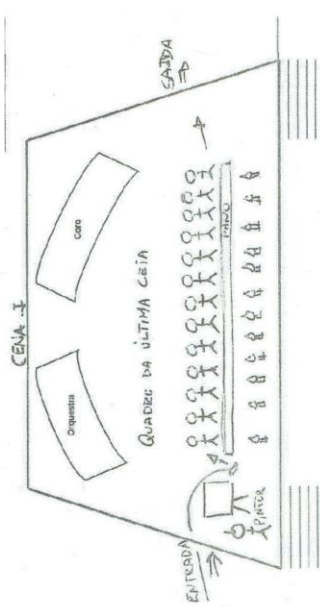
inventei nada. Eu olhei para o desporto que também se estava a movimentar no desporto escolar, sabia que faziam a festa do desporto escolar e pensei “Então a gente também vai começar a aparecer, como é que é?”. Temos que jogar com as mesmas armas. Eles mostram-se e nós também temos que nos mostrar. E tenho dito!

Acabou por responder a esta última pergunta no decorrer da entrevista, mas qual é para si a importância da Semana Regional das Artes no contexto social da Região Autónoma da Madeira?


Eu diria que hoje, a própria comunidade local, se deixássemos de o fazer, já se questionaria sobre o porquê de não o termos feito. Acho que isso já entrou um pouco no ADN da comunidade. E quando estou a falar da comunidade, estou a falar até das próprias entidades públicas, das próprias instituições e das próprias escolas. Acho que seria impensável dizer que para o ano não se faz Semana das Artes. Íamos ter muitos porquês, e porquê e o que foi que aconteceu. Eu acho que hoje a Semana Regional das Artes tem um valor educativo e cultural ao mesmo nível que muitos outros eventos artísticos e turísticos que são realizados na Madeira, como a Semana do Vinho, o Carnaval, etc... É um cartaz turístico e, como tal, a própria comunidade local e estrangeira ia questionar-se sobre o porquê de deixar de acontecer. Portanto, acho que estaria fora de questão deixar de fazer. Logicamente que o modelo pode ser aperfeiçoado. Como disse, no próximo ano letivo já vamos ter 10 dias em vez de 8, ou seja, vamos manter os espetáculos nos 7 dias, nas modalidades artísticas e no *ESCOL'artes* mantém-se tudo igual. Vamos é ampliar o Festival de Cinema, passando de 1 para 2 dias, a exposição ficará patente durante mais 3 dias, havendo assim mais pessoas a beneficiar, e haverá espetáculos de animação com os nossos próprios grupos da divisão de expressões artísticas ao longo dos 10 dias. Não será, digamos, um acréscimo de trabalho para as escolas. Para as escolas será basicamente o mesmo: os mesmos espetáculos das modalidades e os dois espetáculos do *ESCOL'artes*.

Anexo II - Guião

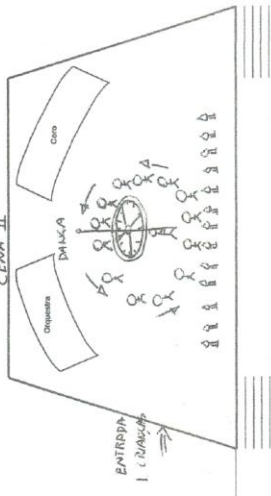
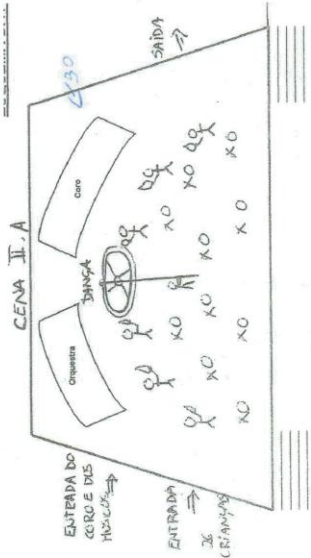
| | | | |
|---|--|----------------------------------|----------------------------|
| DSEAM | DIREÇÃO DE SERVIÇOS DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA E MULTIMÉDIA | | FR-55 |
| | DIVISÃO DE APOIO À EDUCAÇÃO ARTÍSTICA – ÁREAS ARTÍSTICAS E MODALIDADES ARTÍSTICAS | | Rev. 7 |
| | Semana Regional das Artes – ESCOLartes - Sinopse | | 09/2012 |
| Ano letivo: 2014-2015 | | Município: Calheta | |
| Encerramento das Atividades Artísticas no: 1.º Ciclo <input checked="" type="checkbox"/> 2.º Ciclo <input type="checkbox"/> 3.º Ciclo <input type="checkbox"/> Secundário <input type="checkbox"/> | | | |
| Grupo de trabalho constituído pelos professores: | | | |
| Celso Gonçalves | | Filipa Carvalho | |
| Carla Jardim | | Jenny Pita | |
| Prof. responsável: Filipa Carvalho | | E-mail: fdgcarv@gmail.com | Contacto: 925773985 |
| CARATERÍSTICAS | | | |
| Título do Número: Luz 3ª Parte | | Duração: 13 min. | |
| Género: | | Autores: | |
| Autor (es) da letra: | | | |
| Autor (es) da música: | | | |
| Autor (es) dos arranjos: | | | |
| Apoios (Entidades Públicas ou Privadas que apoiam e que devem constar no programa) | | | |
| Câmara Municipal da Calheta | | | |
| ESCOLAS ENVOLVIDAS | | | |
| Nome da (s) Escola (s) | Professores responsáveis | N.º de alunos | |
| CEAM- Prazeres | Jenny Pita | 24 | |
| EB1/PE Ladeira e Lamaceiros | Celso Gonçalves | 21 | |
| EB1/PE Lombo do Guiné | Celso Gonçalves | 14 | |
| EB1/PE Ponta do Pargo | Filipa Carvalho | 13 | |
| EB1/PE Vasco da Gama Rodrigues | Filipa Carvalho | 10 | |
| EB1 2 3 /PE Prof. Francisco Barreto | Filipa Carvalho | 10 | |
| EB1/PE da Calheta | Carla Jardim | 20 | |
| EB1/PE Lombo Atouguia | Carla Jardim | 10 | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| N.º total de alunos | | 122 | |
| Funções a interpretar pelos alunos | | N.º de alunos | |
| | | | |
| Sinopse | | | |
| | | | |

| | |
|--|---|
| <div>DSEAM</div> <div> DIREÇÃO DE SERVIÇOS DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA E MULTIMÉDIA DIVISÃO DE APOIO À EDUCAÇÃO ARTÍSTICA (DAEA) - ÁREAS ARTÍSTICAS NO ENSINO BÁSICO E SECUNDÁRIO Semana Regional das Artes – ESCOLartes - Guião </div> | <div>FR-85</div> <div>Rev. 7</div> <div>09/2012</div> |
| DESCRICÃO DA AÇÃO | |
| Indicar todos os dados necessários acerca de: luz, movimentação dos participantes em palco, entradas e saídas, cenas mais importantes, etc. | Observações |
| Texto | |
| <p>Cena I</p> <p>O renascimento foi um período da História marcado por transformações na cultura, sociedade, economia, política e religião, assim como na filosofia, nas ciências e nas artes. Foi a era dos grandes castiçais e candelabros.</p>  <p>Criança 2 segreda algo imperceptível ao ouvido da criança 1.</p> <p>Criança 3 (saudando a criança 1) - Então?! Segredinhos?! O que é que andam a tramar?</p> <p>Criança 2 (desviando o assunto) - Oh! Lá estás tu... Estava a confessar os meus pecados.</p> <p>Criança 4 - Por falar em pecados, tenho um para confessar.</p> <p>Criança 5 (dirigindo-se à criança 2) - Estás muito calado... Não fizeste coisa boa!...</p> | <p>Blackout</p> <p>A luz vai subindo, pouco a pouco, ao longo das entradas das personagens</p> <p>Música - Renaissance music in castle (cerca de 2:30)</p> <p>Entra o pintor e a criança 1 00.28</p> <p>Entra criança 1 poisa a vela acesa na frente de palco e vem posiciona-se no meio do palco.</p> <p>Entra criança 2 poisa a vela ao lado e coloca-se à esquerda da criança 1.</p> <p>Entra criança 3 poisa a vela ao lado e coloca-se à direita da criança 1.</p> <p>Entra criança 4 poisa a vela ao lado e coloca-se entre as crianças 1 e 3.</p> <p>Entra criança 5 poisa a vela ao lado e coloca-se à esquerda da criança 2.</p> <p>Entra criança 6 poisa a vela ao</p> |

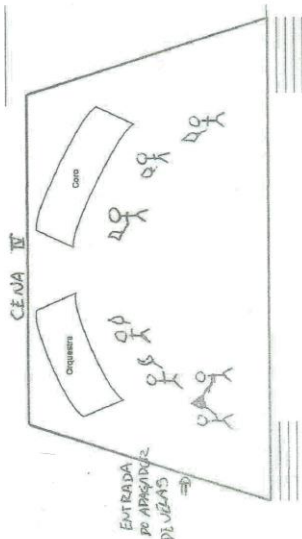
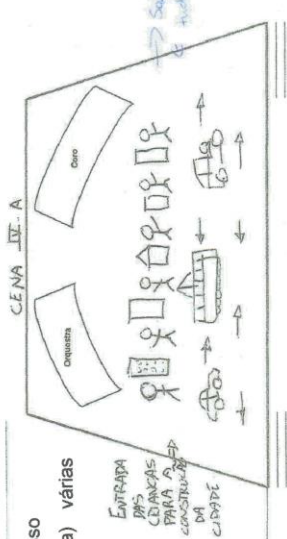
| DSEAM | DIREÇÃO DE SERVIÇOS DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA E MULTIMÉDIA DIVISÃO DE APOIO À EDUCAÇÃO ARTÍSTICA (DAEA) - ÁREAS ARTÍSTICAS NO ENSINO BÁSICO E SECUNDÁRIO Semana Regional das Artes – ESCOLartes - Guião | | | | FR-85 Rev. 7 09/2012 |
|--|---|--|--|--|--|
| Criança 7 (defendendo-se) - Eu cá tenho as mãos limpas. | | | | | <div>crianças 2 e 5.</div> <div>Entra criança 7 poisa a vela ao lado e coloca-se à esquerda da criança 6.</div> <div>Entra criança 8 poisa a vela ao lado e coloca-se à esquerda da criança 7.</div> <div>Entram as crianças 9, 10 e 11, colocam as respectivas velas e começam a conversa. A criança 11 traz um tecido enrolado.</div> <div>Entra a criança 12, poisa a vela, aproxima-se da criança 11 e desenrola o tecido.</div> <div>Entra a criança 13, esbaforida, e coloca-se entre as crianças 3 e 9.</div> <div>Criança 13 vai colocar a vela na frente de palco. Volta ao seu lugar.</div> <div>Pintor sai</div> |
| Criança 8 (para a criança 6) – Já sabes o que é que ele fez? | | | | | |
| Criança 10 (para a criança 11) – Eu acho que devias contar-lhe. | | | | | |
| Criança 9 (também para a 11) – Aproveita agora que estão em silêncio. | | | | | |
| Criança 11 (para a criança 12) – O que é que estás a fazer? | | | | | |
| Criança 12 - A por a mesa! | | | | | |
| Criança 1 (contando as demais) - Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze... Quem é que falta? | | | | | |
| Criança 13 – O que é que se come aqui? | | | | | |
| Todos – Então e a vela? | | | | | |
| Criança 13 – Ah! Bem me parecia que estava escuro aqui. | | | | | |
| Criança 1 – Eu sou Luz! | | | | | |

| | | | | | | | | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|
|  | | | | | | | | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|



| | |
|-------|---|
| DSEAM | <div> <div> <div>DIREÇÃO DE SERVIÇOS DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA E MULTIMÉDIA</div> <div>DIVISÃO DE APOIO À EDUCAÇÃO ARTÍSTICA (DAEA) - ÁREAS ARTÍSTICAS NO ENSINO BÁSICO E SECUNDÁRIO</div> <div>Semana Regional das Artes – ESCOLartes - Guião</div> </div> <div> <div>Rev. 7</div> <div>09/2012</div> </div> </div> |
| | <div> <div> <div>Cena II - Barroco</div> <div> <p>Barroco é o nome dado ao estilo artístico que floresceu entre o final do século XVI e meados do século XVIII que influenciou a arte em geral. A luz e a sombra são recursos utilizados com mestria pelos grandes nomes do Barroco, tornando a arte mais surpreendente e rica.</p> <p>Dança – construção de um candelabro (se possível o candelabro deve ser erguido através de mecânica de palco) e de uma sala de espetáculos.</p>  </div> <div> <p>Entrada de crianças que figuram os camarotes cheios de uma noite de estreia.</p>  </div> </div> <div> <div>Voz off (3.00)</div> <div>Double violin concert samba</div> </div> <div> <p>A luz sobe na totalidade</p> <p>3.10(início da dança)</p> <p>3.57</p> <p>Crianças estão vestidas à época. Para reproduzir a sala de espetáculos e como separador de cada camarote estará uma criança com um castiçal na mão. As crianças estão posicionadas em semicírculo (teatro à italiana). (26 crianças)</p> </div> </div> |

| DSEAM | | DIVISÃO DE APOIO À EDUCAÇÃO ARTÍSTICA (DAEA) - ÁREAS ARTÍSTICAS NO ENSINO BÁSICO E SECUNDÁRIO | | Rev. 7 09/2012 |
|--|--|---|--|---|
| Semana Regional das Artes – ESCOLartes - Guião | | Cena III – Romantismo | | |
| <p>Texto de ligação – Voz off</p> <p>Entra um maestro com púlpito, coloca-se na frente de palco, ao centro, virado para a plateia. Começa a dirigir o início da 5ª Sinfonia de Beethoven.</p> | | <p>O maestro é interrompido por uma criança (Thomas Edison), que lhe sussurra algo imperceptível</p> <p>Maestro - Há?</p> <p>Criança (Thomas Edison) – Tive uma ideia!!</p> <p>Maestro - Há??</p> <p>Criança (Thomas Edison) – Tive uma ideia!!</p> <p>Maestro - HÁAAA???</p> <p>Criança (Thomas Edison) – TIVE UMA IDEIA!!</p> <p>Maestro - O QUÊ???</p> <p>Todos no palco – ELE TEVE UMA IDEIA!!!!</p> <p>Por de trás da cabeça de Thomas Edison aparece uma lâmpada .</p> <p>Maestro- HÁAAA???</p> <p>Criança (Thomas Edison) – Já não posso com tanto Háaaa!!!!</p> <p>Maestro- Ahhh!!! Queres o Can Can!</p> <p>O maestro começa a dirigir a música "Can Can" – Ofenbach – Dança, vocal e instrumental.</p> | | <p>Entrada 30 crianças para coro e 10 para caixas. Entrada de um púlpito e de um maestro 6.29</p> <p>7.20</p> <p>7.46 – início do Can Can</p> |

| DSEAM | DIVISÃO DE APOIO À EDUCAÇÃO ARTÍSTICA (DAEA) - ÁREAS ARTÍSTICAS NO ENSINO BÁSICO E SECUNDÁRIO Semana Regional das Artes – ESCOLartes - Guião | Rev. 7 09/2012 |
|--|---|---|
| <p>A partir do século XIX os lampiões a gás começaram a iluminar as grandes cidades europeias. Por volta de 1850 disseminou-se por todo o mundo, surgindo a profissão de acendedor de lampiões.</p> <p>Apagam-se as velas do teatro como se fossem candeieiros a gás de rua.</p> <p>Cena IV – início do séc. XX</p> <p>A</p>  | | |
| <p>Inicia-se um dia de trabalho e a construção de uma cidade. Ouvem-se sons mecânicos e a cidade começa a tomar forma. - Coro falado com ritmos a partir de sons mecânicos.</p> <p>As crianças começam a construir candeieiros e enquanto isso acontece, vão passando (como se fosse uma avenida) várias personagens de épocas diferentes do séc. XX. transportando objectos que simbolizam essas mesmas épocas, sendo que a última transporta de baixo do braço uma caixa de uma televisão LED.</p>  | | <p>Voz off + o apagador de lampiões + cenários (Aparecimento de telas com desenho de prédios - cidade) - 9.01</p> <p>A luz desce, dando a entender o nascer do dia e sobre</p> <p>A luz vai subindo ao longo da música.</p> <p>9.15</p> <p>Do minuto 12.09 até 12.46 a luz sai em fade até quase ao blackout.</p> |

Anexo III – Planificações e respetivos relatórios descritivos, reflexivos e avaliativos

EB1/PE Ponta do Pargo

Modalidade de Expressão Dramática – ESCOL'artes - Quadro da Ultima Seia - Leonardo

Turma 3º e 4º anos

Aula nº 22

15h.30m às 16h.30m

8/04/2015

| Conteúdos | Competências | Atividades/Estratégias | Avaliação |
|--|--|--|--|
| <p>A relação entre o corpo e o espaço;</p> <p>O domínio do corpo e da voz;</p> <p>A improvisação, a imaginação e a criatividade;</p> <p>A interpretação e a representação.</p> <p>O desenvolvimento da memória;</p> | <p>Desenvolver e consciencializar capacidades expressivas e criativas através do Corpo, da Voz, da Interpretação e da representação em trabalho individual e de grupo.</p> | <p>Pequena conversa com os alunos sobre o projecto.</p> <p>Apresentação de um vídeo sobre a história da luz . https://www.youtube.com/watch?v=rIFRyUizoqg</p> <p>Visualização do quadro da “Ultima Ceia” de Leonardo da Vinci.</p> <p>Distribuição das personagens pelos alunos.</p> <p>Atividade:</p> <p>Os alunos ao som da música "La bourrée d'Avignon", interpretada pelo ensemble Le Banquet du Ruy, caminham pela sala de forma aleatória, marcando a pulsação com o andar, ocupando todos os espaços vazios da sala. Quando a música para eles imitam a personagem que lhes foi atribuída.</p> | <p>Observação direta;</p> <p>Empenho</p> <p>Regularidade da pulsação</p> |
| <p>Sumário:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Início da preparação para o escolares. – peça teatral: Pequena contextualização sobre a história da luz – vídeo https://www.youtube.com/watch?v=rIFRyUizoqg • Distribuição das personagens • Trabalho de personagens | | | |

Aula n.º 22

08/04/2015

Descrição – Reflexão - Avaliação

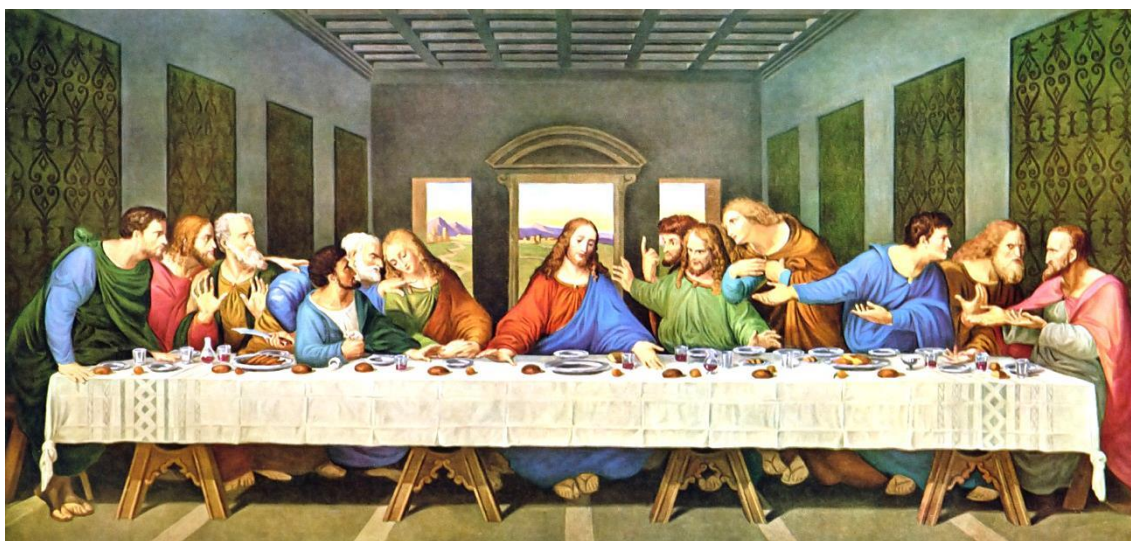
A aula número 22 foi iniciada com uma conversa com os alunos sobre o projeto ESCOL'artes . Foi dada a conhecer, aos alunos, a planificação das aulas seguintes até a apresentação publica. Visto que em simultâneo se vai preparar a festa de encerramento do ano letivo, como também outras atividades pertencentes ao plano anual de escola, foram estipulados os dias e a horas para a preparação de todas as atividades.

Todos os alunos mostraram uma grande recetividade e motivação em relação ao projeto, pois para estes o facto de poderem ir a um estúdio de gravação e também a possibilidade de realizarem uma apresentação publica fora do seu espaço escolar, que posteriormente será transmitida pela RTPMadeira, é bastante aliciante.

Após a explicação do projeto foi-lhes mostrado um vídeo sobre a história da Luz – Do fogo ao led... a luz e a sua evolução (resumo).

<https://www.youtube.com/watch?v=rIFRyUizoqg>

Foi projetado o quadro da “Ultima Ceia”, de Leonardo da Vinci, tendo-se constatado que muitos dos alunos o conseguiam identificar, pois alguns deste têm réplicas em casa ou casa de familiares.



Foi pedido aos alunos que analisassem e comentassem o quadro. O alunos responderam:

- “ *São todos Homens*”;
- “ *Jesus está no meio*”;
- “ *Parece que estão todos a falar menos o Jesus*”;
- “ *Têm pratos para comer... nessa altura já havia pratos?*”

Após os comentários foi-lhes contada a história do quadro e do seu autor.

“Introdução

A Última Ceia é uma das pinturas mais famosas de Leonardo da Vinci, artista italiano da época do Renascimento Cultural. É considerada por muitos historiadores e estudiosos de arte como uma das mais importantes e representativas obras de arte de todos os tempos.

Características principais

Esta pintura foi feita por Da Vinci entre os anos de 1495 e 1497. É uma pintura mural e está na parede do refeitório do convento dominicano de Santa Maria da Graça, na cidade italiana de Milão (local original onde foi pintada).

A pintura retrata a última ocasião em que Jesus Cristo se reuniu com seus apóstolos para compartilhar o pão e o vinho, antes de sua morte.

Principais características da pintura:

- *Medidas: 460 cm de altura e 880 cm de largura.*”²⁰

A distribuição do elenco foi feita tendo em conta as características físicas dos alunos em relação às personagens do quadro. Como tal, as de cabelo comprido foram atribuídas às raparigas e os rapazes ficaram com as restantes.

²⁰ Texto retirado do sítio da internet http://www.suapesquisa.com/leonardo/ultima_ceia.htm, no dia 4 de abril de 2015.

Com a distribuição feita, os alunos ao som da música "La bourrée d'Avignon", interpretada pelo *ensemble Le Banquet* du Ruy, caminharam pela sala marcando a pulsação/subdivisão com o andar e com batimentos corporais, tentando ocupar os espaços vazios. Sempre que a música era interrompida eles imitavam a posição da sua personagem. É importante referir que a imagem ficou projetada até ao final da aula. Toda esta atividade foi bem sucedida pois despertou nos alunos bastante interesse pelas suas personagens.

Para alguns alunos, a marcação da subdivisão com o andar e com dois níveis corporais nem sempre foi bem concretizada mesmo com a minha orientação.

A aula decorreu em conformidade com o plano de aula, previamente elaborado, não tendo havido constrangimentos à aplicação do mesmo nem acontecimentos que implicassem a sua alteração ou ajustamento.

EB1/PE da Ponta do Pargo
Modalidade de Expressão Dramática

Turma 3º e 4º anos

Aula nº 24
15/04/2015

hora 15.30 às 16.30

| Conteúdos | Competências | Atividades/Estratégias | Avaliação |
|--|--|---|---|
| <p>-A relação entre o corpo e o espaço;</p> <p>-O domínio do corpo e da voz;</p> <p>-A improvisação, a imaginação e a criatividade;</p> <p>-A interpretação e a representação.</p> <p>-O desenvolvimento da memória;</p> | <p>Desenvolver e consciencializar capacidades expressivas e criativas através do Corpo, da Voz, da Interpretação e da representação em trabalho individual e de grupo.</p> | <p>-Aquecimento físico – jogo do balão</p> <p>-Movimentar-se de forma livre e pessoal: sozinho e aos pares explorando os vários níveis (alto, médio e baixo);</p> <p>- Explorar as atitudes de : imobilidade/mobilidade; contração/descontração.</p> <p>- Distribuição das falas e atribuição de números (1 a 13) a cada aluno.</p> <p>-Jogo de memorização. Os alunos , caminhando pela sala explorando varias formas de andar terão que dizer a sua fala sempre que o seu numero for dito pelo professor.</p> <p>Relaxamento: exercícios de respiração ao som da música “Close Cover” de Wim Mertens.</p> | <p>Observação direta;</p> <p>Empenho;</p> <p>Regularidade da pulsação;</p> <p>Concentração;</p> |
| <p style="text-align: center;">Sumário:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Continuação da preparação da peça para o ESCOL 'artes. • Trabalho de construção de cada personagem. | | | |

Aula n.º 24

15/04/2015

Descrição – Reflexão - Avaliação

Iniciou-se a aula com a projeção do quadro da “Última ceia” de Leonardo da Vinci, ficando projetada até ao final da aula. Assim que os alunos entravam na sala iam de imediato representar fisicamente a sua personagem, havendo até uma aluna a trazer uma réplica do quadro da casa da avó. Deu-se então início à aula com o aquecimento corporal - jogo do balão. Os alunos mostraram logo disposição para começar visto que já conheciam o jogo e também porque gostam muito desta atividade. O jogo consiste em nunca deixar cair o balão no chão, sempre que isso aconteça os alunos terão que se atirar para o chão e entoar o som “BOM” como se de uma bomba se tratassem. Os alunos só podem tocar no balão uma vez e passando de imediato ao colega que pretenderem, no entanto, sempre que passam o balão têm que pronunciar o nome de um colega para ir que ele possa ir tocar no balão de forma a que ele não caia no chão. O aluno que é chamado toca no balão e volta a pronunciar um outro nome e assim sucessivamente. Perdem os alunos que não disserem o nome quando toca no balão, aqueles que são chamados e deixam o balão cair no chão e também aqueles atirarem o balão para o chão. Os alunos que perdem vão saindo até chegarmos a 1 jogador, esse será o vencedor. Trata-se de um jogo competitivo que requer concentração, atenção e silêncio por parte dos jogadores.

Os alunos revelam sempre bastante gosto em realizar este jogo conseguindo cumprir as regras do mesmo e como tal não foi preciso orienta-los pois as regras estão bem consolidadas.

Assim que se chegou ao vencedor do jogo os alunos, para acalmarem a respiração, começaram a caminhar pela sala de forma aleatória. À minha orientação foram explorando vários níveis corporais (baixo, médio, alto). Após esta exploração trabalharam imobilidade/mobilidade; contração/descontração. Nesta atividade os alunos estiveram sempre a caminhar sendo orientados por mim a através de uma palma ou duas palmas.

Ex: mobilidade -uma palma; imobilidade-duas palmas;

Contração – uma palma; descontração- duas palmas;

Os alunos sentaram-se e foi-lhes distribuído um papelinho com a sua fala

Criança 3 (saudando a criança 1) - Então?! Segredinhos?! O que é que andam a tramar?

Criança 2 (desviando o assunto) – Oh! Lá estás tu... Estava a confessar os meus pecados.

Criança 4 – Por falar em pecados, tenho um para confessar

Criança 5 (dirigindo-se à criança 2) – Estás muito calado... Não fizeste coisa boa!...

Criança 6 (para a criança 2) – Não lhe liguês! Mas podes falar comigo, se quiseres.

Criança 7 (defendendo-se) - Eu cá tenho as mãos limpas.

Criança 8 (para a criança 6) – Já sabes o que é que ele fez?

Criança 10 (para a criança 11) – Eu acho que devias contar-lhe.

Criança 9 (também para a 11) – Aproveita agora que estão em silêncio.

Criança 11 (para a criança 12) – O que é que estás a fazer?

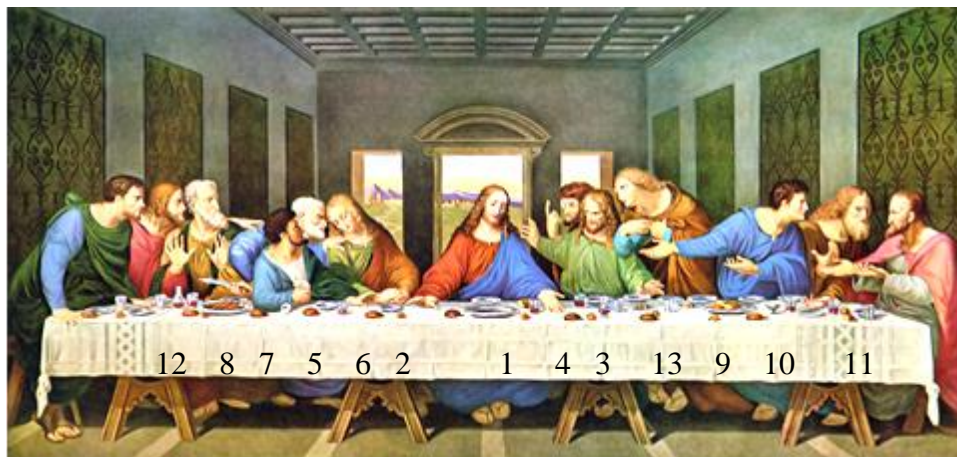
Criança 12 - A por a mesa!

Criança 1 (contando as demais) - Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze... Quem é que falta?

Criança 1 – Eu sou Luz!

Criança 13 – O que é que se come aqui?

Criança 13 – Ah! Bem me parecia que estava escuro aqui.



Foram lidas, pelos alunos, todas as falas pela ordem estipulada sempre com a minha orientação. As crianças 4 e 9 tiveram que ser ajudadas na leitura das falas pois são crianças com dificuldades de aprendizagem e encontram-se a frequentar os currículos alternativos. Todos os alunos mostraram de imediato vontade de memorizar as falas começando a repeti-la vezes sem conta. No entanto, tive que os mandar parar pois queria que a memorizassem com intenção corporal e vocal.

Pedi-lhes que se levantassem e se deslocassem pela sala de aula com o papel na mão. Sempre que era pronunciado por mim um ou dois números, correspondente(s) às personagens, teriam que dizer a fala e imitar a postura física da mesma.

Esta atividade correu como previa, grande parte dos alunos conseguiu memorizar a fala com intenção corporal no entanto a intenção vocal ficou um pouco aquém. Pude observar que o grupo interagiu de forma crítica em relação ao outro com intenção construtiva revelando grande receptividade às críticas anunciadas pelos colegas.

Para relaxarem um pouco pedi-lhes que se deitassem nos bancos ou nos colchões de olhos fechados e de barriga para cima. Ao som da música “Close Cover” de Wim Mertens, os alunos, estiveram concentrados na respiração. No final da música, iam despertando cada parte do corpo muito lentamente até se colocarem de pé. Esta atividade é realizada frequentemente pelos alunos no final de aulas mais agitadas tendo decorrido sem qualquer percalço.

A sessão decorreu em conformidade com o plano de aula, previamente elaborado, não tendo havido constrangimentos à aplicação do mesmo nem acontecimentos que implicassem a sua alteração ou ajustamento.

EB1/PE Ponta do Pargo

Modalidade de Expressão Dramática

Turma 3º e 4º anos

Aula nº 26

hora 15.30 às 16.30

22/04/2015

| Conteúdos | Competências | Atividades/Estratégias | Avaliação |
|--|---|---|--|
| <p>-A relação entre o corpo e o espaço;</p> <p>-O domínio do corpo e da voz;</p> <p>-A improvisação, a imaginação e a criatividade;</p> <p>-A interpretação e a representação.</p> <p>-O desenvolvimento da memória;</p> | <p>Desenvolver e consciencializar capacidades expressivas e criativas através do Corpo, da Voz, da Interpretação e da representação em trabalho individual e de grupo</p> | <p>Aquecimento corporal – dança de roda com ritmos corporais com a <i>Música Encantada - Coro Infantil Africano</i> https://www.youtube.com/watch?v=UoS19LhP6x4</p> <p>Com a música "La bourrée d'Avignon", os alunos exploram a pulsação a vários níveis corporais.</p> <p>Relembrar as falas de cada personagem.</p> <p>Caminhado aleatoriamente pela sala, os alunos, ao som da mesma música, terão que representar o quadro da "Última Ceia" colocando-se nas suas devidas posições, sempre que a música parar.</p> <p>Trabalhar a expressividade corporal através da descoberta e da criação de cada personagem.</p> <p>Início da montagem da peça.</p> | <p>Observação direta;</p> <p>Empenho;</p> <p>Regularidade da pulsação;</p> <p>Concentração</p> |
| <p>Sumário: Continuação da preparação da peça teatral para o ESCOL'artes. Descoberta de personagem. Montagem da peça.</p> | | | |

Aula n.º 26

15/04/2015

Descrição – Reflexão – Avaliação

A aula iniciou-se com a aprendizagem de três sequências rítmicas a dois níveis



corporais, palmas e pernas sempre à semínima. Os alunos estão disposto em roda.

A primeira e a terceira semínima do primeiro compasso, juntamente com as duas semínimas do segundo compasso são executadas com palmas; a segunda, a quarta semínima do primeiro compasso e a mínima do segundo compasso é realizada batendo com as mãos nas pernas. Toda esta sequencia efetuada duas vezes.

A segunda sequência utiliza o mesmo padrão rítmico substituindo apenas o som das mãos a baterem nas pernas por outro som, os alunos batem com as suas mão nas mãos dos colegas que se encontram ao seu lado, em simultâneo à esquerda e à direita. Repete duas vezes.

A terceira sequência inicia-se dando um passo em frente, tornando a roda mais pequena, seguidamente os alunos voltam a executar a sequencia rítmica utilizando novamente outros som corporais. A primeira e a terceira semínima do primeiro compasso, juntamente com as duas semínimas do segundo compasso são executadas com as mão a baterem nas pernas; a segunda, a quarta semínima do primeiro compasso e a mínima do segundo compasso é efectuada batendo com as mão nas pernas dos colgas que se encontram à direita e á esquerda. Nesta sequencia é importante estarem com as pernas flectidas. Repete-se novamente duas vezes.

A aprendizagem de cada sequencia foi feita através da imitação não mostrando qualquer dificuldade, por parte dos alunos, em assimila-la. Depois de repetir várias vezes,

utilizando várias pulsações, iniciando lento e progressivamente mais rápido, foi introduzida a música²¹ para que pudessem acompanhá-la com as sequências rítmicas.

Houve uma primeira escuta da música para conhecimento da mesma e para uma melhor interiorização da pulsação. Após concluída a escuta, os alunos foram questionados tendo em conta o género da canção. Só 4 responderam corretamente – música tradicional africana.

Iniciou-se então a coreografia rítmica tendo sido repetida mais duas vezes. Este aquecimento entusiasmou e despertou os alunos para as restantes atividades. Manifestaram interesse em voltar a realizar esta atividade no final da aula.

Dando continuidade à planificação os alunos ouviram a música "La bourrée d'Avignon" e exploraram-na utilizando a mesma sequência rítmica do aquecimento mas caminhando pelo espaço da sala de aula.

Relembaram as falas de cada personagem e deu-se início ao outro ponto da planificação. Repetindo o mesmo exercício que se tem realizado nas aulas anteriores, os alunos ao som da música anterior caminham pela sala, mas desta vez interpretando o caminhar da sua personagem. Assim que a música para, os alunos formam o quadro dirigindo-se para junto dos colegas. Sempre que se realizava uma paragem eram corrigidas as posições.

Após este exercício inicia-se a montagem da peça. É explicado aos alunos toda a sequência da peça dando-lhes liberdade para criar a sua personagem tendo em conta a sua fala e os que eles imaginariam que caracteriza-se fisicamente a mesma.

Antes de iniciarem a montagem da peça é delineado na sala o espaço do palco. Os alunos fingem que seguram uma vela na mão, dirigindo-se, um de cada vez, para a "frente de palco" poisando as velas. Só depois de poisarem é que se dirigem para o centro do palco iniciando a representação do quadro. Todo este exercício foi feito ao som da música "La bourrée d'Avignon" que será utilizada no espetáculo. Esta sequência

²¹ Música retirada do sítio da internet <https://www.youtube.com/watch?v=UoS19LhP6x4>, no dia 19 de abril de 2015

foi repetida duas vezes tendo e sido interrompida para correções e para indicações de personagens. As entradas foram sempre orientadas por mim.

Houve bastantes descobertas, havendo alguns alunos a arriscarem na composição das suas personagens. Apareceram personagens que coxeiam, que são tranquilas, outras mais stressadas e algumas curiosas. Houve também alguns alunos que não criaram a sua personagem limitando-se a imitar o andar de uma colega.

A sessão decorreu em conformidade com o plano de aula, previamente elaborado, não tendo havido constrangimentos à aplicação do mesmo nem acontecimentos que implicassem a sua alteração ou ajustamento.

EB1/PE da Ponta do Pargo

Modalidade de Expressão Dramática

Turma 3º e 4º anos

Aula nº 28
29/04/2015

hora 15.30 às 16.30

| Conteúdos | Competências | Atividades/Estratégias | Avaliação |
|--|--|--|---|
| <p>-A relação entre o corpo e o espaço;</p> <p>-O domínio do corpo e da voz;</p> <p>-A improvisação, a imaginação e a criatividade;</p> <p>-A interpretação e a representação.</p> <p>-O desenvolvimento da memória;</p> | <p>Desenvolver e consciencializar capacidades expressivas e criativas através do Corpo, da Voz, da Interpretação e da representação em trabalho individual e de grupo.</p> | <p>Aquecimento corporal – dança de roda com ritmos corporais com a <i>Música Encantada - Coro Infantil Africano</i> – continuação https://www.youtube.com/watch?v=UoS19LhP6x4</p> <p>Ensaio da peça.</p> | <p>Observação direta;</p> <p>Empenho;</p> <p>Concentração</p> |
| <p>Sumário:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aquecimento corporal e rítmico • Continuação da preparação da peça teatral para o escolares. | | | |

Aula n.º 28

29/04/2015

Descrição – Reflexão – Avaliação

Iniciou a aula com o aquecimento, repetindo a dança rítmica da aula anterior. Foram lembradas a sequências rítmicas e posta em prática, com a música. Executou-se a dança duas vezes.

Antes do início do ensaio da peça foram lembradas as falas e foram feitas as marcações de palco.

Os alunos, ao som da música "La bourrée d'Avignon" realizaram uma primeira vez a peça sem interrupções para que se pudesse analisar quais os constrangimentos existentes na mesma. Pode-se constatar que havia alunos que não conseguiam colocar-se nas devidas posições, ou porque ficavam com as caras tapadas pelos colegas ou porque se esqueciam de colocar a vela no seu devido lugar. Conseguiu-se perceber que estavam com alguma dificuldade em representar a sua personagem pois não conseguiam reproduzir com o corpo o seu pensamento. Houve um trabalho exaustivo com alguns dos alunos me mostravam mais dificuldades pois refletiam ainda alguma falta de pré-requisitos devido à idade e por frequentarem ainda o terceiro ano.

A aula foi um pouco parada pois houve a necessidade de interromper várias vezes o ensaio para correções, no entanto foi bastante produtiva havendo bastante empenho por parte dos alunos para corrigirem as lacunas apresentadas.

No final da aula houve uma pequena introspeção sobre o evoluir da peça tendo-se chegado a conclusão que a expressividade vocal ainda está bastante longe do que é pretendido e a falta de adereços, as velas e o tecido para representar a mesa, eram importantes para uma melhor execução peça Para finalizar a aula voltou-se a realizar a dança rítmica do aquecimento.

EB1/PE Ponta do Pargo

Modalidade de Expressão Dramática

Turma 3º e 4º anos

Aula nº 30
6/05/2015

hora 15.30 às 16.30

| Conteúdos | Competências | Atividades/Estratégias | Avaliação |
|--|--|--|--|
| <p>-A relação entre o corpo e o espaço;</p> <p>-O domínio do corpo e da voz;</p> <p>-A improvisação, a imaginação e a criatividade;</p> <p>-A interpretação e a representação.</p> <p>-O desenvolvimento da memória;</p> | <p>Desenvolver e consciencializar capacidades expressivas e criativas através do Corpo, da Voz, da Interpretação e da representação em trabalho individual e de grupo.</p> | <p>Ensaio da peça.</p> <p>Gravação e visualização da mesma.</p> <p>Trabalho de expressividade vocal.</p> | <p>Observação direta;</p> <p>Empenho;</p> <p>Expressividade vocal e corporal;</p> <p>Concentração.</p> |
| <p>Sumário:</p> <p>Continuação da preparação da peça teatral para o ESCOL 'artes.</p> <p>Gravação e visualização da peça.</p> | | | |

Aula n.º 30

6/05/2015

Descrição – Reflexão – Avaliação

A aula iniciou-se com a entrega aos alunos dos pedidos de autorização tendo em vista as deslocações ao Funchal para gravações como também para a participação no ESCOL ‘artes e respetiva gravação por parte da RTPMadeira.

Após a distribuição dos pedidos os alunos colocaram-se prontos para iniciar o ensaio. Ensaíram a peça uma vez sem interrupções. Foram destacados e falados alguns pormenores menos bons como também os que correram bem e que devem ser mantidos.

Repetiram a peça, mas desta vez foram interrompidos várias vezes pois sentia-se uma grande falta de concentração no grupo. Houve mesmo a necessidade de parar a aula e conversar com os alunos. Sente-se nos alunos já um grande cansaço, nomeadamente nos alunos de 4º ano, devido à pressão e a exigência que lhes imposta para a realização dos exames de final de ciclo. Para tentar concentra-los realizei uma pequena sessão de relaxamento concentrando-se apenas na respiração. Não foi utilizada qualquer registo sonoro para que o silêncio predomina-se no espaço e que houvesse um contraste com os exercícios anteriores.

Pude verificar que os cinco minutos de relaxamento, conduzido por mim, fizeram com que se acalmassem e se concentrassem consideravelmente.

Antes de retomar o ensaio informei-os que iria filmar e como tal era importante concentrarem-se. Após a filmagem os alunos puderam visualizar de forma mais concreta os seus erros, que se devem, acima de tudo, à falta de concentração.

Voltaram a repetir a peça, agora mais consciencializados das suas praticas, e foram filmados novamente. No final viram os dois vídeos e comentaram as suas performances.

A sessão não decorreu em conformidade com o plano de aula, previamente elaborado, tendo havido constrangimentos à aplicação do mesmo devido à falta de concentração havendo necessidade de efetuar alterações e ajustamentos ao plano.

EB1/PE da Ponta do Pargo

Modalidade de Expressão Dramática

Turma 3º e 4º anos

hora 15.30 às 16.30

Aula nº 27

13/05/2015

| Conteúdos | Competências | Atividades/Estratégias | Avaliação |
|---|---|--|---|
| -A relação entre o corpo e o espaço; -O domínio do corpo e da voz; -A improvisação, a imaginação e a criatividade; -A interpretação e a representação. -O desenvolvimento da memória; | Desenvolver e consciencializar capacidades expressivas e criativas através do Corpo, da Voz, da Interpretação e da representação em trabalho individual e de grupo. | Ensaio da peça. Trabalho de expressividade vocal. | Observação direta; Empenho; Expressividade vocal e corporal; Concentração. |
| Sumário: Continuação da preparação da peça teatral para o ESCOL'artes. Gravação e visualização da peça. | | | |

Aula n.º 30

13/05/2015

Descrição – Reflexão – Avaliação

A aula iniciou-se com a entrega aos alunos dos pedidos de autorização tendo em vista as deslocações ao Funchal para gravações como também para a participação no ESCOL'artes e respetiva gravação por parte da RTPMadeira, havendo, por parte da escola, desde o início do ano autorização para uso de imagens dos alunos.

Após a distribuição dos pedidos os alunos colocaram-se prontos para iniciar o ensaio. Ensaíram a peça uma vez sem interrupções. Foram destacados e falados alguns pormenores menos bons como também os que correram bem e que devem ser mantidos.

Repetiram a peça, mas desta vez foram interrompidos várias vezes pois sentia-se uma grande falta de concentração no grupo. Houve mesmo a necessidade de parar a aula e conversar com os alunos. Sente-se nos alunos já um grande cansaço, nomeadamente nos alunos de 4º ano, devido à pressão e a exigência que lhes imposta para a realização dos exames de final de ciclo. Para tentar concentra-los realizei uma pequena sessão de relaxamento concentrando-se apenas na respiração. Não foi utilizada qualquer registo sonoro para que o silêncio predomina-se no espaço e que houvesse um contraste com os exercícios anteriores.

Pude verificar que os cinco minutos de relaxamento, conduzido por mim, fizeram com que se acalmassem e se concentrassem consideravelmente.

Antes de retomar o ensaio informei-os que iria filmar e como tal era importante concentrarem-se. Após a filmagem os alunos puderam visualizar de forma mais concreta os seus erros, que se devem, acima de tudo, à falta de concentração.

Voltaram a repetir a peça, agora mais consciencializados das suas praticas, e foram filmados novamente. No final viram os dois vídeos e comentaram as suas performances.

A sessão não decorreu em conformidade com o plano de aula, previamente elaborado, tendo havido constrangimentos à aplicação do mesmo devido à falta de concentração havendo necessidade de efetuar alterações e ajustamentos ao plano.

EB1/PE Vasco da Gama Rodrigues – Paul do Mar

Modalidade Canto Coral

Turma 3º e 4º anos

Aula nº 22
9/04/2015

hora 14.30 às 15.30

| Conteúdos | Competências | Atividades/Estratégias | Avaliação |
|--|---|---|--|
| <p>Técnicas de respiração</p> <p>Elementos expressivos / forma / andamento / intensidade</p> <p>Ritmo</p> <p>Melodia</p> | <p>- Desenvolver a concentração e a memória auditiva;</p> <p>- A execução de repertório coral tradicional e diversificado simples, ou a uníssono com acompanhamento harmónico</p> <p>- O aperfeiçoamento das competências auditivo-afetivas inerentes ao canto coral: (sentido rítmico, sentido melódico e sentido harmónico/"afinação mútua");</p> <p>- Utilizar a voz com naturalidade</p> <p>- Desenvolver o sentido estético ("o belo") - sensibilidade</p> | <p>Pequena conversa com os alunos sobre o projecto.</p> <p>Apresentação de um vídeo sobre a história da luz. https://www.youtube.com/watch?v=rIFRyUizoqg</p> <p>Aquecimento vocal.</p> <p>Canção "Can Can".</p> | <p>- Concentração / Descriminação auditiva/ Memorização auditiva</p> <p>- Entoação:(com consciência do sentido de pulsação, rítmico e melódico)– “sozinho”.</p> <p>- Afinação:(a uníssono ou em contextos polifónicos simples);Consciência polifónica – “em conjunto”.</p> |
| <p>Sumário:</p> <ul style="list-style-type: none"> Início da preparação para o escolares - coro: Pequena contextualização sobre a história da luz – vídeo https://www.youtube.com/watch?v=rIFRyUizoqg Aquecimento vocal. Aprendizagem da canção "Can Can" | | | |

Aula n.º 22

9/04/2015

Descrição – Reflexão - Avaliação

A aula número 22 foi iniciada com uma conversa com os alunos sobre o projeto ESCOL'artes . Foi dada a conhecer, aos alunos, a planificação das aulas seguintes até a apresentação publica. Visto que em simultâneo se vai preparar a festa de encerramento do ano letivo, como também outras atividades pertencentes ao plano anual de escola, (festival da canção “Estrelinhas da Calheta”, e a abertura da Feira do Livro da escola) foram estipulados os dias e a horas para a preparação de todas as atividades.

Por não ser possível levar todos os alunos, devido à falta de transporte, foi acordado com estes que os critérios de seleção seriam o comportamento, o empenho e a concretização eficaz das peças corais.

Após a explicação do projeto foi-lhes mostrado um vídeo sobre a história da Luz – Do fogo ao led... a luz e a sua evolução (resumo).

<https://www.youtube.com/watch?v=rlFRyUizoqg>

Os alunos antecipadamente prepararam a sala para a pratica da modalidade, usando as mesas e as cadeiras para criarem três níveis. Alguns alunos estão em cima das mesas, outros em cima das cadeiras e alguns no chão. Colocam-se nos seus lugares, vozes mais graves no lado direito e agudas no lado esquerdo.

Com os alunos nos seus lugares dá-se inicio ao aquecimento vocal

- Primeiramente relaxaram o corpo todo, balançando as mãos e os pés para livrar nosso corpo das tensões.
- Em seguida movimentaram as ancas para esquerda e para direita com os braços soltos.
- Movimentos giratórios com os ombros, primeiro para frente e depois para trás, de seguida foram levantados até conseguirem encosta-los na ponta das orelhas para tencioná-los e após alguns segundos soltaram.

- Levaram a cabeça para esquerda e puxando-a levemente com a mão esquerda. E depois para com o outro lado. Também com a cabeça, realizaram movimentos giratórios no sentido do ponteiro dos relógios e em sentido contrário.
- Por fim voltamos ao primeiro exercício relaxando todo nosso corpo, balançando as mãos e os pés para livrar nosso corpo das tensões.
- Massajaram toda a face e a cabeça com os dedos, passando pelas bochechas, nariz, boca, testa, pescoço.
- Articular bem a boca e a face como se fosse emitir o som “uoai”.
- Mexeram o maxilar para esquerda e para direita.
- Simularam um bocejo com a borca aberta e depois com a boca fechada.
- Com a língua empurraram o interior da bochecha esquerda, e depois o da direita.
- -Ainda com a língua fizeram movimentos giratórios.
- Inspiraram (usando a respiração diafragmática) em quatro segundos, segurando e soltando em som de “sss” em cinco segundos. Começaram em cinco segundos e progressivamente aumentaram até dez.
- Fizeram o mesmo exercício anterior levantando os braços na hora da inspiração até 90° e baixar lentamente na expiração.
- Deram golpes diafragmáticos emitindo os sons: “ss”, “ch”, “fu”, “ka”. Fazendo o mesmo dando dois golpes seguidos de cada vez.
- Inspiraram e soltaram emitindo o som de “trr”, “grr” e “brr”.
- Dando continuidades ao exercício anterior inspiraram e soltavam nos sons “trr”, “grr” e “brr” partindo do grave pro agudo e do agudo para o grave. Primeiro um de cada vez e depois misturamos os três.
- Repetiram o som “dó” em quatro semínimas de um compasso quaternário simples, aumentando o tom a cada compasso.
- Fazer escalas ascendentes e descendentes (até o quinto grau) pronunciando palavras e sílabas como: nó; má mé mi mo mu, ziu. Além de trabalhar a voz este exercício também trabalha a articulação.

Após o aquecimento inicia-se a aprendizagem da canção. Aos alunos é lhes explicado a estrutura da canção, visto que vai ter uma parte inicial que é instrumental e um pouco mais lenta e só depois é parte cantada, que é um pouco mais rápida. Eles ouviram toda a

peça sem ser interrompida. A aprendizagem da canção foi realizada por partes, primeiro a letra, sempre com a base rítmica nas palavras, e frase a frase até juntar a primeira estrofe. Só depois juntámos a melodia também por partes. Foi utilizado o mesmo processo para a segunda estrofe.

A canção não revela grande dificuldade, no entanto houve dificuldades na afinação no salto de oitava, de dó3 para dó4, que se encontra no sétimo compasso.

Foi distribuído aos alunos uma fotocópia da canção e da partitura para que continuassem a estudar em casa e que estudassem também a melodia na flauta.

A sessão decorreu em conformidade com o plano de aula, previamente elaborado, não tendo havido constrangimentos à aplicação do mesmo nem acontecimentos que implicassem a sua alteração ou ajustamento.

CAN CAN

1- É

Dança das modernas

Faz mover as pernas

Deste cabaré

Anda daí ver como é

Dança com afã

E deste CAN CAN

Não arredes pé

CAN CAN CAN CAN

2-Tem

Graça e encanto

E diverte tanto

Não mata ninguém

Anda daí dançar também

Até de manhã

Pois neste CAN CAN

Vais-te sentir bem

CAN CAN CAN CAN

Flute

Can Can

Arranjo Grupo da Calheta

$\text{♩} = 132$

The musical score is written for a flute in treble clef with a common time signature (C). It consists of three staves. The first staff contains measures 1 through 6, starting with a whole rest followed by eighth and quarter notes. The second staff, marked with a '7' at the beginning, contains measures 7 through 11, featuring a mix of eighth and quarter notes. The third staff, marked with a '12' at the beginning, contains measures 12 through 16, ending with a double bar line. The tempo is indicated as 132 beats per minute.

EB1/PE Vasco da Gama Rodrigues – Paul do Mar

Modalidade Canto Coral

Turma 3º e 4º anos

Aula nº 24
16/04/2015

hora 14.30 às 15.30

| Conteúdos | Competências | Atividades/Estratégias | Avaliação |
|--|---|--|--|
| <p>Técnicas de respiração</p> <p>Elementos expressivos / forma / andamento / intensidade</p> <p>Ritmo</p> <p>Melodia</p> | <p>- Desenvolver a concentração e a memória auditiva;</p> <p>- A execução e criação de repertório coral tradicional e diversificado simples, ou a uníssono com acompanhamento harmónico</p> <p>- O aperfeiçoamento das competências auditivo-afetivas inerentes ao canto coral: (sentido rítmico, sentido melódico e sentido harmónico/”afinação mútua”);</p> <p>- Utilizar a voz com naturalidade</p> <p>- Desenvolver o sentido estético (“o belo”) - sensibilidade</p> | <p>Aquecimento vocal.</p> <p>Canção “Can Can” – cantada e tocada - continuação</p> <p>Exploração sonora de sons vocais que marcaram o desenvolvimento do séc. XX</p> | <p>- Concentração / Descrição auditiva/ Memorização auditiva</p> <p>- Entoação:(com consciência do sentido de pulsação, rítmico e melódico)– “sozinho”.</p> <p>- Afinação:(a uníssono ou em contextos polifónicos simples);Consciência polifónica – “em conjunto”.</p> |
| <p>Sumário:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Continuação da preparação da música “Can Can” para o ESCOL’artes. • Início da criação do coro falado também para o mesmo projeto. | | | |

Aula nº 24

16/04/2015

Descrição – Reflexão – Avaliação

Iniciou-se a aula com aquecimento vocal com a mesma estrutura que a aula anterior

- Primeiramente relaxaram o corpo todo, balançando as mãos e os pés para livrar nosso corpo das tensões.
- Em seguida movimentaram as ancas para esquerda e para direita com os braços soltos.
- Movimentos giratórios com os ombros, primeiro para frente e depois para trás, de seguida foram levantados até conseguirem encosta-los na ponta das orelhas para tencioná-los e após alguns segundos soltaram.
- Levaram a cabeça para esquerda e puxando-a levemente com a mão esquerda. E depois para com o outro lado. Também com a cabeça, realizaram movimentos giratórios no sentido do ponteiro dos relógios e em sentido contrário.
- Por fim voltamos ao primeiro exercício relaxando todo nosso corpo, balançando as mãos e os pés para livrar nosso corpo das tensões.
- Massajaram toda a face e a cabeça com os dedos, passando pelas bochechas, nariz, boca, testa, pescoço.
- Articular bem a boca e a face como se fosse emitir o som “uoai”.
- Mexeram o maxilar para esquerda e para direita.
- Simularam um bocejo com a borca aberta e depois com a boca fechada.
- Com a língua empurraram o interior da bochecha esquerda, e depois o da direita.
- -Ainda com a língua fizeram movimentos giratórios.
- Inspiraram (usando a respiração diafragmática) em quatro segundos, segurando e soltando em som de “sss” em cinco segundos. Começaram em cinco segundos e progressivamente aumentaram até dez.
- Fizeram o mesmo exercício anterior levantando os braços na hora da inspiração até 90° e baixar lentamente na expiração.
- Deram golpes diafragmáticos emitindo os sons: “ss”, “ch”, “fu”, “ka”. Fazendo o mesmo dando dois golpes seguidos de cada vez.
- Inspiraram e soltaram emitindo o som de “trr”, “grr” e “brr”.

- Dando continuidades ao exercício anterior inspiraram e soltavam nos sons “trr”, “grr” e “brr” partindo do grave pro agudo e do agudo para o grave. Primeiro um de cada vez e depois misturamos os três.
- Repetiram o som “dó” em quatro semínimas de um compasso quaternário simples, aumentando o tom a cada compasso.
- Fazer escalas ascendentes e descendentes (até o quinto grau) pronunciando palavras e sílabas como: nó; má mé mi mo mu, ziu. Além de trabalhar a voz este exercício também trabalha a articulação.

Antes de iniciar o trabalho da canção “CAN CAN”, perguntou-se aos alunos se haviam estudado a peça na flauta, havendo poucos a tê-lo feito.

Assim sendo, deu-se início ao trabalho vocal da canção “CAN CAN” tendo em conta a melhoria da afinação das notas e à dicção do texto. Assim que se verificou que a peça estava interiorizada dei início à segunda partes da planificação.

Foram mostrados dois vídeos que elucidaram o que se pretendia com o coro falado.
<https://youtu.be/5Gvy5gp6UpQ>²² <https://youtu.be/2qVt3ZK1Aek>²³

No entanto, para que alunos pudessem ter uma noção histórica da evolução do séc. XX visualizaram este pequeno vídeo que mostra fotografias que marcaram a história mundial. <https://www.youtube.com/watch?v=omt9uVZYM7g>²⁴

Houve também uma breve explicação histórica que motivou o início da exploração vocal como o trote e o relinchar do cavalo, como também o som de máquinas a trabalhar. Os alunos tiveram a liberdade de criar e explorar sons vocais que melhor caracterizassem alguns elementos.

Deu-se por finalizada a aula sem cumprimento integral da planificação, não havendo tempo para ouvir os alunos que estudaram a peça “CAN CAN” na flauta.

²² Retirado do sitio da internet no dia 29 de março

²³ Retirado do sitio da internet no dia 29 de março

²⁴ Retirado do sitio da internet no dia 14 de abril

EB1/PE Vasco da Gama Rodrigues – Paul do Mar

Modalidade Canto Coral

Turma 3º e 4º anos

Aula nº 26
23/04/2015

hora 14.30 às 15.30

| Conteúdos | Competências | Atividades/Estratégias | Avaliação |
|---|---|---|--|
| <p>Técnicas de respiração</p> <p>Elementos expressivos / forma / andamento / intensidade</p> <p>Ritmo</p> <p>Melodia</p> | <p>- Desenvolver a concentração e a memória auditiva;</p> <p>- A execução e criação de repertório coral tradicional e diversificado simples, ou a uníssono com acompanhamento harmónico</p> <p>- O aperfeiçoamento das competências auditivo-afetivas inerentes ao canto coral: (sentido rítmico, sentido melódico e sentido harmónico/”afinação mútua”);</p> <p>- Utilizar a voz com naturalidade</p> <p>- Desenvolver o sentido estético (“o belo”) - sensibilidade</p> | <p>Aquecimento vocal.</p> <p>Canção “Can Can” – cantada e tocada – continuação.</p> <p>Exploração sonora de sons vocais que marcaram o desenvolvimento do séc. XX</p> | <p>- Concentração / Descrição / Discriminação auditiva/ Memorização auditiva</p> <p>- Entoação:(com consciência do sentido de pulsação, rítmico e melódico)– “sozinho”.</p> <p>- Afinação:(a uníssono ou em contextos polifónicos simples);Consciência polifónica – “em conjunto”.</p> |
| <p>Sumário:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aquecimento vocal. • Revisão da canção “Can Can” • Continuação da exploração sonora | | | |

Modalidade Canto Coral

Aula nº 26

23/04/2015

Descrição – Reflexão – Avaliação

Iniciou-se a aula com o aquecimento vocal, cumprindo toda a estrutura das aulas anteriores.


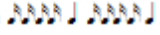
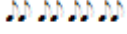

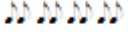

Após a realização do aquecimento os alunos cantaram a canção “Can Can”, refletindo uma maior acuidade vocal.

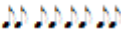
Repetiram mais duas vezes para que pudessem melhorar um pouco mais a afinação.

Deu-se continuidade à aula com a exploração sonora tendo como base uma partitura de acontecimentos históricos e do séc. XX.

- Início de um dia de trabalho – som da campainha de Fábrica;
- Sons de máquinas, serras, martelos, etc.
- Relinchar cavalo
- Trote do cavalo
- Sino do elétrico;
- Som do trabalhar do elétrico
- Som dos Carris do elétrico
- Motor de um carro antigo
- Buzina de um carro antigo
- Som do Avião
- Bomba a cair
- Explosão
- Ambulância
- Reconstrução da cidade com os sons do início
- Som do autocarro,
- Som de travagem do autocarro
- Som da porta abrir do autocarro
- Som de sintonizar um rádio antigo
- Música 50 cent – vocal
- Vento – sons da noite.
- Graffiti
- Vidro a partir
- Alarme
- Som do carro da policia.

No final da exploração foi criada uma partitura não convencional para que fosse mais fácil de memorizar.

| Coro Falado | |
|---|---|
| Crã  | Pum  |
| serra  | Pim  |
| relinchar Trote do cavalo | Relinchar Dácio Trote do cavalo |
| Sino do eléctrico | Motor do eléctrico Carril (celso) |
| Motor de um carro antigo | Buzina (celso) |
| 2º compasso bomba a cair | 1º compasso Avião |
| Pum (todos) | |
| Ambulância + gritos | |
| (reconstrução da cidade) | |
| serra  | Pim  |
| Motor do autocarro | Travagem do autocarro |
| Porta a abrir | Sai um miúdo com um rádio E começa a sintonizar (chchchch, |

| | |
|---|--|
| <p>(50 cent In da club)</p> <p>Se, se, se, </p> <p>(Som da noite)</p> <p>Vento</p> <p>Vidro a partir</p> <p>O rapaz a correr</p> | <p>jhbahb, chchchc, qerhqnd....</p> <p>Ritmo corporal (peito e palmas)</p> <p>Cantar a Melodia</p> <p>Graffiti</p> <p>Som de alarme</p> <p>Cirene da policia</p> |
|---|--|

A terminou um pouco mais tarde que o previsto, visto que os alunos quiserem acabar de construir a partitura para que pudessem levar para casa e estudar.

EB123/PE Professor Francisco Manuel Santana Barreto -Fajã da Ovelha

Modalidade Instrumental

Turma 3º e 4º anos
hora 14.30 às 15.30

Aula nº 23
13/04/2015

| Conteúdos | Competências | Atividades/Estratégias | Avaliação |
|--|--|--|--|
| <p>Aprendizagem da escalas Diatónica de Dó Maior;</p> <p>Execução instrumental de peças através da memorização ou da leitura na pauta;</p> <p>Prática de conjunto, utilizando instrumentos da família sopro,</p> | <p>Desenvolve técnicas de execução melódica apropriada e contextualizada (individualmente e em grupo), na Flauta;</p> <p>Conhece e desenvolve a musicalidade e o controlo técnico artístico, através do estudo e da apresentação individual e em grupo de diferentes interpretações;</p> <p>Adquire o gosto pela prática de conjunto, incluindo as atuações públicas;</p> <p>Enriquece o sentido estético favorecendo a cultura artística;</p> | <p>Aquecimento instrumental : Exercícios melódicos com diferentes técnicas de execução na escala maior de Dó</p> <p>Leitura e interpretação, através de vocabulário musical convencional e não convencional das peças “CAN CAN” e a 5ª Sinfonia de Beethoven.</p> <p>Experimentação de atividades, através de execução instrumental individual e coletiva;</p> | <p>Participação;</p> <p>Realização de exercícios;</p> <p>Técnica;</p> <p>Expressividade;</p> <p>Observação direta.</p> |
| <p>Sumário:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Continuação da preparação para o ESCOL’artes – flauta de bisel: • Continuação do estudo da peça “CAN CAN” e “5ªSinfonia” de Beethoven | | | |

B123/PE Professore Francisco M. S. Barreto

Turma 3º e 4º anos

ESCOL'artes - Instrumental- Flauta de Bisel

Aula nº 23

13/04/2015

Descrição – Reflexão – Avaliação

A aula número 23 iniciou-se com aquecimento na flauta, trabalhando a escala de Dó Maior ascendente e descendente, utilizando vários ritmos.

Após o aquecimento iniciou-se a leitura da peça “CAN CAN” para relembrar notas musicais e o ritmo, havendo sempre um cuidado em corrigir erros.

Fez-se então a primeira execução da flauta. Pode-se verificar estudo por parte de alguns alunos o que reflete empenho e interesse.

A peça foi tocada inicialmente de compasso a compasso e posteriormente frase a frase.

Iniciou-se então o estudo do pequeno excerto da 5ª Sinfonia, da mesma forma que a anterior. No entanto, apesar de ser pequena e de ter havido melhorias, continua a ser um pouco difícil acertar na 1ª entrada a contratempo.

A sessão decorreu em conformidade com o plano de aula, previamente elaborado, não tendo havido constrangimentos à aplicação do mesmo nem acontecimentos que implicassem a sua alteração ou ajustamento.

Anexo IV – Guião do Estúdio de Gravação

| DSEAM | | DIREÇÃO DE SERVIÇOS DE ENSINO ARTÍSTICO E CULTURAL DIVISÃO DE APOIO À EDUCAÇÃO ARTÍSTICA (DAEA) - ÁREAS ARTÍSTICAS NO ENSINO BÁSICO E SECUNDÁRIO Semana Regional das Artes – ESCOLartes - Guião | | Rev. 7 06/2012 | | | | | | | | | | | | | | |
|--------------------------------------|---------|---|---------|-------------------|---------------------------|---------|---------|--|-------------|------|------|-----------|------|------|-----------|--------|--------|--------|
| Professores: | | Escolas: | | | | | | | | | | | | | | | | |
| ESTÚDIO – Planificação das gravações | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Canções | Duração | Playback | Coro 01 | Coro 02 | Coro 03 | Flautas | | | Metalofones | | | Xilofones | | | Percussão | | | |
| | | | | | | Soprano | C. Alto | JSS | JSC | Sop. | Alto | Baixo | Sop. | Alto | Baixo | Pratos | Clavas | Guiços |
| 1- renaissance music in a castle | | X | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 2- Double violin concert samba | | X | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 3- Beethoven 5ª Sinfonia - início | | X | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 4- Offenbach Can Can | | X | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 5- Coró falado Sons mecânicos | | X | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 6- | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 7- | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 8- | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 9- | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Personagens | | Músicas de Fundo | | | Efeitos | | | Observações | | | | | | | | | | |
| 1- 13 | 8- | 1- renaissance music in a castle | | | 1- | | | É necessário um mecanismo para subir o candélabro. | | | | | | | | | | |
| 2- | 9- | 2- Double violin concert samba | | | 2- | | | | | | | | | | | | | |
| 3- 2 + coro | 10- | | | | 3- | | | | | | | | | | | | | |
| 4- 8 | 11- | | | | 4- | | | | | | | | | | | | | |
| 5- 13 | 12- | | | | 5- | | | | | | | | | | | | | |
| 6- voz off | 13- | | | | 6- | | | | | | | | | | | | | |
| 7- | 14- | | | | 7- | | | | | | | | | | | | | |
| Coordenador Concelhio (CAA): | | Coordenador (CRAA ou CMA): | | | Chefe de Divisão (CDAEA): | | | Data: | | | | | | | | | | |

Anexo V – Solicitação da Caraterização

FR-263
Rev.1
05/2013

DIREÇÃO DE SERVIÇOS DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA E MULTIMÉDIA
DIVISÃO DE APOIO À EDUCAÇÃO ARTÍSTICA - SEMANA REGIONAL DAS ARTES
Caraterização

DSEAM

Espetáculo: (*) Abertura ☐ (*) Festa no Jardim ☐ ESCOLartes ☒ Encerramento ☐
(*) Modalidade ☐

Dia: 19/06/2015

Hora: 15h

Local: Tecnopolo

Notas:

1.- Os adereços e arranjos de cabelos é da responsabilidade de cada grupo.

2.- A partir de 31/05 não recebemos mais solicitações para caraterização.

3.- Por favor anexem imagens das personagens a caraterizar.

(*): Apenas pequenos apontamentos

Professor responsável: Celso Gonçalves

Contacto: 914209270

CARATERÍSTICAS DA CARACTERIZAÇÃO

| Personagem | N.º de alunos/crianças | Tipo | | Observações |
|-------------------------------------|------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|--|
| | | Facial | Corporal | |
| Discipulos (quadro ultima ceia) | 5 | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 2 Barbas brancas; 5 barbas castanhas claras; 1 barba preta |
| estátuas de uma sala de espetáculos | 6 | <input checked="" type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | pintar cara e mãos de dourado |
| | | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | |
| | | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | |
| | | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | |
| | | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | |
| | | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | |
| | | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | |
| | | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | |
| | | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | |
| | | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | |
| | | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | |
| | | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | |
| | | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | |

COMENTÁRIOS E APROVAÇÃO PELA CHEFE DE DIVISÃO DE APOIO À EDUCAÇÃO ARTÍSTICA (CDAEA)

CDAEA:

Data:

CONHECIMENTO E DISTRIBUIÇÃO DE TAREFAS PELO COORDENADOR DA EQUIPA DE ANIMAÇÃO (CEA)

CEA:

Data:

Anexo VI – Cartaz da Semana Regional das Artes

REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA
GOVERNO REGIONAL

SRE
SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO
DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO

SRETC
SECRETARIA REGIONAL DA ECONOMIA,
TURISMO E CULTURA

**De 15 a 21
de junho
2015**

Integrada no Festival do Atlântico

Locais
Praça Central da Avenida Arriaga | Jardim Municipal
Espaço InfoArt da SRETC | Teatro Municipal Baltazar Dias
Museu da Eletricidade-Casa da Luz | Madeira Tecnopolo
Praça do Povo | Largo das Palmeiras - Porto Santo

Participação
Crianças do pré-escolar | Alunos do ensino básico e secundário
Utentes dos CAO da RAM
Equipa de Animação e Grupos da DSEAM

**SEMANA
REGIONAL
das
ARTES**

Bilhetes à venda:
(ESCOLArtes)
- DSEAM: Travessa do Nogueira, n.º11
Funchal
- Loja do Cidadão: Balcão da SRE

Informações:
291 203 057 (DSEAM)

Produção

Parceiros

Apoios

INTERVIR + para uma Região cada vez mais Europeia

INTERVIR +

FUNCHAL
Câmara Municipal

MACHICO
Câmara Municipal

ALM

FABER-CASTELL
uma vida
para sempre para todos e todos!

pebeo
laboratório da produção

Anexo VII – Fotos do Ensaio Geral









Anexo VIII – Fotos do Espetáculo











Anexo IX – Alunos caracterizados para o Quadro da Última Ceia



Anexo X – Fotografia do jornal D.N: da Madeira do de 20 de junho de 2015



Anexo XI – Questionários aos Titulares de Turma

Escola Superior de Educação de Coimbra Departamento de Artes e Tecnologia

Entrevista ao Titular de Turma

Este questionário insere-se num trabalho de investigação que está a ser desenvolvido na Escola Superior de Educação de Coimbra, no âmbito do Mestrado em Educação Musical do Ensino Básico intitulado: **Música no 1º ciclo na Região Autónoma da Madeira: conceção, implementação e avaliação do ESCOL'artes**

Os dados recolhidos são totalmente confidenciais e destinam-se exclusivamente ao fim apresentado anteriormente.

**Grata pela colaboração.
A docente Filipa Carvalho**

1º Parte

Dados Relativos à Identificação

1. Idade: 46 Anos
2. Sexo: Feminino ☐ Masculino ☒
3. Indique a sua formação de base: Docente de 1º ciclo
4. Indique quantos anos possui na carreira docente: 13 anos
5. Nível de ensino que leciona: 1º ciclo – 3º /4º anos

2º Parte

Entrevista

1. Que impacto tem na componente curricular a Educação Artística nos moldes em que ela se pratica na RAM?

R: O impacto que tem na componente curricular é de extrema importância no desenvolvimento pessoal, escolar e social dos alunos, estando dentro dos moldes adequados aos níveis de ensino.

2. De acordo com a sua experiência docente, que diferenças encontra entre a prática da Educação Artística na RAM e outras que tenha conhecido?

R: Não posso responder a esta pergunta pelo facto de só conhecer a prática da Educação Artística na RAM. Por este motivo não posso estabelecer diferenças entre as diferentes práticas em vigor.

3. Qual a importância da coadjuvância nas áreas artísticas para o desempenho da sua função de Docente no 1º ciclo? Facilita a sua prática?

R: A coadjuvância é muito importante pelo facto de ter uma docente especializada na área. No meu caso não tenho qualquer habilitação na área de Educação Artística.

4. Qual o reflexo do ESCOL'artes no crescimento individual e coletivo dos alunos?

R: O ESCOL, artes permite que os alunos vivenciem momentos únicos, experimentem novas realidades, convivam e conheçam novos colegas, todos estes factores são muito importantes no seu desenvolvimento individual e coletivo. O facto de saírem do seu espaço diário, já por si é uma mais valia.

5. Qual o impacto que o ESCOL'artes tem na comunidade escolar?

R: O ESCOL, artes, permitiu que toda a comunidade escolar se envolvesse, causando algum impacto através dos constantes ensaios, da participação ativa do seu entusiasmo, da sua entrega e através disso os Encarregados de Educação se mostrassem também interessados e contentes pela participação dos seus educandos neste evento regional.

6. Qual o feedback que tem dos Encarregados de Educação?

R: O feedback que recebi dos Encarregados de Educação é muito positivo.

**Agradeço a sua Colaboração.
Filipa Carvalho**

**Escola Superior de Educação de Coimbra
Departamento de Artes e Tecnologia**

Entrevista ao Titular de Turma

Este questionário insere-se num trabalho de investigação que está a ser desenvolvido na Escola Superior de Educação de Coimbra, no âmbito do Mestrado em Educação Musical do Ensino Básico intitulado: **Música no 1º ciclo na Região Autónoma da Madeira: conceção, implementação e avaliação do ESCOL'artes**

Os dados recolhidos são totalmente confidenciais e destinam-se exclusivamente ao fim apresentado anteriormente.

**Grata pela colaboração.
A docente Filipa Carvalho**

1º Parte

Dados Relativos à Identificação

6. Idade: 33 Anos
7. Sexo: Feminino ☒ Masculino ☐
8. Indique a sua formação de base: Licenciatura em Ensino Básico – 1º Ciclo
9. Indique quantos anos possui na carreira docente: 10 anos
10. Nível de ensino que leciona: 1º Ciclo

2º Parte

Entrevista

7. Que impacto tem na componente curricular a Educação Artística nos moldes em que ela se pratica na RAM?
A Educação Artística é muito importante para a formação integral dos alunos, motivando e fornece-lhes competências práticas.
8. De acordo com a sua experiência docente, que diferenças encontra entre a prática da Educação Artística na RAM e outras que tenha conhecido?

Na RAM a Educação Artística e os professores que a leccionam estão integrados na componente curricular do 1º ciclo (e não só nas AEC), permitindo a articulação mais completa entre todas as áreas curriculares (disciplinares e não disciplinares).

9. Qual a importância da coadjuvância nas áreas artísticas para o desempenho da sua função de Docente no 1º ciclo? Facilita a sua prática?
A coadjuvância enriquece e complementa a minha prática docente, pois posso contar com um professor “especialista” para aprofundar os conhecimentos e capacidades dos alunos nas áreas artísticas.
10. Qual o reflexo do ESCOL’artes no crescimento individual e coletivo dos alunos?
É o momento em que os alunos apresentam um trabalho realizado ao longo de um ano letivo e é um momento mais formal de contacto com o mundo artístico, em diversas vertentes. Os alunos aprendem a trabalhar em grupo ao longo de todo o processo.
11. Qual o impacto que o ESCOL’artes tem na comunidade escolar?
A comunidade escolar demonstra interesse em colaborar na construção do “espetáculo” e aprecia principalmente o momento da sua apresentação.
12. Qual o feedback que tem dos Encarregados de Educação?
Os Encarregados de Educação orgulham-se da participação dos seus educandos.

**Agradeço a sua Colaboração.
Filipa Carvalho**

**Escola Superior de Educação de Coimbra
Departamento de Artes e Tecnologia**

Entrevista ao Titular de Turma

Este questionário insere-se num trabalho de investigação que está a ser desenvolvido na Escola Superior de Educação de Coimbra, no âmbito do Mestrado em Educação Musical do Ensino Básico intitulado: **Música no 1º ciclo na Região Autónoma da Madeira: conceção, implementação e avaliação do ESCOL'artes**.

Os dados recolhidos são totalmente confidenciais e destinam-se exclusivamente ao fim apresentado anteriormente.

Grata pela colaboração.
A docente Filipa Carvalho

1º Parte

Dados Relativos à Identificação

11. Idade: 47 Anos

12. Sexo: Feminino

☒

Masculino

☐

13. Indique a sua formação de base: _bacharelato no 1º ciclo

14. Indique quantos anos possui na carreira docente: 23 anos

15. Nível de ensino que leciona: 1ºCiclo-3º/4ºano

2º Parte

Entrevista

13. Que impacto tem na componente curricular a Educação Artística nos moldes em que ela se pratica na RAM?

A Educação Artística tem um grande impacto na componente curricular, nos moldes em que é praticada na RAM, porquanto contribui para a construção da identidade pessoal e social dos alunos, pois permite que os mesmos participem em desafios coletivos e individuais que expressam muitas vezes a sua identidade pessoal e regional, as suas culturas e possibilitam ainda conhecer e entender tradições e culturas de outros povos. São ainda uma área privilegiada para aprendizagens ao longo da vida.

14. De acordo com a sua experiência docente, que diferenças encontra entre a prática da Educação Artística na RAM e outras que tenha conhecido?

Conheci a prática da Educação Artística na RAA e no Continente, todavia já foi há largos anos, portanto não estou muito atualizada, mas do que me recorde, a Educação Artística na RAM é mais envolvente e enriquecedora devido aos vários desafios coletivos e individuais que proporciona às crianças.

15. Qual a importância da coadjuvância nas áreas artísticas para o desempenho da sua função de Docente no 1º ciclo? Facilita a sua prática?

A coadjuvância nas áreas artísticas facilita a minha prática, na medida em que desenvolve e desinibe os alunos principalmente na Expressão Dramática, na Expressão Musical fornece competências e conhecimentos que permitem o desenvolvimento global dos discentes. Muitas vezes as parcerias que estabelecemos com os docentes de Expressão Artística resultam extremamente produtivas e permitem-nos conhecer outras facetas das nossas crianças. Há ainda que referir a prazer que os alunos na maioria dos casos tiram destas áreas o que vem ajudá-los a sentirem-se melhor na escola principalmente se tiverem dificuldades noutras áreas.

16. Qual o reflexo do ESCOL'artes no crescimento individual e colectivo dos alunos?

O ESCOL'artes é um projeto coletivo, que envolve crianças das diferentes escolas do concelho para treinarem juntas um projeto que mais tarde é apresentado no Funchal. Possibilita um grande conhecimento aos alunos pois esta interação alarga os seus horizontes. Portanto crescem individualmente e a nível de grupo.

17. Qual o impacto que o ESCOL'artes tem na comunidade escolar?

Tem um grande impacto, pois toda a comunidade escolar se envolve para que os alunos da escola tenham um bom desempenho e representem bem a sua escola e o seu concelho. Claro que a Coordenação deste projeto é do docente da Expressão Artística...

18. Qual o feedback que tem dos Encarregados de Educação?

Os Encarregados de Educação têm dado um feedback positivo, porque colaboram nos que lhes é pedido e alguns deles preocupam-se em assistir ao espetáculo final. Mostram-se orgulhosos com a participação dos filhos.

**Agradeço a sua Colaboração.
Filipa Carvalho**